

Janeiro 2018 - N. 139 - Ano XI

Revista

CANAVIEIROS

A força que movimenta o setor



Faces da Sustentabilidade

Equilíbrio ambiental, social e principalmente financeiro

Tiragem auditada por
MOORE STEPHENS

Leia edições anteriores,
posicionando o leitor
QR code de seu celular.



Entrevista
Dr. Evaristo Eduardo
de Miranda - diretor
da Embrapa
Territorial



Especial
Artur Monassi:
Homem-máquina



IAC faz o maior levantamento de intenção de plantio já realizado

STONE

Um herbicida de peso na soca úmida e plantio.



Ideal para períodos úmidos



Excelente ação em folhas largas e estreitas



Controle e residual em sementes grandes



Ótima ação em pré e pós-emergência inicial das plantas daninhas



Altamente seletivo



STONE. CONTROLE COMO NUNCA.

SEMEANDO E CULTIVANDO A VIDA, *Juntos*

ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Siga as recomendações de controle e restrições estaduais para os alvos descritos na bula de cada produto. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por terceiros de idade. Faça o Manejo Integrado de Pragas. Descarte corretamente as embalagens e restos do produto.

CONSULTE SEMPRE
UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB
RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.



FMC



/fmcagricola



/FmcAgricolaBrasil



/fmcagricola



/fmcagricola

fmcagricola.com.br



RESPONSABILIDADE E MATURIDADE

Palavras como sustentabilidade, responsabilidade social, econômica e ambiental são comuns, necessárias e vivenciadas cotidianamente no agronegócio nacional.

Em pleno 2018, muitos ainda não têm conhecimento disso e como o que é bom precisa ser divulgado, nunca é demais abordar o assunto. Tanto que esse é o tema de nossa reportagem de capa: As faces da sustentabilidade.

O atendimento às regras do código florestal, a mecanização do corte e a formalização das relações trabalhistas são exemplos recentes de busca por esse equilíbrio em todas as vertentes do negócio. Os resultados disso são visíveis em nossa economia, mas ainda assim é preciso desmistificar alguns conceitos equivocados por parte da população. Mais uma tarefa para o Super Agro!

A seção Entrevista traz um bate-papo bem esclarecedor com o diretor da Embrapa Territorial, dr. Evaristo Miranda. Ele conta que um trabalho prestes a ser concluído mostra que a agropecuária nacional destina aproximadamente US\$ 1 trilhão para preservar o meio ambiente, uma quantia bem significativa.

O início do ano traz várias indagações e expectativas e, para sanar algumas delas, a seção Ponto de Vista mostra a visão de José Mauro Coelho, diretor de Estudos do Petróleo, Gás e Biocombustíveis da EPE, em relação às perspectivas para o setor de biocombustíveis no país em 2018, enquanto o professor Marcos Fava Neves traça

a agenda de trabalho para o setor sucroenergético na coluna Caipirinha.

Em nossas páginas, o leitor também irá encontrar, em Assuntos Legais, informações pertinentes sobre a Lei nº 13.606/2018, que inclui o Funrural, dívidas rurais, o PRR (Programa de Regularização Tributária Rural) e a indisponibilidade de bens.

Saiba ainda em Notícias Copercana os ganhadores da campanha Copercana Premiada 2017 e o resultado do trabalho da BioCoop, que ajudou a não descartar no meio ambiente mais de 360 toneladas de lixo reciclável.

A importância e contribuição da biblioteca “General Álvaro Tavares Carmo” para o município de Sertãozinho e região pode ser conferida em Notícias Canaeste. A instituição completou 45 anos no mês de dezembro e atende, semanalmente, em torno de 200 pessoas em busca de cultura e informação.

Ainda em tempo e como estamos em período de chuvas, as previsões para os meses de janeiro a março, presentes na editoria Informações Climáticas, mostram que é preciso ter atenção ao controle de ervas daninhas e com as cigarrinhas das raízes - uma informação importante, já que os custos destes controles são representativos.

Ao longo das próximas páginas, o leitor irá perceber que nossa primeira edição de 2018 está repleta de boas notícias. Aproveite!

Boa leitura!

EXPEDIENTE

CONSELHO EDITORIAL:

Antonio Eduardo Toniello
Augusto César Strini Paixão
Clóvis Aparecido Vanzella
Manoel Carlos de Azevedo Ortolan
Manoel Sérgio Sicchieri
Oscar Bisson

EDITORA:

Carla Rossini - MTb 39.788

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO:

Rodrigo Moisés

EQUIPE DE REDAÇÃO E FOTOS:

Diana Nascimento, Fernanda Clariano, Marino Guerra e Rodrigo Moisés

COMERCIAL E PUBLICIDADE:

Rodrigo Moisés
(16) 3946-3300 - Ramal: 2305
rodrigomoises@copercana.com.br
comercial@revistacanaaveiros.com.br

IMPRESSÃO:

São Francisco Gráfica e Editora

REVISÃO:

Luéli Vedovato

TIRAGEM DESTA EDIÇÃO:

20.500 exemplares

ISSN:

1982-1530

Conselho Editorial

A Revista Canaveiros é distribuída gratuitamente aos cooperados, associados e fornecedores do Sistema Copercana, Canaeste e Sicoob Cocred. As matérias assinadas e informes publicitários são de responsabilidade de seus autores. A reprodução parcial desta revista é autorizada, desde que citada a fonte.

ENDEREÇO DA REDAÇÃO:

A/C Revista Canaveiros
Rua Augusto Zanini, 1591
Sertãozinho - SP - CEP: 14.170-550
Fone: (16) 3946.3300 - (ramal 2008)
redacao@revistacanaaveiros.com.br

www.revistacanaaveiros.com.br
www.twitter.com/canaaveiros
www.facebook.com/RevistaCanaveiros





Matéria de capa
página 42-49

SUMÁRIO

Janeiro 2018

Revista Canaveiros
A força que movimenta o setor

14. ENTREVISTA: RETROSPECTIVA 2017 E PERSPECTIVAS 2018: TEMPO DE MUDANÇAS

Em 2017 as cotações do açúcar no mercado internacional caíram gerando um pior desempenho da commodity, em compensação o preço do etanol agradou os produtores e alguns segmentos deram os primeiros sinais de um início de recuperação após um período de recessão.

18. PERSPECTIVAS PARA O SETOR DE BIOCOMBUSTÍVEIS DO BRASIL EM 2018

O ano de 2017 foi muito importante para o setor de biocombustíveis no Brasil, com a promulgação da Lei nº 13.576, de 26 de dezembro de 2017, que dispõe sobre a Política Nacional de Biocombustíveis (RenovaBio).

24. CAMPANHA COPERCANA PREMIADA 2017

Campanha promocional de final de ano premia consumidores de Sertãozinho e da região

E MAIS:

34. A BIBLIOTECA DA CANAOESTE ESTÁ EM FESTA

Livros, revistas e muitas histórias sempre marcaram a trajetória da Biblioteca que comemorou em dezembro 45 anos.

66. PAPEL, CELULOSE E EMBALAGEM

CEO da Klabin, maior empresa brasileira do ramo, mostra o "norte" que o segmento deve seguir



AGROPECUÁRIA DESTINA CERCA DE US\$ 1 TRILHÃO AO MEIO AMBIENTE

Dr. Evaristo Eduardo de Miranda
- diretor da Embrapa Territorial

Marino Guerra



Na metade do ano passado, as manchetes do mundo se voltaram para mais um ato de solidariedade do bilionário Bill Gates. Na ocasião ele destinou 64 milhões de ações da Microsoft à fundação que ele e sua esposa dirigem e atuam em causas filantrópicas. Esse montante renderia, no valor de cotação do dia do nobre gesto, US\$ 4,6 bilhões aos menos favorecidos. O que é digno de aplausos.

Celebridades, e aqui eu uso como exemplo a modelo Gisele Bündchen, emprestam um pouco da sua fama e glamour (o que é impossível quantificar monetariamente) para defender causas ambientais, principalmente as relacionadas à floresta Amazônica, o que também é digno de aplausos.

Ao final da entrevista com o diretor da Embrapa

Territorial, dr. Evaristo Eduardo de Miranda, ficam duas indignações no ar. Por que um setor que destina cerca de US\$ 1 trilhão à causa ambiental é apontado como um dos maiores vilões do planeta pela imprensa mundial (inclusive boa parte da brasileira) e o dono de uma gigantesca empresa (que tem faturamento próximo a toda exportação do agronegócio brasileiro) ao doar cerca de 5% de sua fortuna ganha manchetes do mundo todo? Por que a adorada modelo brasileira não usa a sua imagem e também a de seu marido (Tom Brady, ídolo do futebol americano), para disseminar o que a agricultura brasileira está fazendo em termos de conservação ambiental e tentar implantar medidas parecidas na América do Norte e no restante do globo?

Embora indignado, terminei o dia aliviado ao constatar que a produção de alimentos e energia brasileira é simplesmente uma das atividades econômicas, se não a mais, eficiente, sob todos os aspectos que envolvem o conceito de sustentabilidade.

Acompanhe a entrevista e saiba ainda mais porque o nosso agronegócio é digno de orgulho e admiração:

Revista Canavieiros: Seria possível traçar o perfil da ocupação agrícola no Brasil antes do CAR (Cadastro Ambiental Rural)?

Evaristo Eduardo de Miranda: Até a aplicação do CAR, se alguém perguntasse quanto que cada produtor destina de área na preservação do meio ambiente e na proteção de mata nativa, nós não tínhamos a menor informação precisa disso.

Se alguém perguntasse quanto a agricultura no estado de São Paulo ou no bioma cerrado não explora a sua área, não teríamos nada circunstanciado sobre isso, a única coisa que tínhamos eram informações do censo, que são declaratórias, sem nenhuma base em mapas e também bastante genéricas. Quando o recenseador questiona alguém no campo, nada comprova que ele tenha respondido de maneira correta.

Revista Canavieiros: Então o CAR foi um divisor de águas?

Miranda: Eu trabalho com a área de inteligência territorial há décadas, estou há 38 anos na Embrapa e posso dividir minha carreira nessa área antes e depois do CAR. Sua importância para minha área de atuação aconteceu através do Código Florestal, quando estabeleceu que todo produtor rural deveria fazer esse cadastro geocodificado, ou seja, o produtor baixaria uma imagem de satélite, ou no caso de São Paulo uma de orthophoto, e nela, com um detalhe de 5 metros e de um metro para os paulistas, delimitava todas as características do seu imóvel. Com isso, identificou todas as áreas que dedicou para a preservação do meio ambiente, a título de APP (Área de Preservação Permanente) ou Reserva Legal, além de identificar toda a sua propriedade dividida em 18 categorias.

Revista Canavieiros: Mas como está a adesão a esse cadastro, essa base de dados já está madura para a realização de um estudo?

Miranda: A grande dificuldade foi colher os dados dos lugares mais remotos do interior do Brasil, onde há localidades sem energia elétrica, você imagina internet! Mas recorrendo a empresas de geoprocessamento, e também o esforço de diversos atores, de uma forma ou de outra, essas informações foram colhidas. Assim, no último balanço publicado em outubro do ano passado, já haviam aproximadamente 4,5 milhões de agricultores cadastrados e isso é praticamente o essencial do universo agrícola do Brasil.

Falo isso baseado nos números do último censo, de 2006, quando identificava 5,3 milhões de agricultores, mas dentro desse universo haviam os que não têm terra como, por exemplo, os apicultores, que desenvolvem uma prática rural, mas não têm área, ou seja, não faz sentido eles estarem no CAR. Nesse número também estão envolvidas atividades como pesca ou extrativistas. Ainda baseado no estudo do IBGE, a Embrapa fez um estudo sobre a quantidade de agricultores que tenham terra e renda, o que deu um contingente de 4,3 milhões, chegando muito próximo da quantidade de cadastros.

Revista Canavieiros: Como se deu a concepção do estudo sobre a quantidade de áreas de preservação que os agricultores brasileiros dedicam?

Miranda: Ao ser publicados, os dados foram disponibilizados para acesso público pelo Ministério do Meio Ambiente, sendo organizado pelo serviço florestal brasileiro. Assim, nós daqui da Embrapa decidimos baixar todos esses dados, é muita informação, se imaginar que cada propriedade gera centenas, somando esse volume todo temos um “big data”, mas não um simples, um geo.



Nisso já eliminamos as primeiras críticas, onde diziam que as informações também não teriam total credibilidade por serem também declaratórias, o que não está errado dizer. No entanto, é preciso complementar observando que junto é enviada uma planta da propriedade com tudo que tem dentro e especificando como é utilizada. É como pegar um apartamento e descrever cada móvel e eletrodoméstico dentro de cada cômodo através de uma foto aérea.

Sendo um arquivo muito detalhado, era necessário trabalharmos as informações para responder a uma pergunta de maneira mais objetiva possível. E a pergunta era: Quanto os agricultores dedicam de suas áreas para a preservação da vegetação nativa no Brasil?

Revista Canavieiros: Quanto os agricultores dedicam de suas áreas para a preservação da vegetação nativa no Brasil?

Miranda: A pergunta era uma só, mas as respostas foram diversas e surpreendentes, o que atraiu o interesse de várias pessoas para realizar publicações e reportagens.

No início fomos totalizando tudo progressivamente, começando com uma propriedade, onde se via identificada a área de APP, reserva legal e outras, enfim sabemos o quanto ele preserva. Depois juntamos todas as APPs, a noção inicial era a de que tínhamos uma imagem muito segmentada, separada em pedaços fragmentados, mas para nossa surpresa não. Quando começamos a juntar os dados, reparamos que tudo conectava, se retirar os imóveis é constatado que a vegetação ao longo dos rios está quase que toda preservada, o que revelou uma conexão impressionante no Estado de São Paulo, que é a unidade da federação que mais usa as terras, onde a agricultura trabalha de maneira mais intensiva.

Quando se vai diminuindo o zoom da imagem, percebem-se as conexões mais consolidadas ainda, respeitando as bacias hidrográficas.

Ampliando a imagem para todo o território brasileiro e agregando as áreas protegidas (unidades de conservação e terras indígenas) é apresentado o quanto é dedicado à vegetação nativa. Vale lembrar que dentro da área de preservação dos agricultores evidentemente encontram-se as que estão em um estágio muito evoluído, têm as que ainda estão se formando, outras voltando (vítimas de queimada), ou seja, essa vegetação nativa tem uma heterogeneidade muito grande.

Revista Canavieiros: Depois do PRA (Programa de Regularização Ambiental), essa mancha verde crescerá mais?

Miranda: Além do PRA, crescerá por outras duas razões. O número de preservação dos produtores rurais no Brasil que o estudo chegou foi de 177 milhões de hectares, porém é preciso ressaltar que ainda estão faltando as informações do Mato Grosso do Sul e Espírito Santo e também ainda entrará um número significativo de cadastros da região Nordeste. Não há dúvidas que essas áreas irão aumentar.

Revista Canavieiros: Vamos aos números?

Miranda: Para começar, o que impressiona é que, do total, os produtores brasileiros preservam 48% de seus imóveis. Aqui é a única agricultura do mundo que usa metade e preserva metade. Imagina chegar em Nebraska (estado referência na produção de milho nos Estados Unidos) e dizer que a partir de agora eles vão destinar à preservação nativa metade das suas fazendas, é o que acontece no Brasil. Evidentemente que esse percentual é muito acima na Amazônia e menor em São Paulo.

Por puro capricho da matemática, o total de área preservada em todo território brasileiro também dá 48%, sendo 21% de responsabilidade dos agricultores e 27% de parques e reservas indígenas. Ainda é preciso considerar uma fatia de terras ou que são militares ou são devolutas (terras públicas sem destinação de posse) onde se chega, na soma das três a 66%.

Nessa conta ainda entram 8% de pastagens nativas (pantanal, caatinga, cerrado e pampas), 13% de pastagens plantadas e manejadas, 9% área de agricultura florestal, sobrando para áreas de lavoura, culturas de alto rendimento, como cana, soja, milho, café, laranja, algodão, morango, alface e outras, 7,8% de Brasil.

Só para concluir, ainda existem cerca de 4% destinados a infraestrutura, sistemas energéticos e minerados e indústrias urbanas.

Revista Canavieiros: Esse número faz com que quem está com a pedra na mão para atirar na agricultura brasileira a deixe cair no chão?

Miranda: Não dá para atribuir que ao utilizar 7,8% da área do país a agricultura esteja comprometendo o planeta, essa definição se torna um pouco exagerada e os números provam que estamos longe dessa situação. O Brasil usa muito pouco do seu território na produção agrícola.

Outro ponto de atenção está relacionado à pecuária, que ocupa 21% do território, sendo 8% de pastagens nativas, uma vegetação conservada que, no entanto, não é preservada pois as suas características viabilizam que vire um pasto. Contudo, é preciso considerar que a presença de rebanho é mínima e a própria natureza faz o seu controle. No caso do pantanal, por exemplo, quando está no período de cheia grande parte dessa área fica submersa; já na caatinga o que limita a criação de ovinos é a seca, deixando o alimento mais escasso.

Então, se considerarmos a vegetação protegida, preservada e conservada, no caso das pastagens nativas, nós estamos com 74% da área dedicada à vegetação nativa do país, é um número gigantesco.

Revista Canavieiros: E então o estudo da NASA mandou os críticos para casa?

Miranda: Foi uma espécie de presente de Natal, ele foi divulgado no final de novembro, onde apresentou as áreas cultivadas do planeta, as pastagens e florestas plantadas ficaram de fora, só considerou as lavouras do mundo. No material eles mapearam imagens por satélite com 30 metros de detalhe, essa imagem é menos detalhada em comparação ao nosso, mas precisa considerar a complexidade de reconhecer cenários diferentes em todo o globo. Sem um método isso seria impossível e para se ter ideia apanhamos para identificar o que era caatinga.

O tempo de análise foi de dois anos, passando por satélite para ter certeza de tudo e então anunciaram os números de área cultivada de cada país, e para a alegria nossa eles disseram que no Brasil a área é 7,6%. Como a NASA falou, todo mundo que ainda gritava abaixou o tom.

Então, o ministro da agricultura escreveu uma nota dizendo que isso somente confirmava os dados da Embrapa, a diferença era de apenas 0,2%, e ainda disse acreditar que a equipe do Dr. Evaristo estava correta, e estamos mesmo, pois já identifiquei alguns erros no estudo da agência americana. O importante foi termos uma confirmação assim, inesperada.

Revista Canavieiros: O que a NASA apontou comparando a lavoura brasileira com o resto do mundo?

Miranda: No estudo que fizemos, concluímos que, em média, os países do mundo cultivam de 25 a 30% de seus territórios. Lógico que excluimos nações desérticas como Arábia Saudita ou Argélia.

Na Europa essa média sobe para mais de 60%, há países como a Dinamarca que ultrapassa a casa dos 75%, taxas muito altas de agricultura, peculiaridade dos países pequenos do velho continente, a própria Holanda que cultiva em toda área possível. Considerando os países grandes, quem detém a maior área, a Ásia, a China e a Índia são grandes países produtores, depois vem os EUA e a Rússia. O Brasil está em quinto em tamanho de área.

Revista Canavieiros: E de preservação?

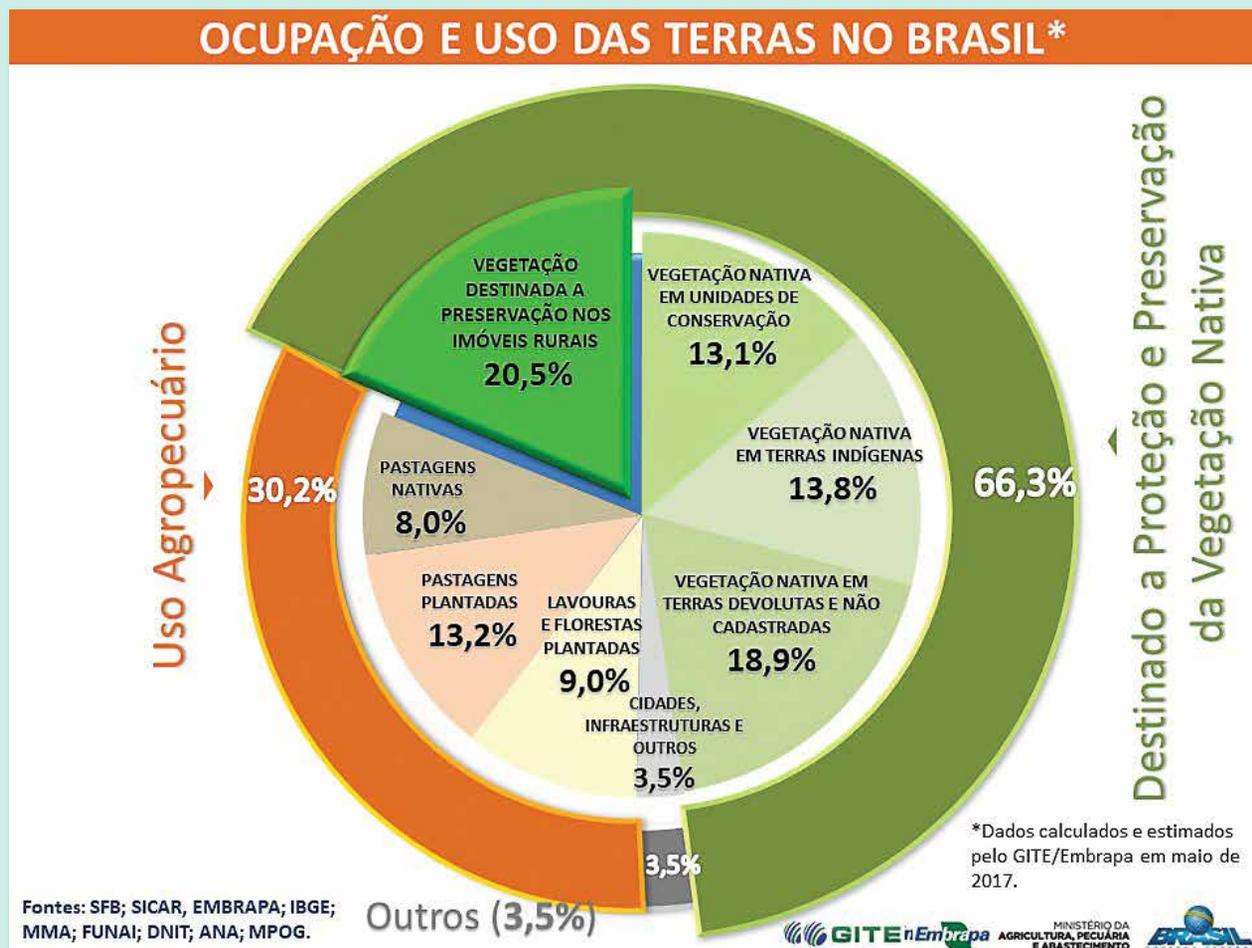
Miranda: Nós somos de longe os líderes mundiais, ninguém chega nem perto. Estou dizendo isso com base em um arquivo das áreas protegidas do mundo (UNEP) divulgado pela ONU em 2016, no qual ele aponta que só de área pública preservada o Brasil tem 30% (unidades de conservação e terras indígenas) então observei o quanto os países de grandes extensões, com mais de 2 milhões de km, estavam protegendo e a média deles ficou em 10% do território, ou seja, só nesse quesito protegemos três vezes mais que os outros países continentais. Para completar a discrepância, percebo que diversas áreas com baixíssimo

potencial produtivo fazem parte da relação de preservação dessas nações como, por exemplo, o deserto de Sonora (Arizona, EUA), deserto de Mojave (Califórnia, EUA), deserto de Gobi (China), deserto do Outback (Austrália) e o norte do Alasca (EUA), ao contrário do Brasil onde a grande maioria das reservas tem alto potencial mineral e energético, sem mensurar o custo que temos de produção, pois são áreas onde há riquezas e onde há riqueza há cobiça.

A título de exemplo, se pegar o Mato Grosso e considera-lo um país, ele será o segundo do ranking de área protegida, só perdendo para o próprio Brasil. Todos os estados que compõem a floresta Amazônica ganham, inclusive, do país, chegando a quase 70%.

Não tem para ninguém, somente em áreas protegidas, sem contar as preservadas pela agropecuária, somos a maior potência mundial, tanto na forma absoluta, como relativa.

Revista Canavieiros: Acrescentando a área preservada pelos agricultores, somos ainda mais soberanos?



Miranda: Os agricultores reservam 20% do Brasil, no entanto vale ressaltar a tendência de alta desse número, isso porque acredito que quando entrarem os dados que estão faltando no CAR e também iniciar o PRA é possível que os agricultores possam se aproximar muito em preservar ¼ de todo o país.

Revista Canavieiros: O senhor já estimou algum valor de quanto custa preservar quase que ¼ de todo o país?

Miranda: Vamos trabalhar com o seguinte raciocínio: quando o Governo não quer que ninguém use determinada área, ele desapropria e paga por ela. A dos agricultores ele não pagou nada, mandou fazer e toda a conta ficou dentro da porteira. Isso, quando explanado em outros países, as pessoas simplesmente não assimilam, acham que o Governo devolve o esforço através de algum benefício.

Somente com esse fato, ainda não entrando nos números, já dá para concluir que o agricultor brasileiro é o que mais preserva o meio ambiente no mundo por simplesmente destinar um pedaço razoável de área produtiva para a mãe natureza.

Mas partimos para uma pesquisa para saber o valor patrimonial, ou seja, do patrimônio fundiário que eles estão imobilizando com APP e reserva legal. Primeiro fizemos um levantamento do valor da terra por cada município e multiplicamos pela quantidade de área verde daquela localidade. O trabalho ainda não está fechado, mas nossa primeira estimativa apontou aproximadamente R\$ 3,2 trilhões ou US\$ 1 trilhão, essa é a contribuição da agropecuária brasileira para salvar o planeta. Que setor no mundo destina quantia parecida em prol de uma causa sustentável?

Revista Canavieiros: Mas essa conta não para aí, existem ainda os custos de manutenção, como o senhor os enxerga?

Miranda: Além de imobilizar esse patrimônio, não basta largar, deixar lá, porque se o gado invadir a culpa é do produtor, ele que é multado, então tem que fazer cerca. Se o fogo vier de um outro lugar e entrar na área, o agricultor responde pelo fogo, então tem que fazer aceiro. Se alguém entrar e roubar madeira, é multa, então tem que colocar vigilância, inclusive armada em alguns lugares.

Com isso, estamos calculando qual é o recurso que sai do bolso do agricultor só para preservar essas áreas e queremos provar a discrepância de quanto é para cada brasileiro manter os parques, isso sem contar que as terras públicas são bem menos complicadas de se manter.

O custo disso, para os produtores, deve chegar a um número por volta de R\$ 5 por hectare/ano, então é só fazer a conta: 177 milhões (área preservada em hectares) vezes

cinco, dá R\$ 855 milhões, ou seja, no mínimo o Governo deveria ressarcir os agricultores em R\$ 1 bilhão todo ano.

Revista Canavieiros: Como funciona esse ressarcimento em outros países?

Miranda: Para você ter ideia, recentemente a União Europeia liberou para a Irlanda a módica quantia de € 500 milhões para o agricultor cuidar da questão ambiental. Lá, se o produtor colocar uma caixa preta para cuidar dos morcegos, ganha uma quantia por caixa, recebem por metro quadrado deixado de plantar na beira do rio, têm uma conta por esterco das vacas, que libera um chorume poluente e recebem por metro cúbico de chorume distribuído no campo.

Se fizermos um exercício de calcular o quanto o pessoal do campo no Brasil ganharia se essa medida fosse implantada aqui, não tenho dúvidas que haveria muita gente criando movimentos em defesa da anexação do Brasil à Irlanda.

E só para ver como são as coisas, o Reino Unido é um dos maiores panfletários contra a pecuária nacional.

Revista Canavieiros: Falando em panfleteiros, qual é sua visão sobre as pastagens degradadas?

Miranda: É um conceito muito mal administrado, usado quase como um jargão, onde as pessoas falam a esmo e o mais incrível é que definem até a quantidade em milhares de hectares, mas nunca pegaram um mapa e apontaram para onde elas estão em um recorte por estado ou por município.

Mesmo assim, podemos concluir uma coisa como fato: temos cada vez menos, porque a área de pastagem caiu de mais de 200 milhões de hectares para 150 milhões, talvez até menos, e o rebanho passou de 140 para mais de 200 milhões de cabeças, ou seja, o número de bois por hectare aumenta todo ano no Brasil. Isso prova que a eficiência do pasto está melhorando, inclusive estamos discutindo um projeto, aliado ao pessoal do gado de corte, para fazer o mapeamento por bioma, ou seja, na Mata Atlântica, no Cerrado e na Caatinga.

Revista Canavieiros: Com todo esse respaldo de fatos, como está a comunicação com a opinião pública?

Miranda: O Ministério da Agricultura tem apresentado bastante esses dados, mostrou essas informações para o mundo na reunião do G20 na Índia, em outra reunião do G20 na Argentina, em Marraquexe na conferência do clima, em Cancun e em Berlim, em um evento sobre pecuária.

Esse estudo também vem ganhando bastante repercussão na mídia, artigos e reportagens. Recentemente assisti a um vídeo onde a jornalista narra o nosso trabalho ao

longo de um tempo considerável sem fazer uma menção à Embrapa, mas fala muito da NASA. Isso me deixou com uma alegria enorme por três motivos. O primeiro porque a jornalista descobriu o conhecimento que divulgamos através do trabalho, o segundo foi a nossa eficiência ao divulgar o texto, pois ela entendeu tudo sozinha, e, por último, o resultado, que é o que interessa e está sendo propagado da maneira correta.

Aqui na Embrapa nos concentramos na produção de números, mapas e fatos. A interpretação nós até evitamos, cabem às ONGs, ao setor público e ao cidadão interpretarem e usarem esses dados.

Revista Canavieiros: Em nenhum evento o senhor foi contestado?

Miranda: Eu apresentei esse trabalho em um evento com formadores de opinião, tinham várias ONGs, jornalistas e lideranças, e teve uma participante que insistia, através de convicções pessoais, achando que o negócio era diferente, aí eu fui argumentando com ela, com base no trabalho e ela foi sucumbindo, sem argumentação nenhuma para retrucar, e no fim eu falei para ela uma frase de um senador dos Estados Unidos, Patrick Moynihan, um liberal, do partido democrata, mas também um teórico do pensamento conservador, que diz: “Nas democracias todos têm direito a ter a sua opinião própria, mas ninguém tem o direito de ter fatos próprios”.

Os fatos são os fatos, então a Embrapa, como centro de pesquisa, sempre tem que ter esse compromisso com a verdade. E o fato, único e incontornável, é a eficiência monstruosa da agricultura brasileira na preservação da biodiversidade.

Revista Canavieiros: É através da eficiência que a agricultura brasileira vai acabar com o senso comum que é poluidora e extrativista?

Miranda: Se depender de nós, a pessoa que mantiver essa visão vai passar vergonha, temos muitos fatos a serem descobertos. Exemplo disso é um estudo que estamos fazendo, a pedido da Fiesp, com as áreas de relevo que vão deixar de ter cana com o fim das queimadas, porque simplesmente é impossível entrar com máquina. A cada dado novo que descobrimos mostra o tanto que nossa agricultura é eficiente.

Os líderes sempre apanharam muito pois sempre falavam sobre o processo, como tudo é bem feito, bem cuidado e bem cultivado, mas aí vozes levantavam e berravam palavras de ordem em defesa da Amazônia, ou então dos índios, aí a cultura poderia ser até orgânica, que sofria retaliações.

O fato comprovado de que o uso territorial da agricultura é muito pequeno ainda é uma novidade, e tenho certeza

que ele será taxativo para eliminar qualquer imagem diferente dele perante a opinião pública, tanto brasileira como estrangeira.

Revista Canavieiros: Me fale mais sobre uma ideia de estudo para mostrar a eficiência na canavicultura, por favor.

Miranda: O fato das APPs não serem propícias para a canavicultura moderna, tanto que aqui no estado de São Paulo, com a expansão da cana, houve uma recuperação de beiras e morros colossal, a cana trouxe de volta a vegetação nativa ao longo de tudo quanto é rio, riacho, córrego, pântano, lago. Saiu o arroz que se plantava na várzea e tudo virou preservação, isso porque simplesmente ninguém vai mandar uma máquina para ser atolada na beira do rio, a canavicultura mecanizada tem que ser plana.

Há alguns anos uma das maiores fazendas de pecuária de Barretos passou a produzir cana. Na época saiu uma reportagem no Estadão falando desse fato. A fazenda tinha 10 mil hectares de pasto e a jornalista narrava que tudo iria virar cana, seriam plantados 8 mil hectares e sobravam 2 mil hectares - áreas de APPs que seriam criadas em locais impossíveis de serem mecanizáveis. O boi sobe o morro, bebe água na beira do rio, mas as máquinas de cana não, então aconteceu uma recuperação do meio ambiente.

Outro fato é a questão da preservação do Cerrado paulista, bioma que ocupa 1/3 do estado. Sabe quanto o governo preserva dele? Apenas 0,8%. Ou seja, os 15% que ainda existem são preservados pelos imóveis rurais, foram as reservas legais que mantiveram a existência dele.

Revista Canavieiros: Quais são as consequências de toda essa preservação?

Miranda: Com esse processo, a preservação por parte da agricultura passou a conectar tudo, nós tivemos a recuperação de uma biodiversidade muito grande, o povoamento de animais cresceu muito nessas áreas. Isso em decorrência da mata gigantesca que se formou, tudo interconectado e acompanhando os rios, fácil dos animais circularem.

A facilidade gerou o crescimento numérico de algumas populações que começaram a entrar nas cidades e hoje convivemos com uma biodiversidade faunística que não existia no passado. Aqui em Campinas se vê tucano,



O código florestal tem o mérito de ter corrigido problemas do passado, no entanto é preciso pensar em gestão e tecnologias, para que imagens, como desse tucano, não representem verdadeiras epidemias no futuro.



maritaca, um monte de animal, em outros lugares aparece até onça parda.

Há quinze anos eu falei que se nós continuássemos com essa política de recuperação de APPs sem gestão, iríamos trazer novamente para a área urbana a febre amarela, a febre maculosa, a raiva e um monte de doenças. É exatamente isso que estamos vivendo hoje. A febre amarela está matando em São Paulo pelo fato de todas as matas terem se conectado, aí a população de macacos cresceu, eles não transmitem, mas são depositários, se não tiver macaco não tem febre amarela. Não estou falando em matar macacos ou derrubar matas, não é para interpretar errado, o problema é a gestão.

Revista Canavieiros: Esse é um assunto muito delicado, gostaria que o senhor se aprofundasse um pouco mais nele.

Miranda: O que precisa entender que é uma natureza antropizada (que tem ação do ser humano sobre o meio ambiente), é uma natureza que não tem equilíbrio. Você pega o exemplo das capivaras que proliferam, não tem animal para controlar, porque a oferta de habitat para esse animal, em específico, é muito maior em relação aos seus predadores, como onças e sucuris, por exemplo. Nesse ponto um manejo é importantíssimo.

Esse é um enorme desafio de gestão territorial. Até agora falamos de inteligência e números que nos serviram apenas para constatar todo o cenário. Agora entra na fase de criar ferramentas que façam uma gestão desse cenário. Isso é seríssimo, um desafio enorme, o governo, ao lado da iniciativa privada, tem que destinar recursos para a pesquisa desenvolver métodos e instrumentos que auxiliarão os agricultores nesse processo.

Não adianta deixar com o pensamento de que a natureza cuida, com isso já estão acontecendo um monte de problemas e a tendência é que eles piorem. Se permanecer da mesma maneira, o problema de saúde pública irá piorar muito e a saída não é vacinar todo mundo e nem fechar os parques.

Revista Canavieiros: Como dar os primeiros passos para a gestão dessas áreas?

Miranda: Essa gestão tem que respeitar os biomas, não pode ser uma regra geral como a das APPs hoje, onde tudo é igual para qualquer tipo de bioma. É muito insipiente usar uma regra para todo o tipo de bioma. Hoje a biodiversidade está se tornando uma bioadversidade.

Também há a situação das reservas legais. Tem que ter formas de uso sustentável dessas reservas, gerar alguma renda para os agricultores serem capazes e motivados a fazerem alguma gestão e colocar algum esforço.

Isso já existe no código, há algumas possibilidades

e também não pode ser tratado da mesma maneira na caatinga e nos pampas. Tudo precisa ser estudado e gerar leis complementares.

Revista Canavieiros: Como deveria ser a base para essa gestão?

Miranda: Ela não pode se basear em iniciativas individuais, o ideal seria pensar em soluções macro, como gestão de bacias, em que certas áreas estratégicas que hoje não são utilizadas, passem a ser, e as que não estão preservadas, passem a ser preservadas.

Também necessitamos discutir o papel da tecnologia na preservação. Se pararmos para pensar, a palavra tecnologia não existe no código florestal, ou seja, só foi cuidada da ocupação, não de seu uso. Se o cara ocupar preservando solo, preservando água, fazendo tudo certinho, é tratado da mesma forma que um que vem detonando, compactando e erodindo.

O código não premia as boas práticas agrônômicas, não premia o uso da tecnologia e não teve participação ativa da Embrapa e ninguém da área de pesquisa em sua constituição. Nós precisamos que, em sua revisão, a parte tecnológica entre no sentido de premiar os agricultores que têm boas práticas e penalize os que não têm, tanto no aspecto agrônômico como no ambiental.

Revista Canavieiros: O que a Embrapa territorial pode fazer para ajudar em uma eventual revisão do código?

Miranda: Na linha de gerar visões mais qualificadas por bioma, por tipo de agricultura, por bacia hidrográfica, mostrar que tem rio, mostrar onde dez metros de largura de ciliar é desnecessário e onde 100 metros é pouco, mostrar se o formato do vale do rio é em V ou então em U, se é em berço, qual é o tipo de solo, qual o tipo de rocha. Isso tudo tem que entrar para qualificar melhor e ser mais efetiva a preservação, fazendo com que ela não comprometa a geração de emprego e de riquezas que vêm da agricultura.

Revista Canavieiros: Por que o senhor acha que a tecnologia foi ignorada na configuração do código?

Miranda: Foi um debate muito difícil, muito tenso, mas ao mesmo tempo teve um lado muito saudável que foi o democrático. A maioria das leis passa sem audiência pública, algumas têm uma ou duas audiências, são raras as que chegam a ter uma dezena. Sabe quantas teve o código? Mais de 230.

Aconteceram debates nos principais municípios do interior de São Paulo, em Roraima, no Acre. O código foi exaustivamente discutido, não sei se tem lei mais

democrática e discutida do que essa.

No entanto apareceu a presidente Dilma e vetou um terço do material, algo assustador, fez um decreto substituindo, pois simplesmente achou que não deveria ser, desrespeitando todo o processo, mas enfim, era um direito do executivo.

Hoje algumas questões não estão pacificadas e deverão ser fechadas no julgamento das ADIns (Ação Direta de Inconstitucionalidade) e ADCs (Ação Direta de Constitucionalidade) que estão no STF (Supremo Tribunal Federal). Isso tem impedindo o avanço das legislações nas esferas estaduais.

Ao fim desse processo, caberá aos legisladores adequar no sentido de realizar leis complementares e instruções normativas. Acho que este ano se dará o processo de consolidação, e essas leis que virão deixarão a revisão um processo mais tranquilo, dando segurança jurídica importantíssima para o país.

Revista Canavieiros: Conte um pouco sobre a história da Embrapa Território e seu papel no futuro.

Miranda: Tudo começou com uma preocupação sobre o uso e ocupação das terras no Brasil, e a percepção de que o estado brasileiro precisava de um instrumento para fazer esse trabalho.

Tendo esse caráter estratégico, ela é a única unidade da Embrapa criada por um presidente da República (José Sarney). Desde sua criação, presta uma gama importante de serviços para todos os governos como monitoria de obras do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) e atuação na questão logística, nos portos.

No começo, como as possibilidades de instrumentos ainda eram muito restritas, éramos dependentes das imagens de satélite, no entanto, era muito complicado utilizar a ferramenta. Mas aí veio a grande evolução dos satélites e também das comunicações, como o Google, que fez com que deixasse de fazer sentido ter uma Embrapa voltada para uma tecnologia, que se transformou em um instrumento, como é um computador, por exemplo.

O futuro com certeza é melhorar cada vez mais os dados sobre o território brasileiro. Estamos vivendo um dilúvio de informações e o desafio de ser sempre analítico, inteligente e interpretativo para apresentar os fatos será gigantesco.

Com tudo isso, a exigência de identificar problemas de maneira mais precoce será cada vez maior. Sendo assim, é fundamental manter as áreas de monitoramento, inteligência e gestão territoriais sempre juntas e integradas. 

Campanha **Pró-Civismo**

Use os símbolos nacionais com orgulho e respeito!



Juntos podemos mais

realização



CANAOSTE



COPECANA

SICOOCOCRED

apoio



ASSOCIAÇÃO COMERCIAL ACB



CESE



100 ANOS

**Acredite
no Brasil
você também!**



Manoel Ortolan,
presidente da Canaoste
e diretor da Copercana



RETROSPECTIVA 2017 E PERSPECTIVAS 2018: TEMPO DE MUDANÇAS

Antonio Eduardo Toniolo

Fernanda Clariano



Em 2017 as cotações do açúcar no mercado internacional caíram gerando um pior desempenho da commodity, em compensação o preço do etanol agradou os produtores e alguns segmentos deram os primeiros sinais de um início de recuperação após um período de recessão. Com a inflação em queda, o Comitê de Política Monetária do Banco Central reduziu a taxa básica de juros para 7% ao ano, o menor patamar da história. O ano de 2017 chegou ao fim com uma notícia boa para o setor, que foi a aprovação do programa RenovaBio, projeto lançado pelo Ministério de Minas e Energia com o objetivo de reduzir a emissão de carbono total dos combustíveis vendidos no Brasil e que deve trazer

boas expectativas para o mercado de biocombustíveis.

O presidente da Copercana, Antonio Eduardo Toniolo e o presidente da Canaoeste e diretor da Copercana, Manoel Ortolan, concederam entrevista à Revista Canavieiros onde fizeram um balanço de 2017 e falaram das suas expectativas, o que esperam para o setor sucroenergético em 2018 e também sobre as eleições presidenciais. Confira!

Revista Canavieiros: Quais as surpresas e as decepções de 2017 e qual seria a melhor notícia para o setor sucroenergético começar 2018 bem?

Toniolo: A surpresa do setor canavieiro foi o preço do açúcar no mercado internacional desabar como desabou, achávamos até que seria ruim, mas não o quanto foi. Isso foi uma surpresa muito desagradável que trouxe prejuízos para o setor. A boa notícia foi em relação ao etanol que deu uma melhorada no preço e agradou. Eu acredito que 2018 já começou bem com a queda nos juros. E a partir do segundo semestre, dia 1º de julho que provavelmente o Banco Central e a Fazenda ainda devem mudar esses juros. Eu nunca vi uma taxa Selic de 7% e um juro agrícola entre 8,5% e de 10,5%, isso deve ser mudado e quem estiver pensando em fazer um financiamento talvez precise ter um pouquinho mais de paciência para que consiga fazer algo melhor.

Revista Canavieiros: O ano de 2017 terminou com uma notícia importante para o setor sucroenergético, o RenovaBio virou lei. Quais as expectativas para que essa lei seja realmente implantada?

Toniolo: O RenovaBio é uma boa notícia não só para o setor sucroenergético, mas para todo o setor de renováveis, pois irá atender toda a cadeia, porém, uma notícia lenta porque iremos ter os efeitos disso em 2020, quem sabe 2021. Com certeza o RenovaBio

será muito bom para o setor, só não pode ter pressa.

Revista Canavieiros: Apesar dos muitos desafios, o agronegócio é quem sustenta a economia brasileira. Como o senhor vê a questão econômica do país em relação ao agro?

Toniolo: O PIB do agronegócio brasileiro é o melhor dos últimos anos. O setor do agronegócio é quem carrega a economia brasileira, todos os economistas sabem disso que quem tem garantido o PIB e uma melhora do país é a produção agrícola. Eu acredito que isso deve continuar, vamos ter produção boa tanto no setor canavieiro quanto na área de grãos e acho que o país nessa parte está bem equilibrado.

Revista Canavieiros: De onde virá o novo salto da agricultura brasileira?

Toniolo: Temos que melhorar a produtividade, mas isso já está acontecendo, prova é que no ano passado o Brasil extrapolou em produção agrícola, e os preços estão ruins por causa disso. Pagamos por produzir bastante, mas o país está no rumo certo. A produção deve continuar crescendo a cada ano que passa e, apesar do clima ser um grande desafio para o produtor

por hora chover muito e hora pela falta de chuva, o país está preparado para produzir e competir com o mundo.

Revista Canavieiros: Este é um ano de eleição presidencial. Será um ano que promete ou só de promessas? O que o senhor espera?

Toniolo: Ano de eleição é muito bom, ainda mais para um país que atravessou uma fase terrível nos últimos dez anos, com um Governo que só pensou em falcatura. É muito importante que consigamos eleger alguém que tenha comprometimento com o país, só assim teremos uma virada, uma retomada. Eu tenho a certeza de que se o povo souber votar, iremos ter um 2019 muito melhor porque o Brasil começa a ter credibilidade e a atrair mais investidores e compradores, isso melhora para todo mundo.

Revista Canavieiros: O senhor tem alguma mensagem para os cooperados?

Toniolo: Eu gostaria de cumprimentar todos os cooperados e desejar que 2018 seja um ano promissor e que possamos ter melhores ganhos dentro da agricultura que felizmente é a salvação da nossa pátria.

Manoel Ortolan



Revista Canavieiros: Quais foram as surpresas e as decepções de 2017 e o que o senhor espera para 2018?

Manoel Ortolan: Eu acredito que, o que mais nos marcou enquanto produtores de cana foi o fato de não termos conseguido a remuneração com relação ao Consecana. Um sistema que foi instituído entre a Orplana (Organização de Plantadores de Cana da Região Centro-Sul do Brasil) e a Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar) com previsão de atualização a cada cinco anos. Neste sentido, houve um posicionamento das entidades de continuar conversando e tentando mudar o modelo de uma forma em que satisfizesse de alguma forma ambas as partes, mas acho que este foi o principal fato para nós.

O que também marcou foi o período de seca na safra 17/18 que provocou na maioria das regiões uma queda na produtividade, uma vez que o período de seca favorece o desenvolvimento de pragas de solo, consequentemente a brotação, teve também muito fogo nos canaviais, o que acabou de certa forma comprometendo a produção da safra 17/18 e certamente vai comprometer a próxima onde devemos ter uma safra um pouco menor.

De positivo, a seca faz com que a cana armazene

mais açúcar, então o ATR (Açúcar Total Recuperável) aumentou e, desta forma, o que se perdeu na produtividade se ganhou no conteúdo de ATR e o resultado quase que ficou em zero a zero. O bom seria ter tido um ano com distribuição de chuva melhor sem comprometer também o ATR, mas infelizmente não foi o que aconteceu. Foi uma safra mais uma vez atípica e vamos ter um pouco de consequência disso para a safra 2018/19.

Para o ano de 2018, eu espero que a gente consiga resolver o problema do Consecana, que traz mais tranquilidade para produzirmos e investirmos e, com relação à produção, estamos esperando uma safra um pouco menor do que foi essa. O canavial está mais velho, as reformas não têm sido de acordo com as necessidades, uma vez que faltam recursos para investimentos. Tivemos o problema de excesso de queima nas soqueiras e isso praticamente nivelou o canavial, ele está saindo quase que todo a partir de outubro/novembro e possivelmente teremos uma produtividade menor. Isso sinaliza que o produtor precisa ter os pés no chão, cuidar bem da sua lavoura, mas acima de tudo manter um controle rígido sobre os preços e, principalmente, custo de produção.

Revista Canavieiros: O ano de 2017 terminou com uma notícia importante para o setor sucroenergético, o RenovaBio virou lei. Quais as perspectivas para que essa lei seja realmente implantada?

Manoel Ortolan: As perspectivas para a implantação da lei são boas. O RenovaBio é um programa sério, não é um programa para o setor, é um programa para o Brasil. Hoje está todo mundo preocupado com as mudanças climáticas, estamos vendo agora o que está acontecendo nos EUA, regiões que há 30 anos não nevava está nevando. Não vamos atribuir isso só a anormalidade do clima, mas são anormalidades que preocupam. A mudança climática vem acontecendo principalmente em função do aumento da emissão de gases do efeito estufa, principalmente o CO₂ e trabalhar no sentido de amenizar essa situação é o que muitos países estão se propondo, inclusive o Brasil, que na COP21 se comprometeu a reduzir a emissão de gases e para isso precisa ter uma diretriz, um programa que leve a esse resultado e o RenovaBio vem nessa direção, trazendo benefícios para o meio ambiente, com isso trazendo benefícios para toda a população, com vantagens competitivas para o Brasil porque vai colocá-lo como modelo diante do mundo e aqui se tem condições de fazer essa transformação. Temos um clima favorável, solo, água e, o principal, que é o domínio da tecnologia na produção do etanol. Podemos ter aqui o biogás, o biodiesel, o etanol, a bioeletricidade e com

isso melhorar muito a participação dos biocombustíveis na matriz energética brasileira. Eu acredito que não tem como o Governo não abraçar este programa com muito entusiasmo.

Revista Canavieiros: O etanol terá pela primeira vez em mais de 30 anos de existência uma norma regulatória que envolve produtores, distribuidoras e outros players da cadeia produtiva. Como o senhor vê isso?

Manoel Ortolan: O que está no bojo do RenovaBio é isso, ele contempla todos os participantes da cadeia produtiva não só do etanol, mas da bioeletricidade, também do biogás, biodiesel e por isso que é um programa que acreditamos muito. Não é novo imposto, não traz renúncia fiscal e não é política de subsídio. Dentre os benefícios citamos o maior uso de energias renováveis, atribui valor à redução de emissões, trará mais sustentabilidade ao planeta, maior segurança energética e incentivo à inovação tecnológica. O RenovaBio, com certeza, tem tudo para ser um grande sucesso no país.

Revista Canavieiros: Este é um ano de eleição. O que o senhor espera para o setor sucroenergético?

Manoel Ortolan: Não só o setor, mas o país como um todo - todos os segmentos da economia irão viver um grande suspense, uma grande apreensão neste ano porque não tem muita luz no fim do túnel. O Governo que aí está só vem decepcionando. Tem o lado da parte econômica que parece separada da parte política e tem conseguido algum avanço, mas na parte política, que é a que deve mudar na próxima eleição, a gente não vê muita luz no fim do túnel. Este Governo está decepcionando com as medidas que vem tomando, com essa mudança contínua de ministros, colocando pessoas que não têm nada a ver com o ministério. Basta ver o que aconteceu com o Ministério do Trabalho, quando estamos precisando de pessoas competentes para ajudar a resolver problemas, criar um novo modelo, fica esse 'clientelismo' para atender a interesses partidários. O que estamos assistindo é um favorecimento de partidos para conseguir votos. Eu penso que o presidente teria ganho muito mais se ele fosse um pouco mais rígido nas ações e, se a Câmara e o Senado não estão ajudando nas reformas, ele tinha que colocar isso muito claro para a população e não é ele que não está conseguindo, mas o pessoal não quer ajudar. Em vez disso o Governo chegou falando uma coisa e, a meu ver, está fazendo outra. É difícil, pois não conseguimos ver nos outros candidatos uma grande liderança despontando. Precisaríamos ter uma pessoa que entusiasmasse a população, um estadista

na concepção da palavra que pudesse bem representar o país em todos os níveis e, acima de tudo, que tivesse essa condição de liderança, de liderar um processo de transformação, estando à frente do processo. Temos um bom candidato no caminho, mas para mim falta um pouco de liderança para ele. Enfim, temos que estar atentos e fazer a nossa parte, sair da zona de conforto e partir mais para a briga, precisamos conscientizar as pessoas e trabalhar com aqueles que estão próximos a nós para ver se a gente consegue mudar esse quadro.

Revista Canavieiros: Como foi o ano de 2017 para a Canaoeste?

Manoel Ortolan: Eu entendo que foi um bom ano porque fizemos em 2015 um projeto novo para a Canaoeste que teve como base a contratação de um gestor e um programa a ser desenvolvido para a reestruturação da Canaoeste. Esse programa foi bem consolidado no ano de 2017, cumprimos a maior parte das etapas, implementamos várias mudanças que se faziam necessárias. Atualmente temos um corpo técnico bem distribuído e bem atuante na região de cobertura da Canaoeste, com um volume grande de informações e conhecimentos para melhor atender os produtores e os associados.

Revista Canavieiros: O senhor gostaria de deixar uma mensagem para os associados?

Manoel Ortolan: Estamos passando em termos de setor por um momento não muito bom. De um lado a questão do açúcar com excedente de produções maiores na União Europeia, na Tailândia, na Índia, China, todo mundo produzindo mais. Os preços caíram consideravelmente e a expectativa para os próximos dois anos com esse excedente não é de haver uma recuperação de preço muito boa. O RenovaBio é um programa que embora trouxe um alento na medida em que a lei foi assinada pelo presidente, ainda deve levar mais uns dois anos para sua implementação. Acredito que não vai dar tempo de ele provocar uma mudança significativa no setor em curto prazo. É válido ressaltar que, em tempos difíceis e para nós de uma organização como Canaoeste, o importante é estarmos juntos, somarmos esforços, buscarmos dialogar com o Governo, produtores e indústrias para conseguirmos vencer as dificuldades da melhor maneira possível. Já passamos por vários momentos difíceis e estamos de pé como uma associação forte, bem organizada e com o nosso quadro de associados também amplo. Nossa área de atuação cresceu nos últimos anos e o que precisamos neste momento é continuarmos juntos para nos mantermos fortes, venceremos as dificuldades e poder prosseguir. 



CANAOSTE,
você em boas mãos!

Representatividade política aliada
à assistência técnica agrônômica,
jurídica e ambiental.

Rua Pio Duffles, 532 - Fone: (16) 3946.3316





PERSPECTIVAS

para o setor de biocombustíveis do Brasil em 2018

*José Mauro Ferreira Coelho



O ano de 2017 foi muito importante para o setor de biocombustíveis no Brasil, com a promulgação da Lei nº 13.576, de 26 de dezembro de 2017, que dispõe sobre a Política Nacional de Biocombustíveis (RenovaBio). Esta nova Política, integrante da política energética nacional, tem como um dos seus objetivos promover a adequada expansão da produção e do uso de biocombustíveis no país, com ênfase na regularidade do abastecimento de combustíveis. Desta forma, o RenovaBio propiciará a previsibilidade necessária para a participação competitiva dos biocombustíveis no mercado nacional de combustíveis, contribuindo para a redução de emissões de gases causadores do efeito estufa e com os compromissos do Brasil no âmbito do Acordo de Paris (COP21).

Neste cenário, são grandes as expectativas do setor para o ano de 2018, sendo que ainda existem ações necessárias a serem desenvolvidas para a regulamentação da Lei nº 13.576/2017. Há a necessidade, por exemplo, de definição, em legislação específica, da atuação de diferentes agentes governamentais. Além disso, deve-se ter também regulamento específico para o processo de credenciamento das firmas inspetoras; para os critérios, procedimentos

e responsabilidades para concessão, renovação, suspensão e cancelamento do Certificado de Produção Eficiente de Biocombustíveis; e para a emissão, o vencimento, a distribuição, a custódia, a negociação e os demais aspectos relacionados aos CBIO (Créditos de Descarbonização), entre outros.

Ainda no escopo da Lei do RenovaBio, a EPE (Empresa de Pesquisa Energética) vem trabalhando, em 2018, em uma série de modelos matemáticos que subsidiarão o Ministério de Minas e Energia em aspectos relacionados às metas de descarbonização e ao preço do CBIO, bem como seus impactos socioambientais, na qualidade do ar, nos custos relacionados à saúde, na geração de empregos, renda e atividade econômica, além dos investimentos necessários em unidades produtivas e no setor agrícola.

Em relação especificamente ao setor sucroenergético, a cana-de-açúcar continua sendo a principal matéria-prima utilizada na produção de etanol. A safra de 2018/19 deve ser similar àquela observada no ciclo 2017/18, com uma produção de cana em torno de 640 milhões de toneladas. Há previsão de um mix de produção favorável ao etanol, em função, principalmente, da queda do preço do açúcar no mercado internacional. Importante destacar os avanços que se esperam em 2018 na utilização da cana energia, bem como a continuidade nas tentativas de solução de alguns impasses ainda existentes para a produção de etanol de segunda geração.

O etanol proveniente do milho tem se tornado cada vez mais relevante para o país. Sua produção cresceu de 140 milhões de litros em 2015 para 480 milhões de litros em 2017. A ociosidade das destilarias na entressafra da cana-de-açúcar pode ser reduzida pela produção do etanol proveniente do milho, além de adicionar um novo produto para comercialização, o DDG - Dried Distillers Grains. Além disso, reduz os excedentes de produção de milho na região

Centro-Oeste do país, evitando a pressão dos preços do milho para baixo e os elevados custos com o transporte do grão para os portos. Para o ano de 2018, projeta-se que a produção de etanol de milho seja da ordem de 700 milhões de litros.

O ano de 2017 apresentou volumes importantes de importação de etanol, principalmente nas regiões Norte e Nordeste. Em 01/09/17, a Portaria Secex nº 32, estabeleceu os critérios para alocação de cota para importação de etanol isenta de imposto de importação, determinada pela Resolução Camex nº 72, de 31/08/17. A decisão de isenção do imposto de importação para o etanol é limitada a cota de 1,2 bilhão de litros, por um período de 24 meses. Também ficou estabelecido que a importação com tarifa zero não pode ultrapassar o volume de 150 milhões de litros por trimestre. Apesar da publicação desta Portaria e da queda dos preços do açúcar no mercado internacional, a expectativa para 2018 é ainda de importações significativas de etanol pelo Brasil. Alguns dos motivos que levam a esta expectativa são: a produção nacional de cana-de-açúcar na safra 2018/19 em patamares similares ao da safra anterior e a grande produção de etanol de milho nos EUA, o que obriga este país a destinar seu excedente para outros mercados, sendo o Brasil um dos principais destinos.

Em relação à bioeletricidade, a capacidade instalada das plantas à biomassa que atendem o Sistema Interligado Nacional alcançou 13 GW em 2017. O bagaço de cana foi o principal combustível utilizado na geração das usinas movidas à biomassa, com 85% do total. Para 2018, espera-se que o setor sucroenergético continue incrementando a inserção da bioeletricidade na matriz elétrica brasileira.

Avanços importantes também ocorrerão no setor de biodiesel em 2018. O percentual obrigatório de 10% de adição de biodiesel ao diesel passará a vigorar a partir de 1º de março. Esta decisão foi tomada durante reunião extraordinária do CNPE, realizada em 9/11/17. O B10 fará sua estreia oficial no Leilão 59, que acontecerá em fevereiro deste ano. Estima-se que a produção de biodiesel em 2018 seja superior a 5 bilhões de litros.

Merece destaque ainda a crescente participação do biogás na matriz energética nacional, resultado dos avanços legais ocorridos nos últimos anos, sobretudo os relacionados à geração distribuída. Além disso, a Resolução nº 685 da ANP, de junho de 2017, estabeleceu especificações para o biometano oriundo de aterros sanitários e estações de tratamento de esgoto, regulamentando seu uso como combustível veicular. Em setembro, o despacho nº 1084 da ANP, pela primeira vez, permitiu a comercialização do biometano oriundo desta fonte. Fruto destes avanços espera-se para 2018 uma

participação ainda maior do biogás e do biometano na matriz energética do país.

Por fim, a Organização da Aviação Civil Internacional estabeleceu acordos de redução de emissões com as empresas aéreas. Atualmente, o BioQAV (bioquerosene para aviação) pode representar até 10% na mistura de combustíveis para abastecimento de aviões. No Brasil, o BioQAV poderá vir a ser obtido, principalmente, através da cana ou da macaúba, sendo esta última uma fonte de grande potencial. Espera-se que nos próximos anos, com a maturidade da tecnologia de obtenção do BioQAV, o biocombustível possa tornar-se competitivo em relação ao derivado fóssil.

Assim, o ano de 2017 apresentou grandes avanços para o setor de biocombustíveis do país. Muitos dos frutos provenientes das ações empreendidas começam a ser colhidos a partir de 2018, atraíndo investimentos, crescimento econômico e geração de emprego e renda. Os acordos internacionais sobre o clima e a promulgação de leis como o RenovaBio pavimentam um espaço ainda maior para os biocombustíveis no setor energético brasileiro. 

**José Mauro Ferreira Coelho é diretor de Estudos do Petróleo, Gás e Biocombustíveis da EPE (Empresa de Pesquisa Energética)*





“5 ANOS

e Caetano Ripoli ainda é presente”

*Marco Lorenzo Cunali Ripoli



Nascido em 16 de fevereiro de 1947, Tomaz Caetano Cannavam Ripoli, conhecido pelos mais próximos como Kaita, se considerava com muita alegria “caipiracicabano”. Apesar de sua preocupação com a fala e escrita corretas soltava de vez em quando aquele “erre” característico da cidade, bem puxado. Era apaixonado pela família, profissão, política, esporte e fotografia.

Em 1968 começou a divulgar as atividades do CALQ (Centro Acadêmico Luiz de Queiroz) no Jornal de Piracicaba, na coluna intitulada CALQ Notícias, quando encontrou seu gosto pelo jornalismo-político. Nesse mesmo ano, foi convidado a noticiar as atividades do Centro Acadêmico no jornal Diário de Piracicaba.

Caetano se formou engenheiro

agrônomo pela ESALQ-USP em 1970 e, desde os primeiros anos de sua graduação, se identificou com a fotografia e frequentou por vários anos o laboratório de fotografia localizado no subsolo do Prédio Central.

O esporte entrou em sua vida pelo legado de seu pai, Romeu Ítalo Ripoli, também formado engenheiro agrônomo pela ESALQ-USP em 1940, cidadão muito influente e polêmico em Piracicaba, que presidiu o XV de Novembro de Piracicaba por muitos anos e que motivava e energizava os jogadores, comissão técnica e arbitragem (em todos os sentidos).

Muito à vontade e familiar com a imprensa, Caetano era frequentemente abordado por jornalistas que queriam compartilhar suas experiências e conhecimento. Foi durante a graduação e um estágio com o professor Luiz Geraldo Mialhe que se interessou pela pesquisa em Máquinas e Implementos Agrícolas, com foco na melhoria da mecanização da cultura da cana-de-açúcar.

Assim que se formou em 1970, participou da implementação da Faculdade de Agronomia Luiz Meneguel, em Bandeirantes, norte do Paraná, a convite do professor Salvador Toledo Piza Jr. e foi um dos fundadores do renomado

Centro Tecnológico da Copersucar.

Casou-se em 1972 com Maria Lúcia, a pessoa que mais o apoiou em toda sua carreira acadêmica, vida familiar e com quem teve dois filhos, Marco e Bianca.

A partir de 1982 começou a dar aulas na ESALQ, onde permaneceu até 2012, agregando uma coleção de mais de 21mil imagens que registravam suas andanças pelo país e pelo mundo. Dono de uma veia aguçada para elogiar, criticar e imprimir com palavras suas opiniões, especialmente contra maus políticos, fez muitos amigos e admiradores, mas não pense que ficou por isso mesmo, muitos eram adversos a sua postura.

Fez mestrado em Solos e Nutrição de Plantas e doutorado em Agronomia, ambos pela ESALQ, pós-doutoramento pela University of California, Davis, e foi autor de diversos livros técnicos-científicos sobre mecanização da cana-de-açúcar. Escreveu centenas de artigos que são referenciados até hoje.

Quando finalizou o doutorado foi convidado pelo Planalsucar para implantar a colheita mecanizada no estado do Alagoas, por onde permaneceu por três anos.

Caetano Ripoli foi quem idealizou e estudou a fundo, pela primeira vez no mundo, o conceito de recolhimento de palhão de

cana-de-açúcar com finalidade de cogeração de energia elétrica nas usinas e melhor manutenção da cultura. Hoje este palhico (frações de colmos, folhas verdes, folhas secas, ponteiros) é chamado de resíduo de colheita, ou ainda, simplesmente palha de cana. Era chamado de louco e visionário, mas desde lá já pensava em um sistema sustentável e numa economia circular... Hoje sua ideia é realidade em diversas usinas e fornecedores de cana.

Por duas décadas foi professor do Departamento de Engenharia de Biosistemas, focado na formação acadêmica de futuros profissionais, preocupado em ensinar não apenas o conteúdo de suas disciplinas, mas também como ser ético, focado em melhorias no setor de Máquinas

e Implementos Agrícolas. Foi membro de conselhos editoriais de revistas (IDEANews e STAB) e consultor ad hoc da FAO e UNOPS, das Nações Unidas. Orientou dezenas de alunos em iniciação científica, mestrado e doutorado. Foi e continuará sendo referência na ESALQ e no setor sucroenergético mundial.

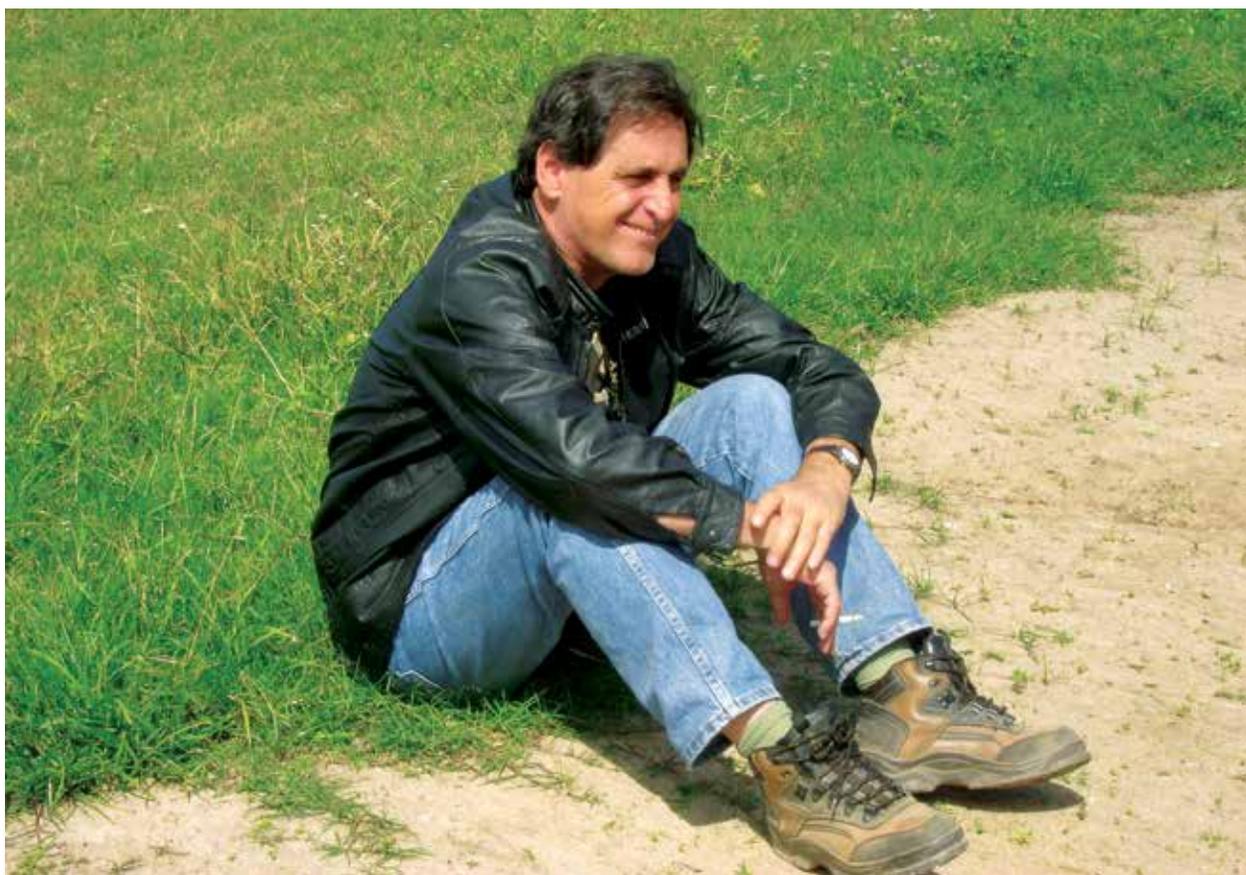
Publicou em especial dois livros: “Cantos e Recantos”, reconhecido oficialmente pela reitoria da USP, tendo sua filha Bianca Cunali Ripoli como coautora e que retrata a ESALQ por meio de fotografias e, o mais polêmico de todos os livros, “Introdução a Bundologia”.

Ele é citado até os dias de hoje em trabalhos científicos e conferências devido a suas importantes contribuições ao agro brasileiro e mundial.

Acredito que sua última e maior paixão foi quando seu neto, Matheus Ripoli Lara, piracicabano, nasceu em 10 de julho de 2010. Sua maior tristeza não era tanto a doença, mas sim saber que não iria poder ver seu neto crescer... Matheus era seu melhor remédio, ele esquecia de tudo enquanto estava ao lado dele.

Faleceu dia 24 de fevereiro de 2012, aos 66 anos, vítima de câncer. Saudade de meu maior ídolo, meu pai! 🌱

** Marco Lorenzo Cinali Roipoli é Ph.D, engenheiro agrônomo e mestre em Máquinas Agrícolas pela ESALQ-USP e doutor em Energia na Agricultura pela UNESP, executivo, disruptor, empreendedor, inovador e mentor.*





AGENDA DA CANA PARA 2018

Marcos Fava Neves



Brasil numa das matrizes energéticas mais limpas do mundo (“green/low carbon country”).

Esta coluna será um pouco diferente, deixarei os aspectos de mercado para serem abordados em fevereiro e neste aqui quero deixar a agenda de trabalho da cana em 2018. Apresentei no evento de fechamento dos quatro anos do projeto Caminhos da Cana, realizado em 14/12/17, no Centro de Cana do IAC, em Ribeirão Preto, os dez pontos principais de trabalho que deveriam movimentar a cadeia produtiva em 2018, e neste texto faço um resumo desta apresentação. Seguem os pontos:

🍋 1 – Aproveitar com estratégia o RenovaBio e voltarmos a crescer sustentavelmente. A grande notícia de longo prazo para o setor em 2017 foi a aprovação, com grande força política, do RenovaBio, talvez o principal evento ambiental do mundo no ano que passou. É hora de estruturarmos as trilhas de crescimento do setor com os incentivos que virão sem repetir os erros de outros ciclos de crescimento. Estudo que fizemos para a Confederação Nacional da Indústria mostra que o PIB da cadeia pode saltar dos atuais US\$ 44 bilhões para US\$ 74 bilhões em 2030, criando muitas oportunidades e transformando o

🍋 2 – Gestão por metro quadrado do canavial e inovação de insumos. É sabido que muito da perda de renda no setor vem do fato de extrairmos de um hectare cada vez mais caro, a mesma quantidade de produtos nos últimos 15 anos, em contraste com outras culturas do agro, que tiveram grandes saltos de produtividade. É necessário neste ano esforços na inovação de insumos usados na produção e, principalmente, no uso do ferramental tecnológico e de digitalização disponível (smart farming) para mudarmos a gestão do canavial para metro quadrado, matando o conceito de hectare. Eficiência em cada metro quadrado visando tirar mais renda por hectare.

🍋 3 – Gestão pela economia do compartilhamento. Nestes últimos anos fomos brindados com uma revolução no ambiente de negócios (modelos como Uber, AirBNB) permitindo o compartilhamento de ativos e o melhor uso destes. Estas tecnologias rapidamente chegam à agricultura e, com a aprovação da lei da terceirização no Brasil, temos grandes oportunidades para mudar já em 2018 as formas de fazer negócios, priorizando empresas especializadas

em atividades produtivas, diminuindo os ativos, reduzindo ociosidades e ganhando eficiência. Cooperativas e associações serão fundamentais neste processo para que isto possa chegar a todos os produtores.

🍋 4 – Gestão pela economia circular (sustentabilidade) individual ou regional. Existem grandes ganhos de integrar a cana com outras atividades, de forma individual ou regional, e o mundo caminha para valorizar cada vez mais a economia circular. Portanto, a integração regional da cana com amendoim, soja, confinamento, aves e suínos, entre outras atividades, onde resíduos de uma tornam-se insumos de outra, são fundamentais para melhorar os resultados da região.

🍋 5 – Busca da eficiência industrial. Existe ainda grande espaço nas usinas para melhoria de processos, de equipamentos, entre outros, visando ao aproveitamento total dos

produtos que entram. Recente tese de Doutorado na FEARP/USP analisou 33 usinas em 5 safras e mostrou que se as outras 32 tivessem o desempenho da melhor, teriam sido gerados R\$ 2,6 bilhões a mais em produtos. Ou seja, cana que entrou e produtos que não saíram.

🍌 6 - Mesa da cana: fortalecer as organizações do setor, tais como Orplana, Unica, entre outras e as relações verticais e horizontais. É necessário criar a “mesa da cana”, onde agentes de todos os elos da cadeia sentam periodicamente para discutir estratégias, estejam atentos aos problemas e tenham força política, lutando pelos pontos de convergência.

🍌 7 – Implementar o Consecana Pro-Int (Produtor Integrado de Cana). Cerca de 14% da cana de São Paulo vem de produtores integrados para os quais em alguns casos a relação com as usinas precisa melhorar visando à construção conjunta de valor a ser compartilhado. Para isso, o Consecana deve incluir itens de qualidade que geram valor bem como sugerir a consideração de outros itens de criação de valor para serem discutidos entre as usinas e suas respectivas associações regionais, crescendo a eficiência, a confiança, a capacidade de planejamento e reduzindo desperdícios.

🍌 8 – Integração total do P&D público e alianças com setor privado. Me impressionou em visita à Colômbia como o setor de pesquisa é absolutamente integrado no Cenicaña. Precisamos criar no Brasil uma verdadeira “mesa da pesquisa”, onde a integração pudesse ser maior entre todos os órgãos públicos estaduais e federais que tratam do tema cana, caminhando para um modelo que permitisse grande integração, redução de redundâncias e foco em resultados.

🍌 9 – Comunicação total e viral visando fortalecer a imagem de sustentabilidade da cana. Apesar dos esforços todos, a comunicação do setor

ainda deixa a desejar. Toda a carga geradora de empregos, impostos, inclusão econômica e social e todos os benefícios ambientais da cana ainda são pouco conhecidos pelos consumidores finais. É necessário usar mecanismos criativos das mídias digitais para inserir o conhecimento dos benefícios da cana na sociedade brasileira.

🍌 10 – Criar uma estrutura de distribuição e varejo de etanol pelas Cooperativas. Este é um pedido antigo que faço ao setor (desde 2008) onde imagino que interessante seria se as cooperativas de produtores de cana de São Paulo (Copercana, Coopercitrus, Coplana, Coplacana, Camda, entre outras) pudessem, de maneira integrada, serem acionistas de uma distribuidora de combustíveis e rede de postos ecológicos e usar estes como embaixadas do agro nestas cidades, como elemento de comunicação da sustentabilidade do etanol e políticas de precificação do etanol ao consumidor que usariam o mix de consumo da imensa frota

flex como influenciadora do preço mundial do açúcar. Outros estados poderiam seguir o exemplo.

🍌 Estes são os dez pontos que proponho para ênfase do setor de cana em 2018, sempre visando ao processo de criação, captura e compartilhamento de valor, melhorando a sustentabilidade econômica, ambiental e social desta atividade. Bom 2018 sucroenergético a todos!

Haja Limão

🍌 Creio num 2018 muito melhor ao Brasil. A economia deve crescer quase 3%, geraremos muitas oportunidades para as pessoas voltarem a trabalhar, teremos mais ânimo para investir e produzir, e já colheremos alguns resultados das reformas feitas, que devem continuar em 2018. Precisamos de grande engajamento de todos para que as eleições de 2018 não nos direcionem ao retrocesso novamente e possam trazer ampla assepsia no sistema político, vamos trabalhar para eleger pessoas com ética e espírito empreendedor. Em 2019, este país passará por grandes transformações com um novo Governo, viraremos pró-mercado e menos estado, dando mais liberdade às pessoas e tirando o peso do aparelho estatal. Peço ao Judiciário mais atenção com as demandas da sociedade por um país mais justo e menos corrupto. Vamos todos trabalhar muito em 2018, e peço a vocês engajamento total na eleição, pois foi nossa omissão que nos levou a este quadro infeliz. Vamos passar o Brasil a limpo, 2018 será um dos anos mais importantes de nossa história. 🌍

**Marcos Fava Neves é Professor Titular da FEA/USP, Campus de Ribeirão Preto. Em 2013 foi Professor Visitante Internacional da Purdue University (EUA) e desde 2006 é Professor Visitante Internacional da Universidade de Buenos Aires.*





CAMPANHA COPERCANA

Premiada 2017

Campanha promocional de final de ano premia consumidores de Sertãozinho e da região

Fernanda Clariano
Fotos: Rodrigo Moisés



Desde 2007 a Copercana, com o apoio de empresas parceiras, contempla seus clientes por meio da promoção Copercana Premiada. Autorizada pela Caixa Econômica Federal, em 2017 a campanha aconteceu no período de 19 de outubro a 10 de janeiro de 2018. Além de fidelizar os clientes, movimentou as vendas nas redes de Supermercados, Postos de Combustíveis, Ferragem e Magazine da Copercana e premiou os consumidores de Sertãozinho e das cidades da região onde estão estabelecidas as filiais da Cooperativa dos Plantadores de Cana do Oeste do Estado de São Paulo. Ao todo foram distribuídos mais de R\$ 140 mil em prêmios.

A cada compra efetuada no valor igual ou superior a R\$ 75,00 (setenta e cinco reais), os clientes participantes da promoção tiveram direito a um único cupom/seladinha gratuito. Foram lançados 800 mil cupons dando aos participantes o direito de concorrerem a 10 (dez) - TVs Led 32" - totalizando R\$ 13.500,00; 07 (sete) vale-combustíveis no valor de R\$ 2.400,00 (dois mil e quatrocentos reais) cada, com sugestão de uso de R\$ 200,00 (duzentos reais) mensais no período de 12 (doze) meses - válidos apenas nos postos de combustíveis Copercana - totalizando R\$ 16.800,00; 05 (cinco) vale-compras no valor de R\$ 4.800,00 (quatro mil e oitocentos reais cada, com sugestão de uso

de R\$ 400,00 (quatrocentos reais) mensais no período de 12 (doze) meses - válidos apenas nos supermercados Copercana - totalizando R\$ 24.000,00; 05 (cinco) prêmios na forma de cartão viagem CVC, no valor de R\$ 6.000,00 (seis mil reais) cada - com sugestão de navio Cruzeiro -



Ricardo Meloni - gerente comercial da Copercana

totalizando R\$ 30.000,00; 02 (dois) automóveis Renault Kwid Life, motor 1.0, flex, 0 Km, ano/modelo 2016/2017, no valor de R\$ 29.990,00 cada, totalizando R\$ 59.980,00, além 1.400 (hum mil e quatrocentos) prêmios na forma de vale-compras, sendo 1.000 vale-compras instantâneos no valor de R\$ 50,00; 300 vale-compras no valor de R\$ 100,00 e 100 vale-compras no valor de R\$ 200,00.

“Os consumidores prestigiam nossas campanhas porque sabem que são realizadas com seriedade e idoneidade e que estamos sempre procurando inovar nos prêmios. Encerramos a Campanha Copercana Premiada de 2017 e já temos uma programação pronta para o decorrer de 2018. Em fevereiro iremos iniciar a campanha Marcas Campeãs, onde junto com a APAS (Associação Paulista de Supermercados) teremos mais uma vez a oportunidade de premiar os nossos clientes. Só lembrando que, para este ano, a nossa grande expectativa é a inauguração de mais um supermercado que será instalado na Avenida Egisto Sicchieri, em Sertãozinho, onde além dos preços e qualidade dos produtos, iremos promover várias ações”, disse o gerente comercial da Copercana, Ricardo Meloni.



A apuração do primeiro sorteio foi acompanhada pelos diretores da Copercana e da Canaoeste, Manoel Ortolan e Francisco Urenha e por funcionários

Sorteios

O primeiro sorteio da campanha ocorreu no dia 28 de dezembro nas dependências do Magazine Copercana, em Sertãozinho, localizado na rua Dr. Pio Duffles, nº 556, e contemplou 22 consumidores. Foram sorteados 07 (sete) vale-combustíveis, 05 (cinco) vale-compras e 10 (dez) TVs Led 32”. Participaram o presidente da Canaoeste e diretor superintendente da Copercana, Manoel Ortolan; o diretor da Copercana e da Canaoeste, Francisco César Urenha;

o gerente comercial da Copercana, Ricardo Meloni; o assessor das diretorias do Sistema Copercana, Canaoeste e Sicoob Cocred, Manoel Sérgio Sicchieri; o assessor jurídico, Clóvis Aparecido Vanzella, o supervisor dos supermercados Copercana, Márcio Zeviani; o gerente dos Postos de Combustíveis da Copercana, Cláudio Scaranello; o gerente da loja de Ferragem e Magazine de Sertãozinho, Pedro Pavan; o auditor da Copercana, Moacir Roberti Garcia, além de clientes. Confira os ganhadores:

1 ano de supermercado grátis (R\$ 400 por mês)

- Juscelino da Silva – Barrinha
- Cléria Gomes Passos – Pitangueiras
- José H. Bortoleto – Jaboticabal
- Andrea Ap. Costa da Silva – Pontal
- Roberto Luiz B. Lima – Serrana

1 ano de combustível grátis (R\$ 200 por mês)

- Ana L. Carneiro Menassi – Dumont
- Carlos Renato G. Badia – Sertãozinho
- Rafael C. E. Souza – Pitangueiras
- Jaime A.F. Júnior – Jaboticabal
- Pedro Henrique – Jaboticabal

- Adilson José dos Santos – Pontal
- Geraldo D. Fraioli – Santa Rosa de Viterbo

TV 32”

- Noemi Nayara – Pontal
- Oscar Soares Júnior – Pontal
- Rodrigo B. Marchiori – Serrana
- Carlos Adriano Rocha – Jaboticabal
- Egilma Emília Ribeiro – Jaboticabal
- Alessandra dos Santos – Sertãozinho
- Isabela Angélica da Silva – Serrana
- Neirson M. da Silva – Ribeirão Preto
- Anderson Rodrigues Alves – Pontal
- Alessandro J. Zamprônio – Sertãozinho



O sorteio da premiação mais aguardada da campanha contou com a presença dos diretores da Copercana e da Canaoeste e também de funcionários

Os consumidores ainda tiveram a chance de concorrer no dia 10 de janeiro de 2018 a dois automóveis zero Km e a cinco cruzeiros com direito a acompanhante. O último sorteio da promoção contou com a presença do presidente da Copercana, Antonio Eduardo Toniello; do presidente da Canaoeste e diretor superintendente da Copercana, Manoel Orotolan; do diretor da Copercana e da Canaoeste, Francisco

César Urenha; do assessor das diretorias do Sistema Copercana, Canaoeste e Sicoob Cocred, Manoel Sérgio Sicchieri; do gerente comercial da Copercana, Ricardo Meloni; do auditor da campanha, Moacir Roberti Garcia, convidados e clientes que encheram as dependências do Magazine Copercana em Sertãozinho para acompanhar a tão aguardada apuração. Confira os premiados:

Ganhadores - Cruzeiro (com direito a um acompanhante)

- Letícia Fazam Pestana - Sertãozinho
- Adriano Júnior Gomes - Sertãozinho
- Carlos Cesar Fabris Filho – Sertãozinho
- Lorena Bianculli Borges – Pontal

- Luiz Gonçalves Canelo - Pitangueiras

Ganhadores Renault Kwid Life OKm

- Aparecida Ancheschi - Sertãozinho
- Elysio Virnillo Júnior - Pitangueiras



Antonio Eduardo Toniello - presidente da Copercana

“Quase 800 mil cupons depositados, isso demonstra a confiança dos clientes em nossas campanhas que são transparentes e bem divididas - conseguimos premiar toda a região participante”, disse com satisfação o presidente da Copercana, Antonio Eduardo Toniello, que na ocasião destacou ainda a emoção do último sorteio da campanha. “Este ano um sentimento especial tomou conta do sorteio



Manoel Ortolan - presidente da Canaoste e diretor da Copercana

porque uma das contempladas com o carro zero-quilômetro estava presente e foi gratificante ver a reação dela”, disse Toniello que aproveitou para falar do novo supermercado da rede Copercana que em breve será inaugurado em Sertãozinho. “Teremos mais um supermercado Copercana em Sertãozinho à disposição dos nossos clientes. Será uma loja bem moderna, pois os nossos clientes merecem”.

“Temos a alegria de poder realizar essa campanha e, mais do



Francisco César Urenha - diretor da Copercana e da Canaoste

que isso, premiar os clientes que confiam no nosso trabalho e prestigiam nossas lojas. Queremos agradecê-los por fazerem parte do sucesso dessa campanha e esperamos que continuem conosco”, comentou o presidente da Canaoste e diretor da Copercana, Manoel Ortolan.

Para o diretor da Copercana e da Canaoste, Francisco César Urenha, o sucesso de anos seguidos da campanha é reflexo do empenho da administração da Copercana e da credibilidade dos clientes. “Os nossos clientes são peças fundamentais em nossas campanhas e nada mais justo que poder retribuir toda essa confiança aumentando a cada ano o número de prêmios nos sorteios. É uma grande satisfação estar presente e ver que a população, além de colocar seus cupons nas urnas, prestigia a apuração e, acima de tudo, confia no nosso trabalho”, afirmou Urenha.



ENTREGA DOS PRÊMIOS

A entrega dos prêmios do último sorteio foi realizada no dia 18 de janeiro pelos diretores e colaboradores da Copercana: Manoel Ortolan, Francisco César Urenha, Manoel Sérgio Sicchieri, Ricardo Meloni, Márcio Zeviani e João Carlos Sponchiado, durante o programa dra. Rita na TV (da emissora STZ TV, afiliada da TV Brasil).



Na foto, os ganhadores dos automóveis zero-quilômetro e dos cruzeiros com os diretores e funcionários da Copercana

O dia 10 de janeiro de 2018 ficará marcado como o dia da sorte para a inspetora de alunos Aparecida Ancheschi, moradora de Sertãozinho e ganhadora de um dos automóveis sorteados na campanha Copercana Premiada. Ela estava acompanhando o sorteio no momento em que ouviu o gerente de Marketing Comercial da Copercana, João Carlos Sponchiado, anunciar o seu nome como ganhadora do Renault Kwid Life 0Km. Aparecida não conteve a alegria, o que foi emocionante também para quem estava presente. “Eu sabia que estava concorrendo com milhares de pessoas que também mereciam, mas agradeço a Deus por ter tido o meu cupom sorteado. Quando chamou pelo meu nome fiquei muito feliz, me disseram que gritei, mas não lembro da minha reação, a emoção foi tanta, pois eu queria muito ganhar. Sou cliente há muitos anos e participei desse sorteio com vários cupons e, com certeza, pretendo continuar comprando na Copercana e participando das promoções”.



Aparecida Ancheschi - inspetora de alunos



Elysio Virnillo Júnior - funcionário público

Morador da cidade de Pitangueiras-SP, o funcionário público Elysio Virnillo Júnior, ganhador de um dos automóveis zero-quilômetro não acreditou que havia sido contemplado quando recebeu a notícia. “Eu estava saindo da fisioterapia quando recebi a ligação que havia ganhado o carro e foi muito emocionante, pois é a primeira vez que ganho algo em sorteio. Eu sou cliente da Copercana há muito tempo e com certeza vou continuar efetuando minhas compras nos supermercados, magazines e no postos de combustíveis e claro que irei participar de todas as campanhas, vai que tenho sorte novamente”, disse. 🌱

Mesmo lá em cima, você pode continuar pisando firme.

LCA. Perfeito para você que prioriza **rentabilidade**.
Sob medida para quem escolhe **segurança**.

Tranquilidade é investir com uma cooperativa que já é sua parceira de jornada e ainda contar com a segurança do Fundo Garantidor do Cooperativismo*. Com a Letra de Crédito do Agronegócio, você assegura um rendimento superior às demais aplicações de renda fixa, e sua aplicação fica isenta de Imposto de Renda**. Converse com o seu gerente.

LCA da Sicoob Cocred.
Resultados superiores.
Riscos reduzidos.

*O Fundo Garantidor do Cooperativismo de Crédito protege investimentos de até R\$ 250 mil por CPF ou CNPJ.

**Condição válida para Pessoa Física.



 **SICOOB COCRED**
Cooperativa de Crédito



RESPONSABILIDADE

social e ambiental

Por meio do projeto BioCoop, em 2017 deixaram de ser descartadas no meio ambiente mais de 360 toneladas de lixo reciclável

Fernanda Clariano



A coleta seletiva gera inúmeros benefícios ao meio ambiente e para a população consciente, pois além de reduzir a quantidade de resíduos que vai para aterros e lixões, reduz também a extração de recursos naturais; a poluição do ar, da água e do solo; previne enchentes; contribui com a limpeza da cidade; gera empregos devido à comercialização

de recicláveis, entre outros.

Preocupada com o impacto ambiental causado pelo excesso de lixo produzido pela sociedade e dentro de suas dependências, a Copercana (Cooperativa dos Plantadores de Cana do Oeste do Estado de São Paulo), em parceria com a Canaoeste (Associação dos Plantadores de Cana do Oeste do Estado de São Paulo) e a Sicoob Cocred (Cooperativa de

Crédito) implantou em abril de 2005 o projeto BioCoop, que atua na matriz e em todas as filiais do Sistema, com o objetivo de gerenciar os resíduos passíveis de reciclagem por meio da coleta seletiva e conta com a adesão dos funcionários e da população que doam seu lixo reciclável, contribuindo com o sucesso do programa.

O projeto também tem a finalidade de formar cidadãos capazes de mudar

seus hábitos em busca de uma melhor qualidade de vida. Resultado disso são as diversas campanhas envolvendo tanto a parte ambiental quanto a social. “Após serem separados, os materiais são encaminhados às empresas de reciclagem para que a matéria-prima desses produtos volte ao ciclo de produção. Além disso, através desta ação contribuímos com entidades assistenciais como, por exemplo, por meio da arrecadação de lacres de alumínio onde conseguimos evitar o acúmulo desse material no meio ambiente e, conseqüentemente, darmos um destino correto a ele, que é a reciclagem – e ainda os trocamos por cadeiras de rodas. Com isso já beneficiamos 24 instituições”, afirmou a bióloga Milena Talamoni, encarregada do projeto.

De acordo com o levantamento feito pela BioCoop, em 2017 deixaram de ser descartadas no meio ambiente mais de 360 toneladas de lixo reciclável:

Papelões: 281.380 kg
Papéis: 31.242 kg
Plásticos: 35.131 kg
Alumínios: 381,3 kg
Sucatas: 11.865 kg
Vidros: 7.880 kg
Sacarias: 4.023 unidades
(que foram reutilizadas)
Caixas de madeira: 24.347
unidades (que foram reutilizadas)
Sucatas eletrônicas: 635
unidades de aparelhos
Lâmpadas fluorescentes:
3.114 unidades (foram
descontaminadas)

Milena também salientou a importância da conscientização dos funcionários do Sistema Copercana, Canaeste e Sicoob Cocred e da população em relação ao impacto que cada um causa no meio ambiente e de

como as ações interferem de maneira direta na “saúde” do planeta. “As pessoas estão se preocupando mais em relação à sustentabilidade, pois estão entendendo que para melhorar a qualidade de vida é necessário mudar alguns hábitos e estão cientes de que a mudança começa de dentro para fora, começa em casa – cobrando a si próprio. São ações como esta que fazem a diferença”, afirmou a bióloga que ainda lembrou o apoio que a BioCoop recebe da diretoria do Sistema, bem como de todos os envolvidos no projeto. “A atenção que o projeto recebe desde a diretoria, que incentiva cada ideia, cada passo dado e a adesão dos colaboradores que se estende também aos seus familiares e a população é fundamental para que os resultados sejam positivos. As pessoas acreditam no que é proposto e sabem dos benefícios que ele gera para a sociedade e para o meio ambiente e isso tem contribuído para o crescimento da BioCoop que vem desenvolvendo o seu papel com grande afinco”.

Conhecer e praticar

“Foi trabalhando na Copercana que aprendi por meio da BioCoop o que é reciclável e o que não é, como separar e acho muito importante esse trabalho de conscientização que é desenvolvido junto aos funcionários e a população. Há alguns anos reciclar se tornou um hábito na minha casa e na casa das minhas irmãs e eu sou a responsável em recolher os materiais. Eu acredito que se cada um fizer a sua parte vamos melhorando aos poucos o lugar onde vivemos”, comentou a auxiliar de limpeza da Copercana, Márcia Rech.

Desde que a BioCoop foi inserida na cooperativa, o analista de projetos na área de TI, da Copercana, Adilson Ernesto Sverzut, encaminha os recicláveis da sua casa para o departamento. “Esta é uma forma



*Márcia Rech - auxiliar de
limpeza da Copercana,*

que encontro de contribuir com o meio ambiente, não colocando o que é reciclável junto ao lixo comum. Eu acho tudo isso muito interessante, porque além de cooperar com o meio ambiente e para uma vida mais saudável da população, ele mantém alguns projetos sociais e isso é muito bacana. É gratificante ver que a cooperativa incentiva o funcionário na coleta seletiva e poder fazer a minha parte reciclando e disseminando este trabalho não tem preço”, disse Sverzut.



*Adilson Ernesto Sverzut -
analista de projetos na área de
TI, da Copercana*

Serviço

*A sede da BioCoop fica na Rua:
Expedicionário Lellis, 702 - Jardim
Soljumar, telefone (16) 3946-3300 –
ramal 2140.* 



CANAOSTE

realiza treinamentos técnicos

Parcerias levam conhecimento aos associados

Da Redação



Equipes técnicas Canaoste e Sipcarnichino

A Canaoste, em parceria com a empresa Sipcarnichino, realizou no dia 30 de novembro, em Sertãozinho, um treinamento interno para a equipe técnica agrônômica da associação.

Na ocasião foi apresentado pela empresa Sipcarn, o maturador Sprint WG e discutidos assuntos referentes à aplicação de maturadores na cana-de-açúcar.

Estiveram representando a empresa Sipcarn o gerente regional de Vendas Fernando Freitas; o executivo de Contas, João Jorge Dezem e o ATV, Rafael Gualbino.

Vale ressaltar que a aplicação de maturadores químicos é uma ferramenta moderna de manejo utilizada para acelerar, antecipar, melhorar ou manter a maturação da matéria-prima, o que possibilita uma maior flexibilidade no gerenciamento da colheita.



Associados de Barretos, Bruno (RTV da DuPont) e equipe técnica da Canaoste

Já no dia 13 de dezembro, a associação, com o apoio da empresa DuPont, promoveu na filial de Barretos, um treinamento de campo com a participação da equipe de Levantamentos de Pragas e associados da região. O encontro ocorreu na fazenda Santa Adelaide, do proprietário e também associado José Armando Milani.

O treinamento abordou as metodologias de levantamento de pragas como broca, cigarrinha e *sphenophorus*, com

o objetivo de capacitar afiliados e seus funcionários a detectarem populações no campo e, quando necessário, a controlá-las.

De acordo com a gestora técnica operacional da Canaoste, Alessandra Durigan, estas pragas assumem atualmente grande importância devido aos prejuízos que têm causado à cultura da cana, reduzindo, quando não controladas, a rentabilidade financeira do produtor. 

Estamos há mais de uma década escrevendo a história do agronegócio nacional, principalmente sobre o setor sucroenergético

Somos a única mídia entregue, todos os meses, na casa dos produtores de cana - o que nos torna uma mídia diferenciada não apenas por esse motivo, mas por estarmos sempre seguindo os passos de produtores, fornecedores e lideranças do setor, marcando presença nos principais congressos, seminários, workshops, conferências, reuniões, encontros e feiras sobre a cultura da cana-de-açúcar. Onde há cana-de-açúcar, tem **Revista Canavieiros!**



Faça parte dessa família!



A BIBLIOTECA

da Canaoeste está em festa

Livros, revistas e muitas histórias sempre marcaram a trajetória da Biblioteca que comemorou em dezembro 45 anos

Fernanda Clariano



Fotos: Rodrigo Moisés

Fundada em 14 de dezembro de 1972 e colecionadora de muitas histórias, a Biblioteca “General Álvaro Tavares Carmo”, mantida pela Canaoeste (Associação dos Plantadores de Cana do Oeste do Estado de São Paulo), completou 45 anos. A instituição recebeu este nome como forma de homenagem do presidente da associação na época, Fernandes

dos Reis, ao presidente do IAA (Instituto do Açúcar e do Alcool), que doou uma coleção de livros sobre cana-de-açúcar à Canaoeste quando soube do projeto.

São quatro décadas e meia prestando serviços socioculturais aos moradores de Sertãozinho e da região, fortalecendo o hábito da leitura, promovendo conhecimento cultural e garantindo o acesso a

todos os tipos de informações por meio de um acervo com mais de 12 mil itens entre livros, revistas, HQs, vídeos e discos.

A biblioteca da Canaoeste sempre teve e mantém até hoje um compromisso importante com seus associados, cooperados e com a população de Sertãozinho e da região, sendo mais uma opção gratuita de acesso ao livro, ao lazer

e à informação que vai além das bibliotecas públicas. Atualmente, conta com mais de 1000 consulentes e atende semanalmente em torno de 200 pessoas, direta e indiretamente, além de parcerias com o Instituto Cultural Engenho Central, Museu da Cana e USP (Universidade de São Paulo), o que torna o trabalho da biblioteca cada vez mais sólido e relevante na comunidade.



Manoel Ortolan - presidente da Canaoeste

No passado, atendia apenas aos fornecedores de cana e seus familiares, que tinham a biblioteca como um instrumento auxiliar para os seus estudos. O presidente da Canaoeste, Manoel Ortolan, relembra alguns fatos: “Uma das lembranças que eu tenho é que a biblioteca tinha várias mesas e uma frequência grande de alunos (filhos de fornecedores) que iam estudar e fazer os seus trabalhos escolares. Hoje é um pouco diferente daquela época, o hábito da leitura mudou muito devido à tecnologia e, para atender esse público, a biblioteca disponibiliza computadores para quem está inserido nessa modernidade, pois muitos preferem realizar suas pesquisas na internet e eu acredito que tudo é válido, o importante é ter o hábito da leitura, seja por meio dos livros, celular ou mesmo no computador”, analisou.

Um personagem que vem fazendo



Haroldo Luís Beraldo - bibliotecário

parte dessa história real é o bibliotecário Haroldo Luís Beraldo, que há seis anos e meio realiza um bellissimo trabalho junto a biblioteca da Canaoeste. “Não é nada comum uma empresa manter uma biblioteca aberta como a Canaoeste faz há 45 anos e estar à frente deste trabalho é uma honra, assim como uma responsabilidade enorme”, disse orgulhoso o bibliotecário, que ainda ressaltou dois fatos marcantes para ele nesses anos de trabalho junto à instituição: “A mudança para a casa onde estamos hoje e, ao mesmo tempo, a abertura dos serviços que prestamos para o público geral, são dois fatos muito importantes que me marcaram. Hoje atendemos não

apenas aos cooperados, associados e colaboradores do Sistema Copercana, Canaoeste e Sicoob Cocred, mas toda a comunidade de Sertãozinho e região que nos visita e procura nossos serviços”, afirmou.

Além dos livros

Promover o acesso aos livros junto aos leitores é um diferencial da biblioteca da Canaoeste. Por meio do projeto Geladeiroteca, o leitor tem acesso gratuito aos livros sem a obrigação de devolvê-los e, através dele, muitas pessoas que não tinham a oportunidade de ler um livro passaram a ter. Instituições como o Asilo de Sertãozinho e várias escolas da cidade também participam das atividades realizadas, onde além dos livros, prestigiam apresentação teatral e musical. “O bibliotecário da Canaoeste leva a biblioteca aos leitores, ele busca o público, movimenta. Eu acredito que não adianta só existir a biblioteca, ela tem que exercer a sua função que é promover e divulgar a leitura. Felizmente, para nós, é motivo de muita satisfação saber que a biblioteca vem cumprindo um bom papel junto a nossa comunidade”, avaliou Ortolan.



ELES TAMBÉM COMEMORAM



“Fico muito feliz por esse marco na história da Biblioteca da Canaeste, pois com 45 anos de serviços prestados muitas pessoas tiveram o privilégio de buscar a ajuda necessária em cada etapa de sua vida. Sei que muitos lá frequentaram e frequentam, tiveram a experiência e o prazer de buscar novos conhecimentos por meio da leitura e aprenderam algo de bom. Há mais de quatro anos frequento a biblioteca “General Álvaro Tavares Carmo” e a vejo com muito bons olhos, o seu acervo é um dos melhores da cidade”, ressaltou a auxiliar de contabilidade I da Copercana, Josicleide Silva Araújo Brito.

“Desde 2013, ano em que iniciei o meu trabalho na cooperativa, solicito livros junto a biblioteca da Canaeste e acho muito interessante o trabalho cultural, social, intelectual que é desenvolvido, não só para os funcionários, mas também da população que é beneficiada. Quero parabenizar todos os apoiadores desse projeto que já perdura há quatro décadas e meia e desejar que essa filosofia de disseminar o conhecimento e o saber continue sendo propagada”, disse o assistente de sinistro II da Corretora de Seguros da Copercana, Carlos Eduardo Sanches.



“Já tomei por empréstimo vários livros sobre assuntos técnicos referente à minha área de atuação na parte agrícola, bem como livros de suspense e aventura e, pela excelência dos serviços prestados, o meu desejo é que a biblioteca da Canaeste continue ultrapassando obstáculos visando o seu crescimento e, principalmente, buscando sempre atingir sua missão: garantir à comunidade o acesso à informação e ao conhecimento como forma de impulsionar e potencializar o desenvolvimento cultural. Não poderia deixar de falar do projeto Geladeiroteca, que é uma nobre iniciativa da biblioteca de levar os livros mais próximos das pessoas, uma ação muito interessante. A biblioteca “General Álvaro Tavares Carmo” está de parabéns!”, reconheceu o engenheiro agrônomo da Canaeste (filial Pitangueiras), Edson Fernandes Júnior. 



CONTROLE DE PLANTAS DANINHAS NA CULTURA DO AMENDOIM

Por Rafael Factor

A cultura do amendoim possui uma área cultivada de aproximadamente 110 mil hectares concentrados, em sua maioria, em regiões do estado de São Paulo. À primeira vista, quando comparado a outros cultivos, podemos nos enganar e concluir que essa cultura tem uma área de plantio restrita e concentrada, porém é possível observar um esforço crescente das câmaras setoriais e das principais instituições de pesquisa em expandir os conhecimentos acerca desta leguminosa, buscando novos cultivares com características agronômicas adaptadas a novas regiões do país. Outra particularidade do amendoim no estado de São Paulo é que o plantio ocorre em áreas de reforma dos canaviais, o que traz uma consequência especial: o amendoim herda o manejo que foi utilizado durante a condução das soqueiras da cana-de-açúcar. Ou seja, o produtor de amendoim, muitas vezes, não é capaz de criar um histórico das plantas daninhas que ocorrem nas áreas de plantio, pois a reforma dos canaviais é realizada de maneira difusa e geograficamente variável ao longo das safras.

Com o advento da colheita mecanizada dos canaviais e, portanto, com a manutenção da palhada no campo, não é comum a prática de mobilização do solo ao longo dos anos, e quando o terreno é preparado para a semeadura do amendoim, temos um distúrbio causado no agroecossistema que acaba por estimular a germinação de um banco de sementes bastante diverso e vigoroso. Isso implica lançar mão de um manejo de plantas daninhas tão logo seja feita a semeadura das áreas, a fim de evitar a matocompetição inicial. Considerando os dados da literatura, a cultura do amendoim é capaz de conviver de 45 a 60 dias com a comunidade infestante sem que haja interferência na produtividade. A esse período dá-se a denominação de período anterior à interferência (PAI). Pela própria particularidade do amendoim ser cultivado em áreas de cana-de-açúcar sob manejo de colheita crua, observamos uma tendência de aumento das folhas largas. Todavia, é comum observar algumas espécies de gramíneas durante a condução do amendoim.

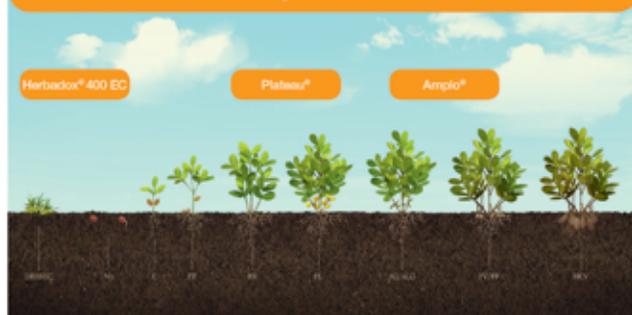
Rafael Factor, Desenvolvimento Técnico de Mercado da BASF afirma que embora o amendoim seja capaz de conviver durante esse período com as plantas daninhas, é importante ressaltar que os dados da pesquisa alertam para uma redução de 86% na produtividade, caso não seja adotada nenhuma prática de combate às plantas invasoras. Ou seja, aguardar 45 dias para iniciar os métodos de controle seria inviável, ainda mais quando consideramos a baixa quantidade de moléculas disponíveis para um controle satisfatório das ervas. É importante valorizar as práticas complementares de controle (manejo integrado), escolhendo materiais com fechamento rápido das entrelinhas e com características fenotípicas que garantam maior aproveitamento dos recursos do meio. Poderíamos ainda utilizar métodos mecânicos de controle, porém, no caso do amendoim, teríamos uma interferência negativa caso a operação afetasse o desenvolvimento do ginóforo e das raízes e, portanto, prejudicaria muito a produção das lavouras.



Por esses fatores, o manejo químico de plantas daninhas é o método mais disseminado e de maior sucesso no controle racional das principais invasoras que acometem as lavouras de amendoim. Para tanto, o produtor tem opção de iniciar o manejo anteriormente à semeadura (PPI), logo após a semeadura ("plante-aplique") ou posteriormente à germinação do amendoim.

Nesse sentido, a BASF como empresa de pesquisa e desenvolvimento e com qualidade de portfólio para o cultivo do amendoim, possui ferramentas desenvolvidas para atender e auxiliar o produtor na resolução dos principais problemas enfrentados no dia a dia. Especificamente para o manejo das plantas daninhas, a empresa disponibiliza para o mercado os herbicidas HERBADOX® 400 EC, PLATEAU® e AMPLO®, que possuem encaixe em todas as fases de desenvolvimento da cultura, para o controle das principais espécies de folhas largas e estreitas. Abaixo, temos o posicionamento da oferta de herbicidas da BASF para o cultivo do amendoim.

Tecnologia para Proteção do Amendoim (Herbicidas)



- **HERBADOX® 400 EC:** herbicida gramínica para aplicações em PPI – dose 3,0 a 4,0 l/ha.
- **PLATEAU®:** herbicida residual seletivo e de amplo espectro para aplicações em pós-emergência, referência para o cultivo do amendoim – dose 140 g/ha.
- **AMPLO®:** herbicida latifolicida seletivo e de amplo espectro para aplicações em pós-emergência das plantas daninhas – dose 1,0 l/ha.

Uso exclusivamente agrícola. Aplique somente as doses recomendadas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos. Inclua outros métodos de controle do programa do Manejo Integrado de Pragas (MIP) quando disponíveis e apropriados. Restrições temporárias no estado do Paraná na cultura do amendoim: Plateau® para os alvos *Emilia sonchifolia* e *Indigofera hirsuta*. Registro MAPA: Herbadox® 400 EC n° 015907, Plateau® n° 02298 e Amplo® n° 0508.

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENHA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.



BALANCETE MENSAL



SICOOB COCRED COOPERATIVA DE CRÉDITO
3214 - SICOOB/SP COCRED

CNPJ 71.328.769/0001-81
BALANCETE MENSAL (prazos segregados)
NOVEMBRO 2.017
Valores em Reais

Ativo	Novembro/2017
Circulante	
Disponibilidades	8.888.281,71
Títulos e valores mobiliários	906.892.523,60
Relações interfinanceiras	25.785.244,75
Operações de crédito	1.044.591.894,70
Operações Cedidas	19.615.835,52
Outros créditos	51.760.198,18
Outros bens e valores a receber	167.668,38
	2.057.701.646,84

Realizável a longo prazo	
Títulos e valores mobiliários	151.573.156,22
Operações de crédito	416.188.010,50
Outros créditos	279.354.619,50
Outros bens e valores a receber	69.707.981,47
	916.823.767,69

Permanente	
Investimentos	70.219.630,21
Imobilizado	13.341.031,78
Intangível	1.717.013,17
	85.277.675,16

Total do ativo	3.059.803.089,69
-----------------------	-------------------------

Passivo e patrimônio líquido	Novembro/2017
Circulante	
Depósitos à vista, à prazo e sob aviso	1.254.679.396,68
Letra de Crédito do Agronegócio - LCA	430.824.141,94
Relações de interdependência	6.219,11
Obrigações por empréstimos e repasses	643.867.891,53
Obrigações sociais e estatutárias	9.201.431,30
Obrigações fiscais e previdenciárias	1.695.646,20
Obrigações por Operações Vinculadas a Cessão	19.753.808,04
Outras obrigações	40.968.768,05
	2.400.997.302,85

Exigível a longo prazo	
Obrigações por empréstimos e repasses	92.561.392,31
Obrigações sociais e estatutárias	1.681.324,69
Outras obrigações	23.959,65
Provisão para contingências	168.369.509,85
	262.636.186,50

Patrimônio líquido	
Capital social	250.086.893,24
Reserva legal	104.005.236,21
Sobras ou perdas acumuladas	(4.877.650,66)
	349.214.478,79

Resultado	
Conta de Resultado Credora	202.699.716,16
Conta de Resultado Devedora	-155.744.594,61
Sobras ou perdas acumuladas	46.955.121,55

Total do passivo e patrimônio líquido	3.059.803.089,69
--	-------------------------

Sertãozinho/SP, 30 de novembro de 2017.

ADEMIR JOSÉ CAROTA
Contador - CRC 1SP 259963/O-8
CPF. 303.381.738-62

ANTONIO EDUARDO TONIELO
Pres. do Conselho de Administração
CPF. 053.128.258-91

MANOEL CARLOS DE AZEVEDO ORTOLAN
Vice Pres. do Conselho de Administração
CPF. 442.235.018-87

MÁRCIO FERNANDO MELONI
Diretor Administrativo e Financeiro
CPF.020.627.168-93

FRANCISCO CÉSAR URENHA
Diretor de Crédito
CPF. 002.749.498-57

VINICIUS GRASSI PONGITOR
Diretor de Negócios
CPF. 172.200.438-05



AQUI SEUS INVESTIMENTOS CRESCEM MAIS

Quer fazer o seu dinheiro crescer? Conheça as opções de investimento que a **Sicoob Cocred** oferece a você

- LCA: rentabilidade e segurança, sem incidência de IR* para PF;
- Superaplic: aplicação com ganhos diferenciados e competitivos;
- Poupança Sicoob: disponível para associados e não associados, contribui com o desenvolvimento de sua região.



Procure seu gerente.



Aumente sua movimentação e aumente suas sobras.



Ouvidoria Sicoob Cocred 0800 725 0996

CRÉDITO CONSIGNADO SICOOB INSS

A oportunidade que você queria
para viver o melhor da vida.

Aposentados e pensionistas do INSS podem contar com o Crédito Consignado Sicoob INSS, um empréstimo* pensado na medida para você tirar os seus planos e sonhos do papel. O valor das parcelas é fixo e descontado no seu benefício para você ter tranquilidade. E você não precisa ser associado da Sicoob Cocred para aproveitar todas essas vantagens. Crédito Consignado Sicoob. Precisou? Conte com ele.

Confira:

- Uma das melhores taxas do mercado.
- Contratação fácil e rápida.
- Rapidez na liberação do crédito.
- Sem consulta no SPC/Serasa.
- Não precisa de avalista.

Encontre a agência mais próxima de você:
www.sicoobcocred.com.br

Ouvidoria - 0800 725 0996 | Atendimento Seg. a Sex. - 8h às 20h
Deficientes auditivos ou de fala - 0800 940 0458
www.ouvidoria.sicoob.com.br

 **SICOOBCOCRED**
Cooperativa de Crédito

*Operação sujeita à análise e aprovação de crédito.

Nova Sicoob Cocred

| *Ribeirão Preto*

A Sicoob Cocred mudou de endereço em Ribeirão Preto. Na nova agência, localizada em uma das principais avenidas da cidade, você poderá viver uma verdadeira e agradável experiência de realizar excelentes negócios.

Venha tomar um café e encontrar as melhores soluções financeiras exclusivas para o seu perfil.

Esperamos você.

*Ideal e exclusiva
pra você.*

Visite.

*Av. Wladimir Meirelles Ferreira, 1465,
Jardim Botânico.*

Imagem Ilustrativa.

 **SICOOB COCRED**

*Estacionamento ao lado da agência
(1ª hora gratuita).*

 **SICOOB COCRED**
Cooperativa de Crédito

Vamos **crescer** juntos?



FACES DA SUSTENTABILIDADE

Sustentabilidade é ter lucro, organizações falidas ou endividadas não conseguem atingir o seu primeiro aspecto, que é o econômico. Quem dirá sedesenvolver nas áreas sociais e ambientais

Marino Guerra



A cabeça da população precisa ser produtiva como a agricultura brasileira

O conceito de lucro no Brasil é com certeza um dos motivos que como uma âncora segura essa nação no lamaçal do subdesenvolvimento. Podem fazer uma pesquisa onde é comparado um empresário de sucesso com algum político popular que possui uma grande bagagem de casos de corrupção nas costas, vê quem a maioria convidaria para um jantar em sua casa.

Com certeza esse sentimento é gerado pois a ineficiência sempre foi cultuada nesse país, e as pessoas que adquirem esse vírus possuem como principal sentimento a inveja por quem trabalha, por quem produz, características primordiais para quem busca o lucro honesto.

Partindo desse comportamento, é natural que essa parte da população passaria a adotar os outros dois pilares da sustentabilidade como muletas para encontrar falhas em

quem é produtivo. Sendo assim, questões ambientais e sociais passaram a ter relevância exacerbada. Pessoas que não possuem a iniciativa de executar a própria reciclagem de seu lixo doméstico, quem dirá algum trabalho voluntário, se armaram de pedras e passaram a atirar (em grande parte de maneira virtual) nos mais irrelevantes fatos onde conseguiram interpretar que os “capitalistas selvagens” estariam destruindo o planeta.

E quem é do setor canavieiro conhece bem essa história. No entanto, ao invés de entrar em uma discussão de futebol com os inúteis, reconheceu seus desafios e evoluiu. Atendimento às regras do código florestal, mecanização do corte e formalização das relações trabalhistas, foram apenas os principais itens dos outros dois aspectos da sustentabilidade (social e ambiental) onde a cana-de-açúcar evoluiu de maneira íngreme, isso sem poder contar com o ponto econômico, pois em paralelo, enfrentou a maior crise de sua história.

Brasil sustentável

Mônika Bergamaschi: “O Brasil não está sustentável, o agronegócio é uma parte dele”. Essa visão objetiva da presidente do Ibisa (Instituto Brasileiro para a Inovação e Sustentabilidade do Agronegócio) desmistifica uma polarização, que virou senso comum em boa parte da sociedade, que ainda vem de uma leitura dos tempos do Brasil Colônia a qual era baseada na ideia do patriarcalismo, ou seja, o dono da terra era também proprietário de tudo que tinha nela, desde a plantação, passando por escravos, funcionários, mulher e filhos.

O patriarca morreu faz tempo, o campo evoluiu, tanto é que hoje é o setor que mais respeita os princípios do cooperativismo, no qual mostra que o trabalho em conjunto traz muito mais resultados que a prática solitária e autoritária.

Porém muitos vícios daquela época permanecem assombrando o setor urbano. Corrupção, burocracia, ineficiência e ignorância são males que aumentaram de maneira absurda dos tempos de Dom Pedro para cá. Imagina se a evolução de nossa sociedade tivesse sido tão bem-sucedida como a do campo. Não tenho dúvidas que seríamos uma das nações mais desenvolvidas do mundo.

Com isso fica claro a noção que para ser totalmente sustentável o agronegócio precisa do Brasil, e para ser desenvolvido o Brasil precisa do agro.

Na visão da executiva, o Brasil precisa entender que as soluções para as mazelas que atingem a população (saúde, educação, segurança e transporte) virão a partir do momento que o agronegócio for assumido como o setor que gera prosperidade pelos governos e então passar a desenvolver políticas que contribuam para o seu desenvolvimento,



Mônika Bergamaschi: “O Brasil precisa ser sustentável”

como por exemplo: ter uma lei trabalhista específica para a realidade no campo, investimento em infraestrutura para armazenamento e escoamento de safra.

Baseada no fato de que principalmente nos últimos anos quem sustenta o país e o agronegócio, a também presidente da Abag-RP avalia. “O campo precisa de escoamento, mas vão falar que escoamento não é importante, que as prioridades são saúde e educação. No entanto, se o escoamento continuar da mesma maneira, vai quebrar o produtor e não terá dinheiro para sustentar um monte de programa social do Governo, como o bolsa-família e o minha casa, minha vida. É necessário distribuir melhor para desenvolver quem precisa ser desenvolvido e a partir disso sustentar um desenvolvimento completo da sociedade”.

Ainda como prova da importância do campo na economia foi a baixa significativa da inflação em 2017, causada pela queda no valor dos alimentos e ainda lembra que em um passado não muito distante, por uma presidente impedida, a agricultura foi apontada por uma galopante alta da inflação. “Quando o tomate foi a R\$ 12,00 o quilo, a Dilma jogou nas costas dele como o responsável pelos números aterrorizantes da alta de preços na época. Agora não vi nenhuma capa de jornal dizendo a importância do campo no cenário de deflação. Não estou dizendo que não é para apontar os erros, só peço aplausos na hora que acertamos”.

De certo poucos cidadãos conseguem reconhecer o que se comia e que preço pagava para se alimentar há vinte anos, e a fatura de uma mesa e o seu valor nos dias de hoje. Isso não se deu fazendo protestos, isso se deu através de muito trabalho, em decorrência de pesquisas que geraram tecnologias.

Sendo assim, é preciso acabar de uma vez por todas com

a visão míope que uma política agrícola vai beneficiar um grupo com “quatro ou cinco privilegiados por deus detentores de grandes extensões de terras” que ficam com todo o lucro e distribuem migalhas aos coitados que possuem a infelicidade de trabalharem no campo. Somente quando cada cidadão que habita esse país passar a defender o agronegócio é que aceleraremos a marcha no sentido da sustentabilidade da nação, lembrando que esse conceito engloba a economia, a sociedade e o seu meio ambiente.

Opinião pública sustentável

Quando algo atinge um tamanho ou importância muito grande com certeza passa a ser vitrine se tornando alvo predileto aos atores da mídia que ganham a vida em atirar pedras. E com certeza o agronegócio não ficaria de fora a partir do momento que assumiu seu protagonismo no cenário econômico mundial, com a abertura de mercado realizada no Governo Collor, início da década de 90, onde ficou evidente a sua eficiência, principalmente para equilibrar ou deixar a favor a balança comercial.

Penando no triângulo da sustentabilidade, a comunicação do setor, tanto para o público interno como externo, nem precisou trabalhar muito para representar sua importância na economia, e o problema foi justamente esse, notícias positivas não vendem jornal. Sendo assim, logo começaram a pipocar reportagens sobre o quanto maléfico era o campo para as pessoas e as árvores.

Desde então o setor enfrenta uma verdadeira cruzada para mostrar todas as suas ações. Quebrar a ignorância das massas é algo mais complexo do que aparenta. Porém, ações muito bem-sucedidas já trouxeram resultados positivos, dentre elas existem duas que já foram inseridas aos anais da comunicação do agronegócio.

As duas foram desenvolvidas pela Abag-RP. A primeira consistia em uma sequência de informes publicitários veiculados na televisão sob o slogan “Agronegócio, sua vida depende dele” o qual muitos apontam como o precursor da campanha da Rede Globo “Agro: A Indústria Riqueza do Brasil”.

O segundo programa, criado em 2001 e está em operação até hoje, é o “Agronegócio na Escola”, que trabalha temas envolvidos com o setor com professores, coordenadores e alunos das duas últimas séries do ensino fundamental (13 a 14 anos de idade). Nesse programa, através da capacitação de todos os envolvidos (palestras e visitas a unidades agroindustriais) é mostrada a interdependência entre campo e cidade, deixando que os próprios envolvidos excluam paradigmas fantasiosos comprovando como tudo funciona de perto.

O sucesso dessa ação é tamanho que diversas entidades

e grupos empresariais de outras regiões (a associação comandada pela Mônica Bergamaschi atua somente na de Ribeirão Preto), vem conhecer o programa para replicar.

Também baseado nessa metodologia (seminário, ciclo de palestras e visitas) a entidade agregou a categoria jovem talento ao seu prêmio anual de jornalismo, onde além de premiar as melhores reportagens feitas pelos universitários, também faz com que os futuros formadores de opinião se desarmem de seus preconceitos. Vale lembrar que esse programa envolve todos os estudantes do estado de São Paulo.

A frente de todo esse portfólio de ações, a executiva tem uma visão muito prática sobre o assunto. “É preciso mostrar o agro para o maior número de pessoas possíveis, desmistificar conceitos absurdos, assim eles mesmo começarão a questionar os rostinhos bonitos que tanto nos critica nas redes sociais e então ou sumirão ou procurarão outra vizinhança para importunar. Nosso trabalho vai além de apresentar, estimulamos as pessoas a pensar, sendo assim elas terão argumentação para corrigir algum próximo que blasfemar alguma inverdade sobre nós”.

Mônica ainda vê o Brasil em um processo avançado de amadurecimento e prevê que o dia onde a população entender que a cana-de-açúcar não é do usineiro, que tudo é uma imensa cadeia onde a riqueza é dividida em cada parte desse elo, inclusive o próprio consumidor, a comunicação do agro terá atingido sua plenitude em seu processo de sustentabilidade.

Agroquímicos sustentáveis

Quando se pensa no uso sustentável de agroquímicos logo vem a visão de que os agricultores são malucos, encharcam os solos de suas lavouras com venenos e que a grande maioria desses produtos serão consumidos através dos alimentos ou da água, sendo isso o maior responsável pelo aumento vertiginoso nos casos de câncer.

Para começar a quebrar essa visão exagerada, porém real, que está cravada no imaginário de muita gente, principalmente aqueles que nunca tiveram contato algum com o meio produtivo rural, é necessário primeiro partir da lógica que agricultor nenhum rasga dinheiro, pelo contrário, hoje o trabalho de controle de custos é primordial em uma lavoura, e o valor dos defensivos não são nada convidativos para seu uso sem critérios. Isso sem contar o risco do uso errado em dar prejuízos no sentido de produtividade e qualidade da colheita. Sendo assim, o aspecto econômico do tripé da sustentabilidade está garantido, até porque se não for assim dificilmente o produtor consegue permanecer no negócio.



A pesquisa realizada por Caio Carbonari é definitiva na mudança da visão do uso brasileiro de agroquímicos

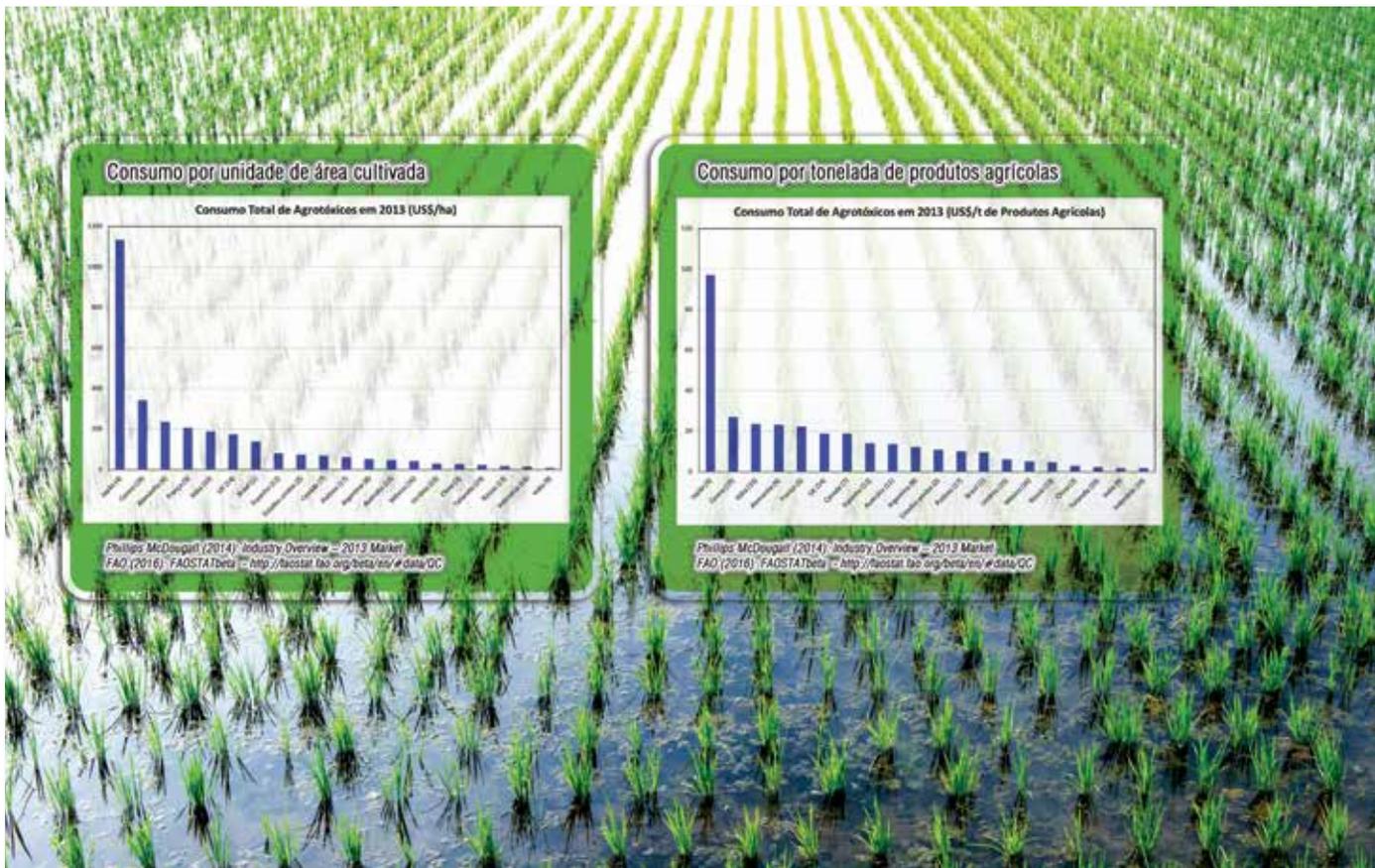
No entanto os mais exaltados vão perguntar: - Concordo com a questão econômica, mas por outro lado os números mostram que o Brasil é o maior consumidor

de agroquímicos do mundo, por que então ocupa essa posição?

Até um tempo atrás muitas vezes essa pergunta ficava no ar, sem uma resposta definitiva. Talvez incomodado com a superficialidade desse debate, mesmo em esferas onde o nível de conhecimento era maior, o professor e pesquisador da Faculdade de Ciências Agrônomicas da Unesp de Botucatu, Caio Carbonari, desenvolveu um estudo com o objetivo de definir o quanto é eficiente a utilização de defensivos por parte da agricultura brasileira, considerando quatro culturas: soja, milho, cana e algodão.

E bingo! Adivinhem o resultado! Mais uma vez, e isso deve estar ficando algo insuportável aos críticos, o agro brasileiro mostrou sua eficiência, se tornando dentre as nações de primeiro mundo agrícola com o uso mais consciente, considerando a área e a produtividade.

Com base em dados de 2013, o ranking de consumo total de agroquímicos por unidade de área cultivada, calculado em dólar por hectare, o Brasil ocupa a sétima posição, ficando à frente de nações europeias que adoram apontar o dedo para os trópicos como grandes poluidores do planeta, como Reino Unido, Itália, França e Alemanha. O maior destaque aparece na liderança dessa





relação, onde o ocupante é o Japão (uma das nações com maior índice de longevidade), que gasta mais de US\$ 1,1 mil por hectares com defensivos em sua lavoura. À título de comparação o consumo brasileiro é um pouco maior que US\$ 100,00.

Se parar para pensar, a pesquisa por área também não mostra a real eficiência das lavouras. Isso porque se gastar muito e colher muito o uso pode ser justificado, então Carbonari e sua equipe também fizeram o ranking do consumo por tonelada de produto agrícola. Nesse o agro brasileiro deu um show um pouco maior, ocupando a 13ª posição, ficando atrás dos mesmos da relação por área acrescentando a Espanha, nossos vizinhos argentinos e o maior concorrente brasileiro no quesito de abastecimento do mercado mundial de alimentos e energia, os Estados Unidos.

A pesquisa é baseada no EIQ (Coeficiente de Impacto Ambiental), índice utilizado em todo o mundo para medir os riscos ambientais no uso de defensivos, aceito e utilizado tanto por parte das agências reguladoras como centros de pesquisa. Para fazer essa medição é preciso considerar uma série de características dos produtos e

seus ingredientes ativos, como por exemplo: a dinâmica ambiental, toxicidade, características físico-químicas, persistência no ambiente, entre outros.

Com base nesse universo de informações são apresentados números de risco em três grandes áreas: o trabalhador (quem está manipulando o produto), o risco para o consumidor e os riscos ambientais.

Sendo assim, os resultados vão muito além de gerar o ranking entre nações, mas serve como termômetro para comparação entre produtos, para monitorar a eficiência do uso nas culturas ao longo do tempo (a primeira versão analisou os resultados de 2002 a 2015), além de uma infinidade de relatórios que poderão ser gerados ao aprofundar e cruzar essa quantidade gigantesca de dados.

Além da posição no ranking, o estudo ainda revelou outros dados interessantes. No caso da soja, têm situações que o EIQ brasileiro é inferior em relação somente ao EIQ de herbicidas norte-americano, sem considerar os fungicidas e inseticidas. Ainda considerando o grão, o EIQ para trabalhador caiu de 2002 a 2015 cerca de 55%, quando o índice era próximo de 4 no início do século e treze anos depois apresentava ser menor que 2. No caso

de consumidores a redução foi de 37%.

“Isso é maravilhoso, vai na contramão de toda a imagem que se cultua em relação ao uso de agroquímico. A opinião pública faz a imagem de que nós estamos usando mais, usando sem critério, estamos contaminando o ambiente, as pessoas, o trabalhador. Quando na verdade não é isso, estamos na direção contrária a isso”, desabafou o pesquisador.

Ao analisar os números referentes à cana-de-açúcar em relação às outras culturas brasileiras, ela fica com o título de oferecer o menor risco. Esse fator se deve ao fato do consumo de herbicida ser muito maior se comparado aos outros defensivos, o que embora dificulte ainda mais o planejamento de aplicação, em decorrência das questões de seletividade (é muito mais complicado matar o vegetal sem prejudicar a cultura, do que uma praga ou um fungo, já que são tipos de vidas diferentes), suas características agrídem menos tanto quem o manipula, como o ambiente que é produzido e o alimento que é gerado.

Embora tenha apresentado a maior queda, mais de dez pontos, ao longo do período analisado, o EIQ de cana ambiental ainda é o mais alto, fechando 2015 pouco abaixo da casa dos 25 pontos. O índice para os trabalhadores e consumidores é extremamente inofensivo, sendo o primeiro pouco acima da casa dos 5 e o segundo pouco abaixo disso.

Identificar razões para essa queda não foi o objetivo da pesquisa, pelo menos nesse momento inicial, mas algumas tendências com certeza influenciaram nesses números, como a evolução no uso de EPI no campo, o trabalho incessante da indústria em pesquisa e desenvolvimento para o lançamento de moléculas cada vez mais eficientes, a biotecnologia, a mecanização, a questão de manejo integrado, enfim todo o pacote tecnológico que o ambiente do agronegócio brasileiro nunca deixou de participar, seja ele desenvolvido aqui ou internacionalmente.

Essa cabeça aberta do campo nacional também justifica a eficiência no uso dos defensivos e dois grandes motivos explicam o que motivou o brasileiro ser tão bom. O primeiro é uma questão governamental. Enquanto a maioria das outras agriculturas do hemisfério norte são mimadas em relação a subsídios e infraestrutura que garante uma vida bem tranquila pós porteira, aqui a coisa é “hard”, governo nenhum passa a mão na cabeça de agricultor, aliás age como um pai dissimulado que espanca e tira dinheiro do próprio salário do filho (políticas tributárias e código florestal) e enche o peito de orgulho ao falar para os amigos (outros países) que deu a educação correta para ele conseguir entrar em uma faculdade pública de medicina.

O segundo motivo é relacionado a fatores climáticos.

Não seria demérito nenhum para a agricultura brasileira, se o resultado no ranking de risco no uso de agroquímicos não tivesse sido tão bom, isso porque por estar inserida em um clima tropical, pragas, doenças e plantas daninhas encontram um ambiente favorável em se tornar perenes e aumentar a sua população, ao contrário dos parceiros desenvolvidos do norte, onde ao atravessar um inverno rigoroso, tem sua terra praticamente livre para o plantio sem a necessidade de investir uma só gota em defensivos.

Embora o resultado da pesquisa seja um marco dentro do seu próprio objeto de estudo, ela própria precisa garantir a sua sustentabilidade. Nesse caso os aspectos econômicos se tornam essenciais para não somente a manutenção dos estudos, mas a sua modernização e isso envolve a evolução em hardwares e softwares que permitam a chegada de novas conclusões através do processamento mais eficiente de dados e também a aquisição de informações mais recentes. Com certeza o sonho de todos que conhecem o trabalho é ter a oportunidade de poder acessá-lo de maneira on-line e a partir daí extrair os relatórios necessários. Garantimos que pautas para a revista não iriam faltar.

Fornecedor sustentável

Uma ideia na cabeça e uma pasta embaixo do braço, narrar como a Assobarí (Associação dos Fornecedoros da Cana da Região de Bariri) se tornou a primeira entidade do setor a conquistar a certificação de sustentabilidade. Embora seja recente é nostálgico, pois remete a um tempo



Ulisses Fanton - presidente da Assobarí, a primeira associação de fornecedores a conseguir a certificação da cana-de-açúcar

onde as pessoas empreendiam no setor, que depositavam recursos e suor para que ele evoluísse.

A história foi tão bem narrada pelo presidente da associação, Ulisses Fanton, que decidimos colocá-la da mesma forma que ele nos contou.

“A ideia da certificação nasceu pois havia um comentário geral sobre o sequestro de carbono. Todos falando sobre a venda dele e tudo mais, ouvindo isso eu pensei: - Vamos vender carbono.

Colocamos a pastinha em baixo do braço e fomos bater na porta de grandes empresas como a Petrobras. Até no Deutsche Bank nós fomos falando que éramos uma associação com pequenos fornecedores de cana. Ninguém dava nem conversa, até que um dia um cidadão perguntou se nós éramos certificados. E então um ponto de interrogação apareceu na nossa cabeça: - Mas o que é isso?

E então o cidadão falou: - Vocês precisam ser certificados senão não vão vender nada. Não tínhamos informação precisa nenhuma, só falávamos que éramos fornecedor de cana e que ela sequestrava carbono.

Sabendo que seria necessária a certificação para conseguirmos viabilizar o negócio, fomos atrás dela. Era meados de 2007, o Lula bombando com o etanol, era o nosso melhor amigo, então pensamos: - Se é por aí, vamos procurar alguém que certificou e pegar o projeto como base.

Simplesmente não tinha nada de cana. Na pecuária, o boi estava começando aquele negócio de brinco. Começamos a procurar em outras culturas e achamos uma certificação de acerola ali na região de Dracena-SP, com 12 produtores envolvidos. Eles se uniram para conseguir exportar o suco. Mais para frente um pouco, havia uma de limão taiti, com 30 agricultores, era uma produção muito pequena, coisa de caixas. Logo entendi que nossa realidade era outra.

Aí ficamos em uma sinuca de bico, não sabendo o que fazer. Foi quando tivemos a ideia de ir no Sebrae de Bauru. Mostramos o nosso projeto e falamos que precisaríamos criar um protocolo próprio.

A associação conseguiu duas parceiras importantes na concretização do projeto, a Della Coletta Bioenergia (usina localizada em Bariri) e a OIA (Organização Internacional Agropecuária), empresa certificadora que nos ajudou com a sua experiência para o desenvolvimento do protocolo. Na verdade, eles deram apenas um norte de como executar o serviço para a nossa realidade.

Com o trabalho em conjunto demoramos um ano e meio para finalizar o protocolo, que contém 311 itens focando a parte social, agrônômica e ambiental.

A respeito da viabilidade econômica foi fácil resolver, pois fizemos um acordo de cavalheiros com a usina, onde

ficou combinado que se ela ganhasse algo a mais devido a certificação o valor seria distribuído com os fornecedores.

Não sei se ela chegou a ganhar, acho que não, mas ao longo de 4 anos foi paga uma bonificação que começou com R\$ 0,90 por tonelada, depois passou a R\$ 1,00, R\$ 1,10 e R\$ 1,15. Isso chegou a representar para alguns fornecedores um acréscimo de 5% no total a ser recebido.

Vendo que havia retorno, mais fornecedores passaram a ter interesse e então a associação passou a realizar o serviço de consultoria para realização do projeto. Para entender a importância da participação da Assobari, o Sebrae havia mensurado um tempo mínimo de 3 anos para que 25 dos 50 associados que haviam começado o programa conseguissem a certificação. Em um ano e meio já estávamos com 75% desse grupo com seu canavial certificado.

Todo esse trabalho fez muito bem para o desenvolvimento de nossa entidade. Por ser nova, nos obrigaram a desenvolver uma complexa gestão de documentos. Hoje temos desde a certidão de nascimento dos filhos do nosso fornecedor, todos os documentos da família, as escrituras, contrato com a usina, mapas, notas fiscais do diesel e outros insumos comprados, enfim, uma infinidade de documentos.

Com o passar do tempo aprendemos como funciona esse mercado e entendemos



que sozinhos, sem a usina, nossa certificação pouco adiantava, isso porque nesse meio existe um negócio que se chama cadeia de custódia, onde não adianta o agricultor conseguir o selo se a indústria não tiver.

No meio desse processo apareceu o selo Bonsucro, que consiste na análise de sustentabilidade das usinas. Grandes empresas mundiais como Coca-Cola e Unilever (dona da marca Kibon), Bacardi, entre outras o exigem como garantia que toda a cadeia onde o produto está inserido respeita os princípios sustentáveis.

O grande problema é que a Bonsucro era uma empresa de Londres e no princípio eles não acreditavam que existia a presença de fornecedores na cadeia produtiva do açúcar. Na visão deles os canaviais eram todos das unidades industriais.

Foi uma luta até conseguir mostrar para eles como funcionava a figura do fornecedor de cana. Chegamos lá, explicamos toda a dinâmica do negócio - imagina a hora que chegamos no Consecana -, e assim demoramos um bom tempo até que conseguimos o reconhecimento.

Aí a crise esfriou tudo. A usina entrou em séria dificuldade financeira com problemas para pagar, a bonificação sumiu e então o programa estacionou. É válido lembrar que as únicas baixas foram relacionadas à fornecedores

que abandonaram o negócio da cana mantendo o número de cerca de 60 até hoje”.

A história ainda produziu fatos que atraíram a Orplana e todas as associações parceiras, fazendo com que esteja em fase de finalização um planejamento em parceria com a ONG Solidariedade para alcançar a casa dos 5 mil produtores certificados em 10 anos.

Essa meta está diretamente ligada com o projeto da revisão do Consecana, que consiste em premiar o fornecedor através do cumprimento de metas de eficiência. Dentre as formas de ampliar os ganhos a certificação está incluída.

Porém os verdadeiros frutos dos precursores dessa empreitada, veio de um lugar que ninguém imaginava: a redução de custos. Como atender a todos os itens do protocolo exige uma adaptação constante no método de como trabalhar e também uma minuciosa auditoria, que no caso da Assobari é feita pela própria associação, o controle de custos surgiu de maneira natural.

Hoje nós controlamos o quanto cada produtor consome desde o óleo diesel até os defensivos agrícolas. Com isso temos condição de saber se há gargalos na operação de cada participante e informá-los antes que o prejuízo fique maior”.

Os números não mentem. A cana certificada apresenta um ATR maior, 5% a mais na produção, custo menor e tem 18 meses a mais em seu ciclo em relação as não certificadas”.

Embora os números de rentabilidade sejam interessantes e estimulantes, Fanton analisa que o grande mérito do projeto foi o de provocar os fornecedores a sair de suas zonas de conforto e buscar a melhoria da qualidade de sua lavoura.

O bêbado e o equilibrista

A embriaguez causa bipolaridade nas pessoas. No caso sucroenergético podemos entender esse antagonismo dos últimos anos entre o total abandono governamental aliado com uma gigantesca pressão da opinião pública em busca de metas cada vez mais ousadas nos dois pilares da sustentabilidade que a interessavam, ou lhe era conveniente: a reponsabilidade social e a ambiental.

De uma maneira que ainda economista nenhum consegue explicar, o setor se fechou e conseguiu atingir o equilíbrio se mantendo em pé economicamente falando.

Dançamos durante um bom período na corda bamba, de sombrinhas. Muitos não conseguiram dar o passo adiante na linha e se machucaram, ou tiveram que sair do mercado. Porém muito além da esperança, mas também a persistência e obstinação equilibrista aprendeu e tudo indica que a partir de agora, o show vai começar. 



Especial (parte 1)

HOMEM-MÁQUINA

Quando máquinas, seres humanos e agricultura se tornam um corpo só

Marino Guerra



Obstinados atingem grandes resultados e sem dúvida Artur Monassi é um deles

foto: Rodrigo Moisés

Os obstinados com certeza acabam incorporando o seu trabalho de tal maneira que fica impossível discernir o homem de sua atividade. Isso acontece com atletas e tomo como exemplo o ginasta e medalhista olímpico Arthur Zanetti. No campo das artes também podemos citar o maestro João Carlos Martins. Grandes mentes da história tinham a obstinação como traço marcante de sua personalidade como, por exemplo: Ghandi, Martin Luther King e Steve Jobs.

Esse traço de personalidade não faz parte apenas de pessoas famosas, com certeza a esmagadora maioria dos agricultores brasileiros, que transformaram seus negócios de subsistentes para um dos maiores fornecedores mundiais de alimento e energia, também possuem uma carteirinha desse clube.

Para quem faz do seu trabalho a sua vida, é certo que no final de tudo terá sucesso. Não falo aqui apenas do lado financeiro, onde às vezes demora mais para chegar ou nem vem, mas do mais importante: o reconhecimento e a admiração.

Desse time faz parte o empresário Artur Monassi, cuja sua obstinação na busca pela evolução tecnológica da mecanização dentro da cultura canvieira justifica o apelido de homem-máquina.

A frente da Tracan, rede de concessionárias Case IH com 18 anos no mercado e lojas no coração do setor sucroenergético (Ribeirão Preto, Araçatuba, Barretos e Franca em São Paulo e Uberlândia, Patrocínio, Uberaba e Iturama em Minas Gerais) e da TMA (fábrica de transbordos, plantadoras e carretas para adubação com torta de filtro), com uma década de estrada. Monassi baseia toda sua operação em dois pilares, a integração, já que acredita que o bom resultado financeiro vem dos pequenos cortes de custos em todo o manejo na vida útil da lavoura (desde o plantio, passando pelos tratamentos culturais e colheitas, até a sua reforma) e a inovação tecnológica, que tem como base, principalmente, as informações colhidas através de seus clientes.

O começo de tudo

As primeiras tentativas de mecanização da colheita da cana vieram quase que juntas com o Pró-álcool, no final da década de 70, quando a Dedini se associou com a Austoft, empresa australiana precursora na fabricação dessa máquina, criando a Dedini-Toft. Na época o mercado era muito experimental, tanto é que os primeiros modelos colhiam a cana inteira e eram montadas sobre tratores agrícolas de série.

Passaram mais de dez anos para o Grupo Ometto se

interessar pelo corte mecanizado, comprar a operação da Dedini e produzir com a marca Engeagro (os mais experientes vão se lembrar das máquinas todas amarelas), criando a Brastoft. Pouco tempo depois a Case IH adquiriu a operação mundial da Austoft e em pouco mais de três anos assumiu o controle acionário da Brastoft. Com isso, a cor das máquinas foi substituída pelo vermelho que invadiu os canaviais com o advento da colheita mecanizada.

Nesse momento Artur Monassi fundava a Tracan, empresa que a princípio era uma concessionária da fábrica norte-americana, mas que não se limitava em apenas realizar as vendas. Então, percebendo uma oportunidade de mercado pouco explorada, começou uma operação de mecanização do plantio.

No começo a intenção do empresário era desenvolver projetos e elencar parceiros para executar o processo de fabricação. Com a ajuda da Feagri (Faculdade de Engenharia Agrícola da Unicamp) os desenhos das primeiras plantadoras foram concebidos e, duas empresas foram encarregadas da produção. Enquanto o mercado ainda era incipiente e a operação embrionária tudo parecia certo, no entanto com o crescimento do negócio os parceiros acabaram se transformando em concorrentes.

Com o passar do tempo os clientes também começaram a questionar a Tracan pelo fato de não produzir suas próprias máquinas. Com o DNA de inovação e a entrada forte da Case IH no mercado de colhedora, em 2007 foi fundada a TMA.

“Há dez anos, quando começamos a operação de fabricação das plantadoras, eu percebi que para a cultura canvieira, com o objetivo de aumentar a sua rentabilidade, não adiantava reduzir apenas os custos em uma fase da operação (plantio, colheita ou tratamentos culturais), era preciso ser mais eficiente em todas. Com isso percebi que máquinas de porte maior gerariam esse ganho de eficiência e foi onde pautamos nosso processo evolutivo”, disse Monassi.

Ninguém que viveu o início da mecanização dos canaviais pode falar que foi fácil, isso porque não foi um simples processo de inovação, mas uma verdadeira revolução tecnológica que ainda desafia as grandes mentes da mecanização.

Como viveu isso de perto, Monassi sabe bem quais foram os primeiros gargalos e enumera dois como os principais. O primeiro foi a questão da sistematização das lavouras, onde as linhas não seguiam uma lógica, sendo impossível entrar com a máquina sem pisoteio. “Muitas vezes elas morriam no meio do talhão “comidas” por outra que vinha em direção contrária. Também havia a questão do preparo do solo e as curvas

de nível feitas de maneira inadequadas”, conta.

O empresário ainda aponta que há desafios nessa área. “Hoje aqueles que colhem acima de 600 toneladas por máquina/dia estão em um processo de sistematização avançado. Quem colhe entre 350 e 600 toneladas está em um processo evolutivo, mas é preciso dizer que o setor como um todo andou muito”.

O segundo gargalo era o consumo energético. As máquinas gastavam 1,7 litros de diesel por tonelada de cana colhida. Para resolver essa questão, a Case IH, em parceria com a Tracan, desenvolveu um projeto onde nos modelos mais novos, as colhedoras precisam de 0,75 litros para colher uma tonelada de cana. Mesmo assim, esse ainda é um assunto a ser resolvido, pois corresponde a cerca de 35% do consumo de uma operação de colheita.

Vale lembrar também de desafios importantes como o surgimento de ervas daninhas e o treinamento de operadores. Sobre isso, Monassi identifica que o marco a tecnologia de pilotos automáticos. “Quando fomos fazer o primeiro teste com o piloto automático, me lembro como se fosse hoje, era noite, na São Martinho. O operador não queria fazer a colheita de uma cana de 18 meses totalmente entrelaçada. Ele teimava em dizer que aquela operação só era possível fazer durante o dia. Então entramos com a colhedora no piloto automático. Ele não colocava a mão no manche, a máquina trabalhou sozinha. Nem ele nem eu acreditávamos que aquilo estava acontecendo. Era impossível enxergar a linha e a máquina colheu perfeitamente a 4 km/h”, lembra.

Obstáculos menores também tiveram que ser vencidos, como as mangueiras de óleo hidráulico que estouravam, causando um consumo altíssimo do produto. Hoje esse problema é praticamente inexistente.

Sobre toda essa história, o empresário desenvolveu uma filosofia de vida: “As dificuldades do passado acabam sendo relevadas no futuro, pois se tornam fáceis, mas para isso é preciso encarar os desafios de todos os dias como os maiores da vida. Viva o seu dia como se ele fosse o último da sua vida, faça tudo bem feito hoje, pois no dia de amanhã, com certeza, virão coisas mais complicadas”.

É impossível falar da história da mecanização da colheita sem falar da lei que proibiu as queimadas no Estado de São Paulo. Monassi tem a convicção de que a mão do governo não foi pesada, e argumenta dizendo que os produtores pioneiros a aderir as máquinas, até antes da lei, são hoje os campeões de produtividade, além da questão da entrega da matéria-prima limpa de impurezas vegetais.



Gigantes do ringue

Ao observar as características dos campeões de vendas ao longo do tempo de suas empresas, se constata uma característica bastante marcante, a busca constante por máquinas com cada vez mais capacidade. Isso porque eles enxergam que a rentabilidade de um canavial está sempre em pequenos detalhes. Sendo assim, reduzir custos de combustível ou mão-de-obra, sem impactar o ambiente em que a lavoura está inserida, será sempre música para o ouvido de quem lidera uma operação no campo.

Para isso, Monassi pautou todo o seu processo de inovação tecnológica na opinião de seus clientes, seguindo uma simples linha de raciocínio: quem coloca a mão na massa sabe os pontos onde as máquinas ainda precisam melhorar. Em cima dessa visão existe um ritmo acelerado de reuniões de avaliação dos produtos nas quais participam representantes do time comercial, engenharia e operação - onde nascem os projetos dos lançamentos -, que acontecem também com uma frequência expressiva, quase sempre anual.

Um exemplo claro de que esse processo funciona muito bem está na evolução dos transbordos, onde os equipamentos atuais possuem a capacidade de transportar mais de três vezes o volume de cana em relação às máquinas de dez anos atrás.

Hoje o Quadrem, equipamento de quatro eixos com capacidade para carregar 21,5 toneladas (líder de mercado), demonstra grande robustez de carga aliado



Trator com bitola de 3 metros

a resultados expressivos quanto ao pisoteio do solo - graças a uma busca constante em conquistar eficiência na tara (peso) do produto e também em sua diluição por eixo, tendo sempre como norma interna 75% do limite dos parâmetros de compactação.

Para conseguir mensurar como foi a evolução dessa máquina, os pioneiros tinham apenas um eixo e ainda vinham com pneus industriais (causadores de compactação severa), depois inseriram os pneus de alta flutuação, na próxima geração nasceu o modelo “Tandem”, com dois eixos e a capacidade de 8 toneladas. Em seguida foi a vez do “Tridem”, que suportava um pouco a mais de cana em três eixos, até chegar a tecnologia atual dos “Quadrem”. E a evolução não para por aí, já que os canaviais deverão receber em breve uma máquina com capacidade de suportar cerca de 40 toneladas.

Nessa concepção, Monassi argumenta que embora a capacidade do produto seja grande, ele se adequa à realidade de todo canavieiro, não importando o seu tamanho: “Temos bastante fornecedores de cana como clientes, que são muito mais rigorosos aos custos e eficiência do maquinário se comparado com as unidades industriais. Estamos vendo eles trocarem transbordos relativamente novos de 10 toneladas pelo de 21 (Quadrem), isso porque não é só o simples fato dele ter um pouco mais que o dobro de capacidade de carga, são vários fatores. Quando se observa o pisoteio, no início do desenvolvimento da máquina de maior capacidade, entendemos que a tara de dois equipamentos com a metade da capacidade era

absurdamente mais alta e havia transbordo no mercado pesando 12 toneladas, numa lógica onde para cada quilo de carga era mais do que um de tara. Ficou claro aonde precisávamos focar no nosso processo inovador. Com isso, o mercado soube reconhecer as virtudes desse projeto e hoje, desde fornecedores de cana até os maiores grupos do setor, o utilizam”.

No entanto, não é apenas na preservação do solo que a caixa gigante se destaca, a partir do momento que passou ser utilizada começaram a pipocar várias características importantes para a redução de custos do carregamento da cana. Fatores que vão desde pontos óbvios, como a redução do ciclo de levante e também tempo de manobra (que proporciona a queda no consumo de diesel e no tempo da operação), até descobertas pontuais, que não deixam de ser importantes, como a eliminação do desperdício de cana pois ao utilizar apenas uma caixa, não há a perda com o processo de mudança de abastecimento de uma caixa para a outra.

Outro ponto curioso é no aproveitamento dos cantos dos equipamentos. Considerando que a cana tem formato de tolete, o que impede o preenchimento completo dos ângulos, se torna lógico que uma operação com quatro cantos terá menos espaço vazio se comparado com a outra com oito.

O ganho de força dos tratores também produziu resultados perceptíveis nos canaviais. Monassi lembra que quando os primeiros veículos dotados com motor de 240 cavalos e tecnologia “Full Power Shift” (onde as marchas são trocadas sem a necessidade de pisar na embreagem) foram adquiridos para serem utilizados em canaviais. Houve muita crítica em razão de seu tamanho, no entanto, o tempo e os fatos calaram os que foram contrários, isso porque ele executa em mais de duas vezes o mesmo trabalho realizado com uma máquina de 140 cavalos, com a diferença de utilizar somente um operador, além da possibilidade de uso em praticamente todos os manejos relacionados ao cultivo de um canavial.

Com o desenvolvimento de uma tecnologia integrada, o plantio mecanizado não poderia ficar de fora. Sobre isso, a capacidade de execução do trabalho é foco importante na linha das plantadoras, onde os novos modelos chegam a distribuir de 9 até 15 toneladas de toletes em uma operação, além de ser dotada de recursos para executar dosagens variadas de fertilizantes, fungicidas, toletes e poder executar o controle da profundidade do sulco.

Recursos relacionados à tecnologia da informação talvez sejam a grande cereja desse bolo. Esses equipamentos hoje possuem a capacidade de emitir

sinais quando alguma caixa já estiver 70% vazia, além de também conseguir colher um grande número de dados primordiais para a execução do planejamento estratégico em aplicações futuras.

É inadmissível pisar na cana

Quando se fala em agricultura de precisão relacionada com máquinas agrícolas, a primeira imagem que vem à mente do produtor de cana é em relação ao pisoteio. A noção de que no canavial, como em qualquer outra cultura do mundo, isso está inerente à perda de produtividade já está consolidada, e toda indústria de máquinas trabalha basicamente em duas frentes para reduzir cada vez mais esse problema.

A primeira solução é mais bruta que tecnológica e consiste na adequação da bitola (distância entre as rodas do mesmo eixo) de cada máquina. A Tracan, em parceria com a São Martinho, em um projeto denominado “Viva Cana”, abriu a bitola para três metros, fazendo com que o ganho de produtividade fosse perfeitamente possível através da redução de pisoteio. Hoje a empresa consegue oferecer

toda a sua linha de cana de acordo com a necessidade do cliente em relação ao espaçamento entre as linhas.

O empresário analisa que não dá para imaginar um caminhão transbordo, que foi projetado para trafegar em rodovia e com isso tem bitola fixa de 1,6 m, atuar em um canavial pisoteando as linhas. “Ainda tem gente usando isso, pode dizer que está produzindo 100 toneladas por hectare que vou argumentar dizendo que era para produzir 110. Não adianta nada realizar um belo trabalho agrônomo e mesmo assim pisar na cana, a premissa é a seguinte: cana é uma cultura, e não se pisa em nenhuma cultura, até a grama é prejudicada quando pisada”.

Evitar o pisoteio de uma linha dependendo somente do olho humano seria uma loucura e é por isso que ferramentas ligadas ao georreferenciamento e piloto automático hoje são prioritárias na agricultura. Sem dúvida alguma essa é uma das tecnologias que se desenvolve de maneira mais rápida nas máquinas agrícolas de todo o mundo. Para se ter uma noção, Monassi viu um piloto automático pela primeira vez no final da década de 90, quando a Case IH lançou o AFS (Advanced Farming Systems) - na mesma década



foto: Rodrigo Moisés

já havia trator vermelho sulcando canaviais brasileiros utilizando piloto automático.

O empresário revela que os lançamentos de 2018 vão permitir, através de um dispositivo móvel, que o gestor da operação de colheita consiga acompanhar quantos litros de diesel a máquina está consumindo, qual a operação que ela está fazendo, se está correndo tudo dentro do planejado ou não. Outro exemplo vivido por ele é o caso de um cliente que desenvolveu uma rede de internet no campo para ter informações referente ao despacho da cana, ou seja, enquanto a colhedora está abastecendo os transbordos, a unidade industrial já tem a informação de quantas toneladas por hectare está dando, a hora prevista para chegar, além de um universo de informações estratégicas.

E assim como Ayrton Senna, é nítido notar que líderes desse setor não sabem reconhecer o limite, pois sabem que tem muito mais forças para ir além. Essa concepção é clara quando Monassi explica o que ainda está por vir. “Em breve vamos ter um negócio fantástico e conseguiremos saber se o motor de um trator ou de uma colhedora poderá falhar daqui a sete dias, identificando a causa. Tudo isso é um desenvolvimento de informações que gera um banco de dados monstruoso. Essas

informações são cruzadas e então são feitos cálculos automáticos de probabilidade que trarão esse conteúdo. Outra coisa que não vai demorar muito para acontecer é o fato de monitorarmos as máquinas da concessionária. Com isso, vamos conseguir atingir um nível tão específico de informação que poderemos definir quanto tempo uma peça de trator ou da máquina dura em horas. E isso não é novidade, já é muito utilizado na aviação e trabalhamos para tornar os custos disso possíveis no campo”, afirma.

Essa visão deixa claro que não dá para se conceber que uma empresa faça apenas a venda da máquina agrícola, as concessionárias já estão e vão precisar virar cada vez mais prestadoras de serviços. Isso se quiserem permanecer nesse mercado. As concessionárias vão se relacionar de maneira intrínseca com o produtor a fim de conquistar o seu grande objetivo ao adquirir o bem de capital, obter lucro.

Quem ainda não aderiu a algum tipo de solução de georreferenciamento, adequar as operações à ela é muito simples, desde que o canavial tenha um paralelismo adequado, onde no mesmo momento em que a máquina colhe a linha A, já armazena as informações para a linha B e a partir daí passa a trabalhar automaticamente. 

UMA GRANDE OPORTUNIDADE PARA O PRODUTOR

O SISTEMA DE CONTROLE E PRODUÇÃO DA ROSSAM é a forma mais barata e eficaz para o controle das pragas e para a produção da cana-de-açúcar.

Resulta no controle da **cigarrinha-da-raiz** - *Mahanarva fimbriolata*, do **percevejo-castanho** - *Scaptocoris castanea* e *Atarsocoris brachioria* e ainda dos **besouros pão-de-galinha** - *Ligyris* spp, *Stenocrates* spp, *Euethoeia humilis*, **broca-da-cana** - *Migdolus fryanus*, **gorgulho-da-cana** - *Sphenophorus Levis*, **besouro-rajado-da-cana** - *Metamasius hemipterus* e também dos **cupins** *Heterotermes tenuis*, *Procornitermes* sp, *Nocapritermes* sp, *Syntermes* sp e *Syntermes* sp.

Sem uso de produtos químicos, favorece a manutenção da capacidade produtiva do solo, preservando o meio ambiente e a saúde dos trabalhadores. Por ser biológico, **não provoca resistência**, garantindo mais lucros ao negócio agrícola.

Os resultados alcançados pelo SISTEMA DE CONTROLE E PRODUÇÃO DA ROSSAM superam todos os que obtidos com

a prática convencional, com ganho médio superior a 25 t/ha, melhorando o resultado final de ATR/t de cana em 15% no primeiro ano de sua implantação, sendo ainda um controle perene que acompanha todo o ciclo da cana-de-açúcar.

O SISTEMA DE CONTROLE E PRODUÇÃO DA ROSSAM

aproveita-se das outras operações já previstas na cultura ou mesmo na aplicação da vinhaça e uso da água residual, sem mudanças no dia-a-dia da fazenda.

Agente uma visita técnica sem qualquer custo!

E-mail: rossam@rossam.com.br

Tel: 19 3896 2567


rossam
NUTRIÇÃO & SERVIÇOS



Especial (parte 2)

CAMPOS SOLITÁRIOS

A visão de um dos precursores da mecanização agrícola nacional

Marino Guerra





Artur Monassi: “Na Índia a Case IH montou uma fábrica de colhedora porque lá não querem cortar cana. Quanto mais pessoas alfabetizadas, menos mão de obra braçal teremos

Uma reportagem com um dos maiores nomes da mecanização agrícola brasileira estaria incompleta se não apresentasse a visão dele a respeito da redução drástica da mão de obra que seu setor proporcionou à atividade rural.

Remetendo à sua infância, em São Joaquim da Barra-SP, na qual o empresário Artur Monassi, já participava muito do mundo agrícola em decorrência de seu pai ter uma oficina mecânica de máquinas, ele recorda que a região de Ituverava era uma grande produtora de algodão, e lembra-se de um verdadeiro exército de trabalhadores destinados a realizar a sua colheita.

Ao analisar o cenário dessa cultura hoje no Brasil, onde ela migrou para áreas extensivas localizadas no Mato Grosso e Bahia, na qual é cultivada por produtores com mais de 50 mil hectares que utilizam maquinário de altíssima tecnologia, Monassi não tem dúvidas em afirmar que se não tivesse evoluído o processo de mecanização, o algodão seria inviável não só no Brasil, mas também nos Estados Unidos.

Baseado nisso ele conclui trazendo um exemplo da produção canavieira indiana: “Os países asiáticos, onde a população é muito grande, ainda suportam esse tipo de mão de obra, mas estão mudando. Na Índia, por exemplo, a Case IH montou uma fábrica de colhedora de cana porque o indiano não quer cortar cana. Quanto mais pessoas alfabetizadas nós tivermos, menos mão de obra braçal teremos”.

Falar em escassez de mão de obra parece até

um paradoxo diante de números volumosos de desempregados que se encontram no país hoje, porém existem nichos, e o canavieiro é um desses. Pouca gente tem a disposição de encarar um pesado trabalho de plantio manual e por outro lado, sobram vagas para os cargos gerados com a mecanização por simplesmente não existir mão de obra capacitada.

Diante desse cenário é muito raso atribuir ao avanço tecnológico a noção de que não há mais empregos no campo. O que houve foi uma evolução na necessidade de pessoas mais capazes para fazer uso dessa tecnologia, e o gargalo da capacitação, entende-se por educação, que é um dos problemas mais sérios de nossa sociedade.

Vagas para tratoristas, operadores de colhedoras, motorista de caminhão, mecânico para manutenção das máquinas e implementos sempre são facilmente encontradas nas unidades industriais.

Para mensurar um pouco do tamanho desse problema, Monassi cita como exemplo a transportadora de seu irmão: “Nós podemos chegar agora na empresa do meu irmão e encontrar pelo menos dez caminhões parados por falta de motorista”.

Tentando amenizar esse drama vivido pelos seus clientes, tanto a Tracana como a Case IH investem de forma pesada na questão de treinamento. Como é mais segmentada, a rede de concessionárias vai além de treinar apenas um operador de colhedora, de trator ou de pulverizador, ela alia a filosofia do grupo empresarial em entregar uma solução integrada ao seu cliente. Os participantes dos cursos aprendem também a como operar da maneira mais eficiente o transbordo, a plantadora, como fazer a distribuição de vinhaça, entre outras especificidades.

Já do lado da Case IH, a excelência nesse quesito não fica para trás. Com uma estrutura considerada como o maior centro de treinamento do mundo, localizada em Piracicaba-SP, somente em 2017 foram treinadas mais de 15 mil pessoas.

Uma curiosidade, ainda se tratando da função de operador, é a diferença cultural entre o agricultor brasileiro e o norte-americano: lá a maioria absoluta (cerca de 95%) dos donos das máquinas também as operam. Aqui no Brasil é encontrada uma incidência um pouco maior desse cenário a partir de um recorte feito no sul paulista e pegando todos os estados da região Sul, onde cerca de 40% dos donos também são operadores. Partindo da região canavieira paulista e subindo para Minas Gerais, Goiás, Tocantins, Mato Grosso e Sul da Bahia, a quantidade de operadores contratados chega a quase 100%.

Na visão de Monassi esse fato se dá em decorrência do tamanho das propriedades de cada região. No Sul as

propriedades são mais pulverizadas enquanto que em direção ao Centro-Oeste o tamanho das fazendas é bem maior.

O trator autônomo, lançado no Brasil na Agrishow de 2017, que causou tanta polêmica, dá muitas pistas de como será o futuro em uma produção agrícola. O empresário é enfático ao dizer que possui uma visão “miópe” ao relacionar esse processo com o fim da função de tratorista, isso porque é impossível pensar em máquinas trabalhando sem a presença do homem, ainda mais no campo, onde aparecem uma infinidade de problemas que necessitam da intervenção humana e também o fato da operação se tornar muito mais segura e eficiente, aumentando a rentabilidade daquela cultura que culminará na expansão da economia.

Questionado se ainda veríamos uma operação de colheita de cana sendo comandada de um dispositivo móvel, ele faz mistério mas confirma que veremos, e não vai demorar muito tempo para isso.

A tendência é clara, o trabalho no campo ficará mais sozinho sim, no entanto será muito mais inteligente.

Tracan: Uma empresa de tesouras

Ao ler o subtítulo acima o leitor deve ter ficado confuso – o que tem a ver a Tracan com uma indústria de tesouras? Será que a história deles é parecida com a da Peugeot (automobilística francesa que também produz moedores de pimenta)?

Pelo menos baseado nas informações dessa reportagem, o grupo de Monassi não tem muita ligação com os franceses, mas é fato que a tesoura é o core business (negócio principal) de sua operação. Isso porque antes mesmo de fabricar e vender máquinas, a Tracan corta os custos de seus clientes.

Esse fato fica evidente ao perceber a importância do CRM (programa que faz a gestão de relacionamento com o cliente) para o negócio dele. Como o próprio Monassi explica: “Aqui nós usamos o CRM com lupa para colher informações e dizer para o cliente os pontos que ele pode melhorar com determinada máquina, pensando na avaliação de desempenho. Analisamos o consumo de óleo diesel, peças e material de desgaste. Temos uma equipe que analisa e orienta o cliente”.

Porém, a empresa não se limita em apenas passar as informações. Sempre respeitando as regras de privacidade, ela pega os dados colhidos a todo tempo e joga em um banco que apontará as melhores práticas e com isso é possível fornecer comparativos para ficar nítido aonde o cliente precisa mudar sua maneira de trabalhar.

Se levar em consideração o quanto são exigidos os tratores tupiniquins, as tesouras ou o CRM precisam estar muito bem afiados, pois eles trabalham, em média,

4 mil horas por ano, enquanto que um americano é utilizado por uma média de 600 horas, ou seja, o que uma máquina brasileira roda em 1 ano, a gringa leva 8.

De tão antagônicos que são os mundos, a Case IH montou um centro de desenvolvimento de tratores em uma unidade canavieira na região de Ribeirão Preto. No entanto, a diferença de realidade não fica somente entre os dois países. Dentro da canavicultura existem clientes que trocam suas frotas com 12 mil horas e outros que chegam até 40 mil. Perante esse cenário, dá para concluir que o segundo negócio do grupo de Monassi é a lapidação, não de pedras preciosas, mas de dados.

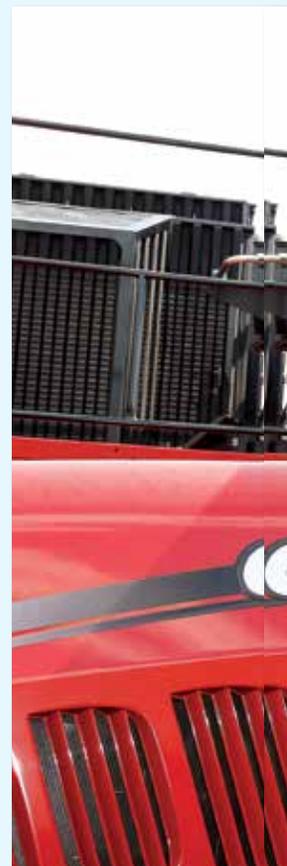
Cana no tanque

A expectativa de grande parte do setor é saber quando será rentável abastecer as máquinas agrícolas com biocombustíveis. Sobre a utilização do etanol, Monassi informa que a Fiat Industrial, fornecedora de motores da Case IH, trabalha no desenvolvimento de um motor que ultrapasse o diesel sob o ponto de vista do consumo energético, inclusive com uma equipe de engenharia focada nisso.

No entanto, um outro combustível que está em processo de desenvolvimento para sua produção nas unidades industriais pode ganhar protagonismo nos canaviais brasileiros. É o biometano, onde já existe um grupo realizando testes para movimentar sua frota de caminhões e tratores.

Sobre motores elétricos, Monassi mostrou que a indústria de máquinas se encontra em um estágio bem embrionário, principalmente pelo fato de não terem sido desenvolvidos motores comercialmente viáveis nem para os carros leves, quem dirá para os que precisam de força bruta.

Mesmo com o mundo falando em formas alternativas de energia, o empresário lembra que o combustível das máquinas ainda é o diesel, e afirma que nos últimos cinco anos não houve empresa que conseguiu reduzir tanto o consumo como a emissão de poluentes como a Case IH. Para justificar a sua afirmação, ele fala sobre a MAR1 (lei brasileira para a redução de poluentes em máquinas agrícolas), que entrou em vigor no ano passado e, desde 2009, através dos motores Tier 3, as máquinas vermelhas já eram adaptadas à norma.



Aluguel de máquinas

Com mais de 30 anos de bagagem dentro desse segmento, Monassi encara possíveis formas alternativas de comercialização inviáveis, pelo menos a um curto prazo, e para isso seu principal argumento é bem simples: “A atividade final do produtor, para ter rentabilidade, tem que ser feita por ele”.

Mesmo quando olha para a modalidade de rental de máquinas (aluguel), o empresário diz que é interessante para algumas empresas, pois vem atrelado à uma operação financeira, na qual o cliente assina contratos e se compromete a ficar com a máquina ao longo de 4, 5 e até mesmo 7 anos. No entanto, dentro da canavieicultura, ele acredita que com uma possível alavancada nas contas, grupos poderão entender que a aquisição do maquinário é o melhor negócio.

Sobre a modalidade de aluguel “part-time” ele é totalmente descrente devido a sua inviabilidade financeira. Na visão dele, o valor de um trator precisa ser amortizado rodando e produzindo e se as margens de quem compra já são pequenas, como alguém poderia ter lucro em um aluguel, considerando que o produtor não poderia pagar muito além dos custos de ter a máquina

própria, sem considerar ainda os custos logísticos que uma operação dessa geraria.

Ele argumenta fazendo um comparativo entre o tamanho do capital a ser investido e o tamanho do mercado: “Quando se pega um equipamento que custa R\$ 1 milhão, não está se falando em um automóvel que custa R\$ 40 mil. Uma locadora tem 100 carros nesse valor, o que dá um investimento de R\$ 400 mil para atender 100 clientes, pessoas comuns ao dia ou em um período curto de tempo. Para atender 100 clientes com o aluguel part-time de máquinas, será necessário investir R\$ 100 milhões, fora os implementos, para 100 produtores, que é uma profissão específica”.

Monassi também analisa que em nenhuma parte do mundo existe alguma operação parecida que tenha tido sucesso, o mais próximo disso acontece nos Estados Unidos. Lá algumas empresas, de maneira bem tímida, vendem o defensivo já aplicado, método que já foi testado aqui no Brasil através da venda de controle de plantas daninhas na canavieicultura, mas não funcionou.

Líderes tecnológicos

Um plano estratégico bem feito precisa dar duas visões



sobre o futuro de um negócio: quem serão os líderes e como a empresa pretende trabalhar as questões tecnológicas. No caso da Tracan dá para perceber que o atual gestor prepara muito bem os seus sucessores (filhos e genro), passando o mesmo empreendedorismo tecnológico que o fez ser um dos maiores nomes dentro do seu mercado.

Tanto que o maior ensinamento que ele passa para a geração posterior é o olhar analítico, sério e constante que é necessário ter em cima da evolução da tecnologia. As vezes algo desenvolvido em um setor totalmente diferente como o aeronáutico, por exemplo, pode significar uma solução para problemas dos clientes, sendo isso uma característica fundamental para qualquer negócio crescer, gerar resultados e se perpetuar.

Na contramão, e não menos importante, o empresário também aponta a presença deles como fundamental para a sua própria atualização profissional: “Eles me trazem muita coisa nova, desde uma análise financeira feita de uma forma diferente até a mudança de conceitos na hora de conversar com os clientes. Mudou muito em relação ao que era feito antigamente. Falar de tecnologia era muito mais complicado, e hoje se você não estiver bem argumentado em relação às inovações, com certeza não terá sucesso nesse negócio”.

Sangue e óleos, ossos e ferro

Ir contra a visão de futuro onde sangue e óleos, ossos e ferro estarão perfeitamente obedecendo comandos de cérebros e chips é negar uma maravilhosa revolução perpétua que temos o privilégio de participar.

Dizem que o medo é gerado perante o receio da dor e isso é muito aproveitado pelos cronistas do caos que apontam a evolução tecnológica como o precipício da humanidade, que no futuro perderá sua liberdade quando os robôs ou clones humanos a escravizarem. Ou então ainda apontam que haverá verdadeiras legiões de desempregados porque a “evolução humana” vai fechar boa parte dos postos de hoje.

Cada vez que converso com pessoas como o Artur Monassi, me afasto ainda mais dessa teoria. Antes preciso deixar claro que onde há humanidade sempre acontecerão problemas, no entanto, sobre a questão do trabalho, fica claro o papel da tecnologia em acabar com aquele que é degradante, que liquida com saúdes e vidas, ou então aquele chato, burocrático, que condiciona a mente humana a sempre andar pelo mesmo caminho sem sequer poder olhar para o lado e ver uma paisagem.

Contudo, por mais avançada que seja uma sociedade, dificilmente vão conseguir fazer uma cópia do cérebro humano. Podem até chegar a fazer uma cópia do seu lado esquerdo, porém a criatividade é algo impossível de ser copiado e será com base nela a grande maioria das vagas de trabalho no futuro. 



POTTENTE, CHOQUE DE EFICIÊNCIA CONTRA OS NEMATOIDES

Corte o mal pela raiz com a força eletrizante do nematicida mais **POTTENTE** do mercado! Sua ação promove o enraizamento, gerando mais vigor e produtividade para o seu canavial.



Proteção das raízes por muito mais tempo: meia-vida de 180 dias



Flexibilidade de uso: época seca e úmida, no plantio e na soqueira



Maior residual mesmo sob chuva: baixa solubilidade e lixiviação



ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente o rótulo rigorosamente as instruções contidas no rótulo, no bulo e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. Faça o Manejo Integrado de Pragas. Descarte constantemente as embalagens e restos do produto. Use exclusivamente agrícola.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO

Pottente

IHARA
Agricultura
é a nossa vida



RENOVABIO

– Programa pode significar um novo marco de crescimento e retomada do setor sucroenergético

Juliano Bortoloti
Advogado



No findar do ano de 2017, mais precisamente no dia 27 de dezembro, o Governo Federal publicou no Diário Oficial da União a Lei n. 13.576/2017, que cria a Política Nacional de Biocombustíveis, denominada RenovaBio. O referido programa incentiva a produção de etanol e biodiesel e fixa metas anuais de redução de gases que causam o efeito estufa, respeitando, assim, o compromisso assumido pelo Brasil nos tratados internacionais dos quais é signatário.

Como para se emitir menos gases efeito estufa há a necessidade de se consumir mais biocombustíveis (etanol e biodiesel) em detrimento dos combustíveis fósseis (gasolina, diesel, querosene), o Governo Federal inseriu à norma dispositivos para praticamente se dobrar a produção e o consumo do etanol. Para isso se viabilizar,

será necessário mais indústrias, produção e produtividade, o que significa, então, uma clara retomada no setor sucroenergético.

Ademais, esta lei que incentiva a retomada do setor de biocombustíveis prevê que as distribuidoras podem adquirir créditos de descarbonização emitidos por produtores e importadores, favorecendo, assim, a produção de etanol e biodiesel.

Esta política pública abalizada pelo governo busca trazer segurança energética ao país, além de reduzir a emissão de gases que causam o efeito estufa, criando, ainda, um mercado de carbono onde as distribuidoras terão de comprar CBios (créditos de biocombustíveis) dos produtores e importadores de biocombustíveis e etanol, o que gerará um incentivo financeiro a estes.

Outro aspecto positivo que o RenovaBio cria é uma

política de longo prazo para os biocombustíveis, o que dá mais previsibilidade e segurança para o produtor e investidor, gerando, assim, um mercado mais atraente e rentável à toda cadeia.

Destaco, ainda, a feliz explanação do presidente do Fórum Nacional Sucroenergético, André Rocha, sobre o RenovaBio, onde disse que “nosso país mostra compromisso com o mundo, com a sustentabilidade e dá um grande passo na retomada da nossa economia com a interiorização do desenvolvimento com foco no meio ambiente, saúde pública e nas energias renováveis” (<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2017/12/1946321-temer-sanciona-lei-do-renovabio-politica-de-incentivo-a-biocombustiveis.shtml>). 

Juliano Bortoloti
Advogado



RenovaBio

Carta de Mudas

Srs. cooperados e associados,

- A Copercana estará fornecendo mudas de cana certificadas e isenta de doenças.
- As variedades disponíveis estão descritas na tabela 1.
- Local de retirada das mudas: Fazenda Santa Rita no município de Terra Roxa.
- Os interessados deverão fazer suas reservas até **23 de fevereiro de 2018**. Os pedidos posteriores serão atendidos mediante possíveis desistências ou sobras de mudas.
- Os pedidos serão analisados, segundo a disponibilidade, com o propósito de atendimento a todos os cooperados e associados. Deste modo, as quantidades de mudas, por variedades, estarão sujeitas a rateios, objetivando-se adequar ao total de reservas.
- As variedades CTC estão sujeitas ao pagamento de Royalties.
- Preço: R\$140,00 por tonelada de muda, cortada e carregada.
- Condições de pagamento: parcela única em 10 de agosto de 2018.
- Observações importantes da Fazenda Santa Rita:
 - › As mudas estarão disponíveis somente a partir de 1º de março de 2018.
 - › Os carregamentos estão sujeitos às condições de umidade do solo, pedindo-se, o favor de, confirmar tais condições com Vadelei;
 - › A Fazenda Santa Rita dispõe de balança;
 - › O horário de atendimento será das 7 às 17 horas, de segunda-feira a sábado.

Nº	VARIETADES	DESTAQUE	AMBIENTE DE PRODUÇÃO					ÉPOCA DE COLHEITA						Quantidades Solicitadas			
			A	B	C	D	E	Outono			Inverno		Primavera				
								abr	mai	jun	jul	ago	set		out	nov	
1	CTC9001	Rusticidade e precocidade															
2	CTC4	Riqueza e produtividade															
3	CTC20	Riqueza e produtividade															
4	IAC91-1099	Perfilhamento e produtividade															
5	IACSP95-5094	Produtividade e perfilhamento															
6	IACSP97-4039	Precocidade e rusticidade															
7	RB85156	Precocidade															
8	RB85463	Riqueza e porte ereto															
9	RB975201	Florescimento raro e produt.															
10	RB975242	Saúde e rusticidade															
11	RB976375	Riqueza e perfilhamento															
12	RB975952	Precocidade e riqueza															
13	RB985476	Produtividade e brotação da soqueira															

Tabela 1: Variedades disponíveis na Fazenda Santa Rita em 2018 (sujeita a alterações)

As reservas poderão ser realizadas através do Departamento Técnico da Canaeste/Copercana pelo telefone/fax (0xx16) 3946 3300 - ramais 2032 e 2035; na Fazenda Santa Rita, telefone (0xx17) 3392-2157, email: fazsantarita@copercana.com.br, com Amauri, Alessandra e Vadelei, ou ainda, com os técnicos da Canaeste/Copercana nos escritórios regionais.



LEI Nº 13.606/2018

– Funrural, Dívidas Rurais, o Programa de Regularização Tributária Rural – PRR – e a Indisponibilidade de Bens



Caros produtores rurais, foi publicado no Diário Oficial da União de 10 de janeiro de 2018, a Lei n. 13.606, de 9 de janeiro de 2018, que define novas regras para o Funrural (Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural) e para a renegociação de dívidas rurais, além de outras obrigações que passaremos a aqui informar.

De antemão, necessitamos esclarecer que o Funrural é um tributo devido pelo produtor rural pessoa física ou segurado especial, incidente sobre a receita bruta proveniente da comercialização de sua produção e é destinado à seguridade social.

A nova norma trouxe significativas alterações, dentre as quais destacamos:

I. redução da alíquota da contribuição para 1,2% - antes era 2%;

II. a partir de 2019, todos os produtores rurais, pessoas físicas e jurídicas, poderão optar pela contribuição através da incidência sobre a folha de pagamento ou pelo faturamento;

III. criação do PRR (Programa de Regularização Tributária rural). Quem possuir dívidas de Funrural vencidas até 30/08/2017 poderá aderir ao PRR e

declarar o total de sua dívida à Receita Federal até 28/02/2018. Poderão aderir ao programa o produtor rural pessoa física ou jurídica ou o adquirente de produção rural ou Cooperativa. O desconto para quem aderir ao programa está relacionado apenas aos juros de mora (em 100%);

IV. Criação de norma de indisponibilidade de bens (móveis e imóveis) dos devedores da União.

Relativo ao PRR acima citado (III), para proceder a renegociação de suas dívidas, o produtor rural deve procurar a Secretaria da Receita Federal ou a PGFN (Procuradoria Geral da Fazenda Nacional) e, na adesão, deverá pagar uma entrada de 2,5% do débito atualizado em até duas parcelas iguais, mensais e sucessivas, sendo o restante parcelado em 176 parcelas mensais, com o valor da prestação equivalente a 0,8% da média mensal da receita bruta da comercialização e, eventual resíduo da dívida, poderá ser pago à vista ou parcelado em até 60 prestações.

Caso não efetue o pagamento de 3 parcelas consecutivas ou 6 alternadas, acarretará na exclusão do produtor do PRR, exceto em casos de perdas

significativas da safra, decorrentes de fatores como clima em regiões que tenham decretado situação de emergência ou estado de calamidade pública.

Outro aspecto relevante reside no fato de que àquele produtor que aderir ao PRR estará confessando, de forma irretroativa, o débito e, conseqüentemente, renunciando o direito de discutir legalidade, exigibilidade ou diferença de valores em ações judiciais e administrativas, ficando, por conseguinte, isento do pagamento de eventuais encargos de honorários advocatícios sucumbenciais

A Instrução Normativa n. 1.781, de 19 de janeiro de 2018, da Receita Federal do Brasil, publicada no Diário Oficial da União de 22 de janeiro de 2018, regulamenta a forma de adesão, limites, prazos e valores do PRR instituído pela Lei Federal n. 13.606/2018.

Contudo, nem tudo são flores, pois o governo “pegou carona” no assunto e fez inserir na lei um dispositivo que possibilita a averbação da CDA (Certidão de Dívida Ativa) nos órgãos de registro de bens e direitos sujeitos a arresto ou penhora, tornando-os indisponíveis, ou seja: os bens imóveis e móveis passíveis de registro (imóveis rurais e urbanos, veículos, aeronaves, embarcações, etc.) dos devedores da União poderão ser identificados para, após isso, serem impedidos (restrição administrativa) de serem vendidos antes de se saldar a dívida com a União. 

*Juliano Bortoloti
Advogado*

Pedi,
aprovou,
USOU!

SICOOB COCRED
Cooperativa de Crédito

Dinheiro ligeiro

PARA SUA VIDA
ACELERAR!



Crédito já!

Até R\$10 mil

Aprovação
imediate
com o gerente*
(Pessoa Física)

Até R\$50 mil

Aprovação
imediate
com o gerente*
(Pessoa Física e Jurídica)

Até R\$150 mil

Negociação
exclusiva para
veículos*

Com o **Crédito Já**, o dinheiro pula direto na sua conta.
É rápido, fácil e sem burocracia.
Não perca tempo e fale com o seu gerente.



PAPEL, celulose e embalagem

CEO da Klabin, maior empresa brasileira do ramo, mostra o “norte” que o segmento deve seguir

Marino Guerra



Muitos profetas do caos, aqueles personagens geralmente encontrados em botecos e sem conhecimento nenhum sobre aquilo que estão dizendo, não cansam de aclamar o fim de produtos agroindustriais. Talvez as duas principais vítimas desses falastrões sejam o etanol e o papel.

Em palestra ministrada na Sociedade Rural Brasileira, o CEO da Klabin, Cristiano Teixeira, maior empresa brasileira no setor de papel e celulose, mostra como eles estão se preparando, assim como o setor sucroenergético, para as rápidas mudanças de comportamento que acontecerão de maneira ainda

mais intensa nos próximos anos e décadas, nas quais o principal mercado de sua agroindústria já tem um alvo muito bem definido, o de embalagens.

Fundada em 1899, a Klabin é a maior produtora e exportadora de papéis do Brasil. A empresa também se destaca no mercado de celulose como a única companhia do país capaz de fornecer simultaneamente celulose de fibra curta (eucalipto; utilizada para produzir principalmente papéis higiênicos, guardanapos e destinados a impressão, com resistência e maciez menores), fibra longa (pinus; faz os mesmos tipos de papéis que os originários do eucalipto, porém com

qualidade e maciez superiores) e fluff (feita a partir das fibras longas, é usada na aplicação em fraldas e absorventes de alta qualidade, isso devido a sua rápida capacidade de absorção).

Toda essa estrutura permite a empresa atuar em diversos segmentos. Em seu negócio principal, o de embalagens, ela divide sua participação em duas grandes áreas: papelão ondulado (com um portfólio com nove tipos diferentes, que vai desde a bag in box, as já populares caixas para embalar leite, sucos e outros líquidos; passando pelo papelão micro-ondulado, encontrado em caixas de display em supermercados; até as caixas onduladas normais) e sacos industriais (muito utilizados na embalagem de cimentos, ração, entre outros).

No entanto, o executivo demonstra que o apetite para esse segmento é muito maior, ou seja, fazer do papel um substituto do plástico, principalmente considerando a questão do produto cuja a matéria-prima é a celulose, ser biodegradável, ao contrário do que tem o petróleo como base.



CEO da Klabin, Cristiano Teixeira é enfático ao dizer que o principal foco da empresa está no setor de embalagens

Como maior passo nesse sentido, ele mostra a importância que a companhia dá dentro do seu setor de pesquisa e desenvolvimento em um projeto de nanotecnologia, o qual busca a criação de uma fórmula onde a celulose poderá substituir o polietileno (plástico) em diversas funções, mais ou menos como o produto que usa o etanol como base desenvolvido e já aplicado em escala industrial pela Braskem.

É preciso alertar que a intenção da Klabin não é produzir etanol a partir do eucalipto, forma sonhada no país desde a década de 70, mas que nunca provou sua eficiência em escala industrial, para depois produzir o

plástico, mas é criar um papel cada vez mais resistente capaz de substituir não somente o polietileno, mas também o isopor, principalmente no mundo dos descartáveis.

Embora o seu foco principal sejam as embalagens, a Klabin também é forte em vários segmentos na grande maioria dos produtos envolvidos em sua cadeia agroindustrial. Como somente a casca das árvores são utilizadas para a produção de celulose, o primeiro produto gerado na operação da empresa são as toras de madeira, é a maior fornecedora no mercado interno do produto certificado, as quais são usadas pela indústria moveleira, construção civil e serrarias.

Dentro do mercado de celulose, a fibra extraída da casca das árvores a qual é a principal matéria-prima para a produção do papel, a Klabin é a única no Brasil em fornecer a fibra longa, curta e o fluff (a única).

No segmento de papéis, a empresa atua com três tipos de produtos diferentes: O papel cartão, onde é a detentora do mercado nacional e exterior, essa categoria estão os materiais utilizados em gráficas, os quais possuem categorias que podem ser usadas na embalagem de alimentos. O Kraft, papel mais rústico, utilizado em embalagens que demandam maior resistência e até mesmo como base de lixas abrasivas. Os reciclados são a última linha de produtos no segmento, o qual a sua produção é destinada na composição de embalagens de papelão ondulado.

O mercado em que as florestas de eucaliptos e pinus atuam ao lado da cana-de-açúcar é o de energia elétrica vinda da biomassa. No caso da agroindústria do papel, ao contrário do que todo mundo imagina, a fonte de energia das caldeiras não vem da madeira, mas sim do licor negro, subproduto gerado no momento de cozimento da parte das árvores, que é transformado em pasta de celulose.

Para se ter noção de tamanho na operação da Klabin, somente o que ela gera de energia no Paraná dá para atender toda a sua demanda e com a sobra suprir uma cidade do tamanho de Londrina (485 mil habitantes). A capacidade do setor dentro desse segmento é ínfima se comparado com o sucroenergético, se utilizar todo o seu potencial, toda a indústria de papel e celulose é capaz de abastecer cerca de 3 milhões de residências com sua cogeração, enquanto que somente a Raízen, com suas 13 termoeletricas, gera quase 1/3 dessa eletricidade.

Exemplo de Sustentabilidade

A Klabin é reconhecida como uma das empresas mais sustentáveis do país, além de ser considerada a mais



Exemplo do modelo de mosaico das florestas da Klabin em área localizada no município de Telêmaco Borba-PR

preocupada com o meio ambiente pela Revista Exame em 2016. Ela ocupa, pelo quinto ano consecutivo, a carteira do ISE (Índice de Sustentabilidade Empresarial) da B3 (novo nome da BM&F Bovespa), fora a grande quantidade de prêmios estaduais e regionais que ganha todos os anos. O fato de ser signatária do Pacto Global da ONU (Organização das Nações Unidas) e do Pacto Nacional para Erradicação do Trabalho Escravo, mostra a seriedade do assunto dentro da empresa.

Dentre os projetos que chamam mais atenção com certeza está o de manejo florestal, onde suas florestas são plantadas entremeadas por áreas de matas nativas preservadas, em modelo de mosaico, o que permite obter a proteção de corredores de biodiversidade, desenvolvendo uma rica fauna em seu habitat.

Projeto Puma

Em 2016, entrou em operação aquele que não é somente o projeto mais audacioso da Klabin, mas é o

maior investimento privado de toda história do Estado do Paraná, o Projeto Puma, unidade localizada em Ortigueira, próxima a Londrina e Maringá, a qual possui números assombrosos como: quase 110 mil de hectares de floresta plantada a um raio de pouco mais de 70 quilômetros da unidade, produção de 1,5 milhão de toneladas de celulose (1,1 milhão de fibra curta e 400 mil de fibra longa e fluff), geração de 270 MW de energia a partir de biomassa, 1,4 mil empregos (diretos e indiretos) e uma respeitável unidade logística (transporte de parte da produção até o porto de Paranaguá através da construção de um ramal ferroviário de 23,5 km, que se liga à ferrovia Central do Paraná e atravessa todo o estado até ganhar o litoral).

Mesmo depois de um ano que entrou em operação, a unidade não para de receber investimentos, segundo os resultados apresentados aos investidores referentes ao terceiro trimestre de 2017, foram investidos R\$ 165 milhões, quase 25% de tudo que a companhia investiu ao longo dos nove meses.

Um exemplo

A grande lição que a Klabin deixa para o setor é sobre agregar valor aos produtos no sentido de esticar a cadeia horizontalmente. No mundo da cana, percebe-se uma pequena movimentação em alguns pontos em relação a isso, como por exemplo, a exportação do açúcar já refinado em containers, mas é pouco diante de um universo de projetos a serem desenvolvidos, onde o principal é encontrar um lugar para o etanol frente a inevitável eletrificação da frota automotiva.

No entanto, tudo que foi relatado sobre a Klabin é só mais uma prova do sucesso do agronegócio brasileiro. Sustentabilidade, pesquisa e desenvolvimento e investimento é um tripé que se encontra não somente no setor florestal, mas também em grandes players sucroenergéticos, grãos, pecuária, algodão, entre outros.

E como é bom constatar que uma empresa dessa magnitude é só mais um exemplo do Brasil eficiente, do Brasil que trabalha, do Brasil fora de Brasília, o Brasil Agro. 



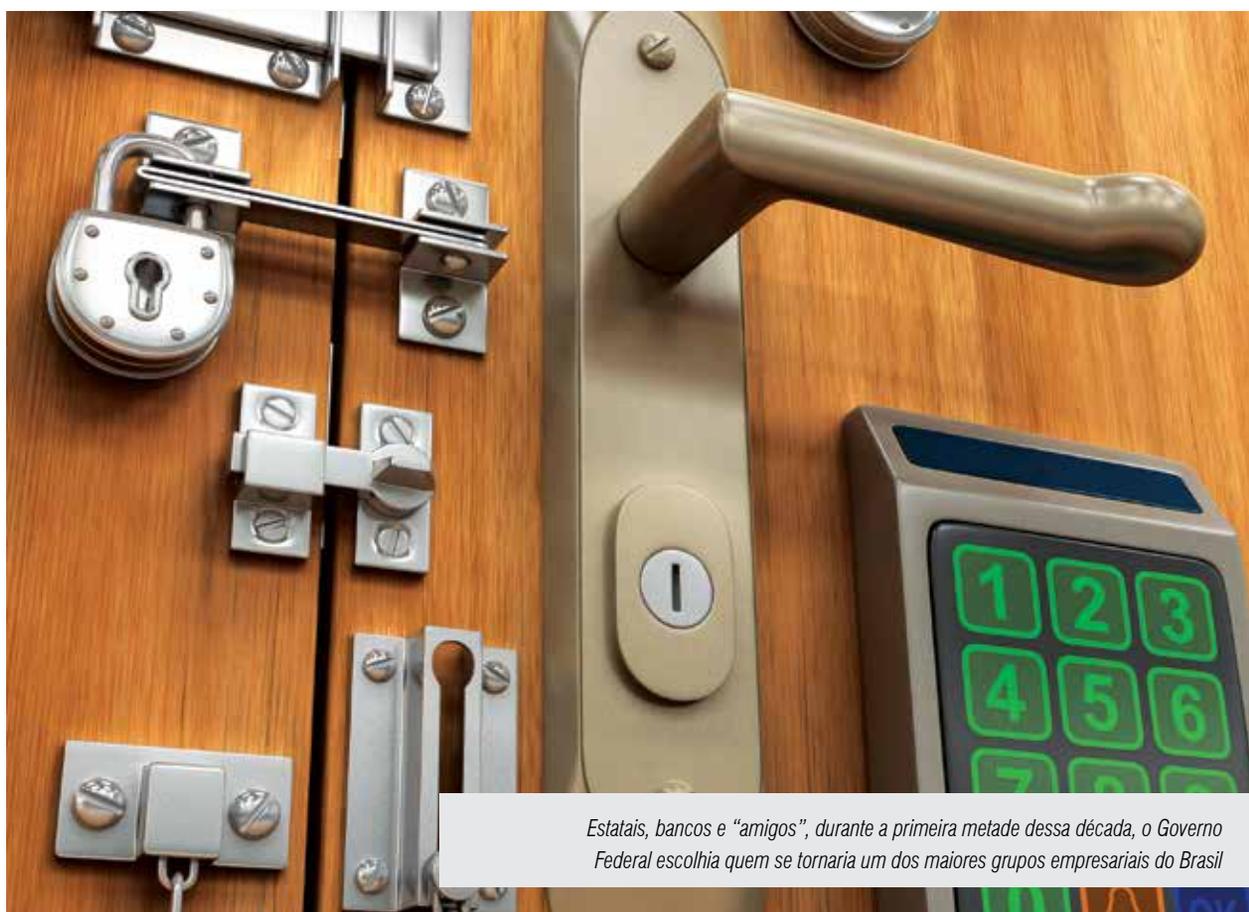


TÍMIDO

e fulgaz

Perspectiva de protagonismo da sucroenergia entre os maiores grupos, deve acontecer somente na próxima década

Marino Guerra



Estatais, bancos e "amigos", durante a primeira metade dessa década, o Governo Federal escolhia quem se tornaria um dos maiores grupos empresariais do Brasil

A primeira constatação ao observar o ranking dos maiores grupos nacionais (definidos pelo faturamento de 2016), divulgado anualmente pelo Valor, é a centralização da economia. Prova disso é quando se observa os 10 maiores, responsáveis por pouco mais de 40% da receita bruta de todo o grupo (R\$ 3,98 trilhões), e onde R\$ 620 bilhões foram referente ao resultado de grupos envolvidos até os mais graduados cargos em casos de corrupção (Petrobras, J&F e Odebrecht).

Essa filosofia, que vem se arrastando pelo menos desde o início da década, teve sua ruptura em 2016, a qual graças a um trabalho sério da equipe da fazenda, aliado com resultados obtidos pela Operação Lava Jato, dá para cravar que a edição de 2018 do anuário (a qual contemplará números de 2017) apresentará o dinheiro muito mais pulverizado, e o abismos entre os grupos eficientes em relação aos dependentes será muito menor.

O agronegócio brasileiro foi representado por pouco

mais de 30 grupos (vale lembrar que há corporações com operações agro, no entanto não foram considerados por não ser o negócio principal deles), com base nisso, sua receita bruta girou em torno de R\$ 675 bilhões ou 16% do segmento.

Desse montante, o setor sucroenergético foi representado por 11 companhias, considerando as que também têm ramificações em outros negócios como Raízen, Cargill e Bunge, mas não foi considerada a participação da Odebrecht no setor, devido ao seu tamanho perante o total do grupo. Com isso, a cana-de-açúcar contribuiu em 2016 com cerca de R\$ 260 bilhões ou 38% do mundo agro e 6,5% do grupo dos 200 maiores.

Vale ressaltar o salto dado por algumas organizações, como o Zilor, que nem figurou no ranking anterior, ou o Santa Terezinha, que avançou 16 posições (de 190º a 174º), tanto para os citados como para todos os outros representantes do setor, com certeza o bom desempenho de 2016 se deu graças ao boom do preço do açúcar, o maior já registrado na história, e com isso fica a curiosidade para observar como será o comportamento em 2017, período de preços reais, e 2018, ano de estreia do RenovaBio.

Nova Iorque e a Cana

Quatro das 20 maiores receitas brutas do setor de comércio são sucroenergéticas, dos R\$ 550 bilhões faturados pelo

grupo, os canavieiros representaram quase 35%. Embora tenha mais representantes (11), o valor vendido de todas as companhias de varejo juntas ainda ficou pouco mais de R\$ 10 bilhões atrás.

A maior receita da categoria foi da Raízen (R\$ 83 bilhões), em segundo lugar, dentro das empresas do setor, foi a Cosan (R\$ 51 bilhões). Mas Raízen e Cosan não fazem parte do mesmo grupo? Para entender o que é cada companhia é necessário estudar o organograma de participações acionárias de cada uma (informação também divulgada na publicação).

O primeiro item a ser entendido é que todas as unidades sucroenergéticas do grupo fazem parte da Raízen Energia, o qual o detentor da maioria acionária é o Grupo Cosan, tendo como sócio minoritário, com frações menores, o Grupo Shell.

A Raízen Energia, em sociedade igualitária com o Grupo Shell, detém 50% da Raízen S.A., no qual o Grupo Cosan é dono da outra metade. Como é majoritário na empresa de energia e detém metade das ações da Raízen S.A., o grupo Cosan controla a operação sucroenergética do grupo.

Assim, o grupo tem outro braço, a Raízen Combustíveis, onde, também por frações, o Grupo Shell é o majoritário, tendo a Cosan como sócio. Esse lado atua no segmento de postos e distribuição de combustíveis.

E quem controla do Grupo Cosan? É a Cosan Limited, holding responsável pela gestão do portfólio de ativos do



Nova Iorque também tem seu Touro dos Canaviais (alusão ao apelido do Sertãozinho Futebol Clube)

grupo, onde a maior parte das ações (59,06%) é negociada na Bolsa de Nova Iorque-EUA. Ela possui 61,89% do controle acionário da Cosan, que tem 37,81% de suas ações negociadas na B3 (BM&F Bovespa). Abaixo da Cosan S.A. estão outros importantes negócios do grupo como a operação logística, de lubrificantes e as propriedades agrícolas.

Isso tudo para mostrar como o que acontece em Nova Iorque e consequentemente no mundo, pode sim refletir, e muito, na vida do produtor de cana do interior de São Paulo.

Outra organização destaque dentro de segmento de comércio foi a Copersucar, primeiro lugar na categoria rentabilidade patrimonial, ou seja, foi a empresa que conseguiu maior lucro líquido se comparado com seu patrimônio líquido. Como a operação da empresa é baseada na parte logística e comercial, em um ano de preços especialmente generosos do açúcar, como foi 2016, era quase uma obrigação ela fechar bem, porém, fechou bem demais, com 40,6% de rentabilidade, colocando quase 10 pontos em cima da segunda colocada, a Natura, que obteve 30,9%.

Como é uma cooperativa formada por 20 empresas, nas quais juntas somam 33 unidades industriais, essa sociedade é detentora de 100% de suas ações. Em seu organograma ela aparece como dona de 100% de outras seis empresas: Copersucar North America LLC (Estados Unidos), Sugar Express Transportes, Cia Auxiliar de Armazéns Gerais, Copersucar Armazéns Gerais, Eco-Energy Global Biofuels LLC (Estados Unidos) e Copersucar Trading (Aruba). Além disso possui participações em outros cinco negócios: Alvean Sugar (Espanha) e Alvean Sugar Intermediação e Agenciamento com 50%, Uniduto Logística com 39,07%, Logum Logística com 20,93% e o CTC (Centro de Tecnologia Canavieira) com 16,93%.

A norte-americana Cargill é outra organização que produz açúcar, etanol e energia destaque no ranking dentro do segmento de comércio. Com um amplo leque de atuação em várias cadeias e também diversos elos dessas (atua desde a agricultura até o oferecimento de soluções financeiras), é complicado mensurar a importância da cana-de-açúcar dentro de tamanho universo.

Dona do 25º lugar no ranking dos maiores grupos em 2016, com receita bruta de R\$ 33 bilhões, sua operação sucroenergética consiste na participação majoritária na Cevasa (Patrocínio Paulista-SP) com 62,88%; metade na SJC Bioenergia, na qual forma uma Joint Venture com o Grupo USJ (São João de Araras), que operam duas unidades em Goiás, Cachoeira Dourada e Quirinópolis.

A empresa ainda é sócia (50%) do Teag (Terminal Exportador de Açúcar do Guarujá) ao lado da Biosev que detém a outra metade da operação.

Escada para o pico do Everest

O ranking dos 200 maiores grupos deixa claro a escalada do cooperativismo de crédito brasileiro para chegar ao tamanho das grandes instituições financeiras do país. Os cinco maiores bancos juntos (Bradesco, Itaú, Banco do Brasil, Caixa e Santander) tiveram uma renda próxima de R\$ 1 trilhão, enquanto que os dois maiores sistemas cooperativos (Sicoob e Sicredi) fecharam 2016 com pouco mais de R\$ 25 bilhões, ou seja, 2,5% do bolo.

Para se ter ideia, o faturamento por mês, somente do Bradesco foi de R\$ 22,5 bilhões, quase igual ao das cooperativas de crédito.



O faturamento de apenas um mês do Bradesco é quase igual ao anual do Sicoob e Sicred juntos, no entanto as duas são as que mais crescem

Esse cenário mostra duas coisas: o fato do dinheiro estar concentrado na mão de pouca gente dificulta demais a queda de juros reais, pode abaxiar o tanto que for a Selic, se houvesse uma briga maior de mercado, o valor do dinheiro para pessoas físicas e jurídicas seria muito menor.

No entanto, essa realidade apresenta um cenário positivo ao cooperativismo, pois mais cedo ou mais tarde o governo terá que tomar uma atitude para pulverizar esse mercado, e o nível de profissionalismo e credibilidade atingidos tanto pelo Sicoob, como pelo Sicredi, os gabaritam para atender boa parte dessa demanda represada, ou seja, uma política inteligente de aumento dos atores dentro do mercado financeiro não faria o cooperativismo de crédito atingir o Pico do Everest de elevador, mas já seria construída uma útil escada para facilitar a sua escalada.

Embora ainda não conte com o apoio de políticas públicas, a crise ajudou as cooperativas de crédito crescerem. O Sicoob foi a instituição financeira que mais ampliou sua

receita entre 2015 e 2016, 28,8%, dez pontos a mais que o Bradesco, e quatro pontos frente ao Sicredi, o segundo colocado. Caso mantenha a mesma performance, as cooperativas de crédito ligadas ao sistema estarão na edição de 2018 do anuário no top 10 do ranking dos grupos financeiros. Em 2017 ela ficou na 12ª colocação, com receita bruta de R\$ 14 bilhões.

O Sicoob já figura entre os dez maiores em outras três categorias ranqueadas pelo anuário. Ele é o sétimo grupo financeiro com maior lucro líquido (R\$ 2,4 bilhões), ocupa a mesma posição entre os maiores patrimônios líquidos (R\$ 16,4 bilhões) e o décimo lugar quando se observa a rentabilidade patrimonial, 14,7% em relação ao patrimônio líquido (único quesito que está atrás do Sicredi).

O organograma de participações acionárias do Sicoob mostra a Sicoob-SP (Cooperativa Central de Crédito do Estado de São Paulo) como a detentora do maior número de ações (23,49%), em seguida aparece a Sicoob Central Crediminas

(Cooperativa Central de Crédito de Minas Gerais) com 16,35%. Ainda constam no quadro de acionistas, centrais representando todos os estados da confederação e o Distrito Federal, o que permite a sua atuação em todo o território nacional, com 2.661 agências e 3,8 milhões de associados.

Ao observar a estrutura acionária da Sicredi, percebe-se uma alternativa a qual pode ajudar e muito o cooperativismo de crédito a ganhar musculatura e evoluir dentro do mercado nacional, é a presença de instituições internacionais, que no caso é o Rabobank, banco holandês

com origem no cooperativismo que atua mundialmente no financiamento de empresas do setor de alimentos e agronegócio, com 23,97%; e o IFC (Internatinal Finance Corporation), membro do Banco Mundial, é a maior instituição de desenvolvimento global voltada ao setor privado nos países em desenvolvimento, com 3,15%.

A presença dessas instituições pode ajudar os sistemas cooperativistas tanto na questão de desenvolvimento de seu conhecimento de mercado, embora já tenha um nível igual às instituições comerciais, a participação de gigantes mundiais pode trazer muito "know how", e, principalmente, recursos para que elas consigam aumentar ainda mais suas linhas de crédito.

Segundo pelotão

Ao ver o grupo das principais organizações industriais no Brasil, se constata uma difícil realidade, as sucroenergéticas puro sangue (destinam sua atividade totalmente, ou quase que isso, ao setor) fazem parte do segundo pelotão nessa maratona, isso porque não há nenhuma entre as vinte maiores da categoria.



Assim como um atleta de elite que sofre uma séria lesão, anos de crise no setor obrigaram a maioria dos seus grupos irem para o segundo pelotão de uma maratona

Dentre elas, a melhor colocada é o Tereos Internacional, controlador da Guarani, grupo formado por sete unidades industriais, todas presentes no interior de São Paulo (Pitangueiras, Olímpia, Guaraci, Guaíra, Colina, Severínia e Tanabi), o qual obteve uma receita líquida de R\$ 10 bilhões, dando-lhe a 29ª colocação dentro do ranking industrial. A organização de origem francesa aparece na "elite" somente quando é observado o patrimônio líquido, 19ª posição com R\$ 5 bilhões.

A operação de açúcar, etanol e energia ainda tem uma unidade industrial em Moçambique, além de 35% do Teapar

(Terminal Portuário de Paranaguá) e 4,04% do CTC.

Vale ressaltar que o resultado da companhia não vem somente da atividade relacionada à cana-de-açúcar, o grupo ainda atua no Brasil dentro do segmento de amido e adoçante.

Na 34ª posição aparece a Biosev, braço sucroenergético da Louis Dreyfus, com receita de R\$ 7 bilhões. Esse número é devido a grande capacidade de moagem (segunda maior processadora de cana do Brasil e, consequentemente, do mundo), o fato de ter sido a única dentre todas do setor a registrar prejuízo (R\$ 600 milhões) e redução de seu patrimônio líquido (R\$ 660 milhões), claro que gera atenção do mercado, mas é preciso ressaltar que a companhia vem em um processo de reestruturação e existe uma confiança muito grande no aparecimento de números azuis em um futuro próximo. Ocupando apenas o 63º lugar no ranking industrial, o Grupo Lincoln Junqueira (também conhecido como Alto Alegre) apresentou o maior lucro líquido dentre as organizações do setor, R\$ 663 milhões, isso o credenciou a estar dentro do top 20 nesse quesito, na 11ª posição.

A companhia, com sede em Presidente Prudente-SP, e quatro unidades industriais na divisa entre os estados de São Paulo (1) e Paraná (3), também foi relacionada entre as 20 que mais cresceram no período, 16º com 9,6%. Porém foi na rentabilidade patrimonial que ela deu show, ficando entre as 10 melhores, com 30,5% do patrimônio líquido, à frente de gigantes como a Ambev.

Quatro lugares abaixo da Alto Alegre (67º), também aparece um grupo que atua no norte do Paraná, o Santa Terezinha ou Usaçúcar, com sede em Maringá, conquistou uma receita bruta de R\$ 2,77 bilhões, crescendo espantosos 19,4%, a variação mais positiva dentro das sucroenergéticas, sua marca foi tão expressiva que a colocou entre as cinco que mais cresceram no período.

Tendo uma estrutura respeitável, são 11 unidades industriais, um centro de distribuição em Maringá e uma estrutura para exportação no porto de Paranaguá-PR; o destaque da sua estrutura societária é o controle exclusivo por uma holding formada pela família Meneguetti. Outro ponto curioso de sua gestão é o extremo apetite na aquisição de novas indústrias, somente nessa década, marcada pela crise, foram adquiridas cinco.

Com faturamento muito próximo aos paranaenses estão os paulistas do Grupo São Martinho, com R\$ 2,71 bilhões, o que o coloca como número 69 da relação. Desempenho bastante semelhante ao do ano anterior, no ranking geral não variou de posição, mostra seu equilíbrio até mesmo em anos totalmente benéficos para o setor.

Sua distribuição acionária tem como principal detentora a LJN Participações (formada pela Luiz Ometto Participações, João Ometto Participações, com 41,21%

cada e a Nelson Ometto Participações, que detêm 17,58%) com 52,25% dos papéis. Também constituem o quadro (40,17%) ações negociadas na bolsa e 6,60% pertencentes a Petrobras.

O último representante dentre os participantes da contagem do Valor é o Grupo Zilor (receita bruta de R\$ 2,11 bilhões e a 74ª posição), com sede em Lençóis Paulista-SP e três unidades industriais na região. Sua estrutura acionária é dividida em oito empresas de participações diferentes, além de contar com investidores pessoas físicas, os quais juntos detêm a maior parte do bolo (48,01%).

Um grande destaque da operação da companhia é sua atuação através de uma empresa de biotecnologia que desenvolve ingredientes naturais, a partir da levedura, para a indústria alimentícia e de nutrição animal, na qual além do Brasil, trabalha fortemente nos Estados Unidos e Europa e ainda de maneira tímida na Ásia e Oceania.

Bunge e Odebrecht também possuem operações representativas dentro do mundo canavieiro, porém ficaram de fora da relação das “puro sangue”, pois possuem outras atividades. No caso da Bunge, o setor é um de três pilares onde os outros dois são operações relacionadas a alimentos e fertilizantes. Já a Odebrecht representa uma parcela muito menor se comparada com a imensidão de toda a organização.

É preciso ressaltar que se tivessem a operação sucroenergética representada em um grupo, como o caso da Biosev em relação à LD Commodities, teriam grandes chances de fazer parte do ranking, pois os holandeses têm 9 unidades industriais e os baianos, que a partir de dezembro passaram a se chamar Atvos, controlam mais 8.

Retrato do futuro

É bem possível que o retrato da próxima edição do anuário publicado pelo Valor terá um desempenho menor por parte dos canavieiros em razão da volta da realidade nos preços do açúcar. Com isso as empresas mais abaixo do ranking têm grandes chances de não aparecer.

Com a perspectiva de uma safra mais focada no etanol, mas levando em consideração em um cenário onde o RenovaBio ainda deverá sofrer um pouco com sua adaptação e um possível mar revolto no humor de investidores internacionais quanto ao Brasil, devido as eleições presidenciais, principalmente em decorrência de sua nebulosidade, é bem provável que a edição de 2019 também terá a sucroenergia com uma participação tímida.

Em 2020, os grupos participantes e também novos poderão já aparecer e ganhar posições, no entanto chance de protagonismo deverá surgir a partir de 2021, isso

porque o ano anterior, deverá ser o primeiro que a oferta do biocombustível conseguirá crescer exponencialmente

acompanhando a explosão de demanda esperada com o RenovaBio decolando. 



Trabalho, Organização e RenovaBio; os três pilares que podem devolver o protagonismo na economia nacional novamente à sucroenergia

Tecnologia para a melhoria contínua da produtividade da cana

A **DMB** utiliza sua experiência adquirida em mais de cinco décadas de trabalho para desenvolver **novas tecnologias** e produzir equipamentos com o objetivo de obter e proporcionar aos seus clientes **maior produtividade e lucratividade** nos canaviais.

Para isso, aprendeu a ouvir as **necessidades dos produtores** e sempre trabalhou em parceria com entidades que pesquisam **novas tecnologias** para a cana, novas formas de plantio e cultivo, propondo **soluções confiáveis** para a sua cultura.

Exemplo disso são os **Azubadores** para cana soca, que proporcionam o fornecimento dos nutrientes, da forma mais adequada ao desenvolvimento e produtividade da cana.

Assim como os **Aplicadores de Inseticidas**, que permitem controlar as pragas com **total eficácia**.

E, a plantadora de cana **PCP 6000 Automatizada** que, apesar de líder no mercado, vem **continuamente incorporando melhorias**, como os novos sulcadores equipados com **dispositivos destorroadores**, que preparam o solo da forma ideal para a brotação dos toletes plantados.

Fale conosco e obtenha **maior lucratividade** com a sua cultura.



Av. Marginal Francisco Vieira Caleiro, 700
Bairro Industrial - Sorocaba/SP
Fone: +55 16 2946-1800
e-mail: dmb@dmb.com.br



www.dmb.com.br



A marca da cana



CINCO

dicas

Adoção de mecanização requer planejamento de custos

Marino Guerra

Cálculo de custos da hora-máquina



Uma das principais dificuldades do agricultor na hora de lançar os custos de sua atividade é com certeza medir quanto realmente é o valor da utilização de seu maquinário agrícola. Esse cálculo tem fundamental importância, e terá cada vez mais devido ao desenvolvimento e implantações de tecnologias, tanto para medir de maneira eficiente o desempenho da safra, como planejamento para definir se é melhor comprar ou alugar, ou o melhor

período para adquirir uma máquina nova.

Sabendo da necessidade que o fornecedor tem em aprofundar esse conhecimento e baseado em informações transmitidas ao longo de uma oficina de custos ministrada pelo coordenador executivo do Pecege, João Rosa, essa reportagem divide o cálculo de custos em cinco áreas distintas com o objetivo de traduzir em termos práticos cada aspecto desse estágio da produção agrícola.



João Rosa, coordenador executivo do Pecege, busca incessante para disseminar e deixar cada vez mais fácil o cálculo de custos para o fornecedor de cana.

Serviço Terceirizado

Com a mecanização quase que total da colheita e parcial do preparo, plantio e tratos não havia para o produtor, principalmente os pequenos e médios, outro caminho senão buscar a terceirização desses processos.

No entanto, o agricultor não pode simplesmente optar pela terceirização de todos os estágios e deixar por isso mesmo, até porque com o avanço tecnológico, algumas máquinas, antes impossíveis de serem compradas, podem possuir modelos voltados para o perfil do seu bolso, além de possibilidades de financiamento e consórcio fornecidos por agentes como as cooperativas de crédito, organizar compras para a utilização coletiva e até mesmo alugar o equipamento para ele mesmo prestar o serviço; são alternativas palpáveis que precisam estar sempre no radar e entender o momento mais favorável para mudar a chave.

Como esse tipo de serviço é vendido em um pacote, o valor a ser coletado é fechado, não sendo possível a distribuição dentro de uma estrutura de custos. Sendo assim, a forma mais usada e simples para auferir o quanto se gastou em determinada operação é ver o quanto custou cada unidade (máquina) e dividir por hectares que ela trabalhou.

Se foram gastos R\$ 15 mil para uma equipe realizar o corte e o transbordo de 10 hectares de canavial, o custo por hectare será de R\$ 1,5 mil. Para entender se com esse custo a contratação do serviço valeu a pena, quem é associado Canaeste, por exemplo, possui um

serviço de suporte o qual ele saberá o quanto gastaram os outros produtores da região que também optaram por terceiros e quanto foi para quem optou por realizar a colheita de outra maneira. Informação de fundamental importância para o produtor decidir qual rumo tomar na safra seguinte.

Combustível



É muito importante ter o acompanhamento de quanto cada máquina está bebendo, pois cada operação pode significar muito prejuízo

O grande detalhe em quem precisa fazer o levantamento de custos na utilização de maquinário próprio é executar o cálculo da hora máquina e a sua relação com a capacidade operacional, dentre os itens a serem apontados, com certeza o consumo de combustível é o mais importante.

Para determinar o seu consumo basta dividir a quantidade de litros gasta pelo número de horas, agora para definir o seu preço médio é preciso pegar o valor gasto e dividir pela quantidade consumida. Sendo assim com o apontamento de apenas três fatores (preço, hora trabalhada e consumo) já é possível fazer o levantamento de custo dos combustíveis utilizados pelas máquinas.

Os especialistas ainda apontam na necessidade de montar planilhas separadas apontando o consumo relacionados à operação (aplicação de herbicidas por exemplo), à idade do canavial (se é cana-planta ou o número do corte) e também ao relevo do solo (áreas menos uniformes com certeza demandarão maior consumo).

O cálculo dos lubrificantes também precisa ser

inserido nessa conta, para isso o Pecege recomenda que seja acrescentado 10% ao valor do diesel.

Feito isso, é possível ter um universo de informação ao longo e no final da safra, desenvolvendo planilhas simples como, por exemplo, a qualidade do diesel ou se o trator está bebendo ou não, ou então até quando é viável executar uma operação mecanizada de plantio ou manejo em uma área mais acidentada ou um canavial mais antigo, entre outras.

Depreciação e custo do capital



Às vezes é complicado abandonar um amigo de longa data, mas como as pessoas as máquinas também precisam se aposentar

No mundo contábil, depreciação significa encargo periódico que determinados bens sofrem, por uso, obsolescência ou desgaste natural. A taxa anual de um bem, será fixada em função do prazo, durante o qual se possa esperar utilização econômica.

No caso de uma operação canavieira, onde determinada máquina não será utilizada todo o dia, recomenda-se o cálculo da depreciação por hora, com isso a conta é simples, no entanto necessitará do apoio, principalmente de entidades que possuam um grande banco de dados (como a Canaoste), para se aproximar o máximo possível dos números futuros. Sendo assim, se encontra no custo de depreciação por hora fazendo a subtração entre o valor inicial e o valor final dividido pela sua vida útil.

Então, se forem investidos R\$ 160 mil em uma máquina, se estipula o valor final dela ou através do

mercado de usado ou então pode-se considerar que seu uso será até a completa desvalorização e divide-se pela vida útil (quantidade de horas utilizadas vezes a quantidade de anos). Sendo assim, se o exemplo acima for planejado, o seu uso até a exaustão com uma expectativa de utilização de 800 horas anuais ao longo de 20 anos terá um custo de depreciação de R\$ 10,00 por hora.

Vale ressaltar que esse valor é uma prospecção a qual precisa passar por constantes revisões ao longo de cada safra.

Também sendo um cálculo que envolve a relação dinheiro e tempo, o custo de capital se difere da depreciação, pois aponta o quanto o produtor deixou de ganhar (caso tenha tirado o dinheiro de uma aplicação) ou então o valor dos juros no caso de um financiamento, seu cálculo é um pouco mais complexo e exige um pouco mais de informações.

Para se identificar o custo aproximado do capital de um trator, por exemplo, é necessário somar o valor de compra com o valor de venda como usado (cerca de 20%), multiplicar pela taxa de juros anual, multiplicar pela quantidade de anos esperada para sua utilização e dividir pela quantidade de horas anuais que ele vai trabalhar.

Então, se pegarmos um bem de R\$ 100 mil, a perspectiva futura de venda será de 20 mil, considerando uma taxa de juros de 7% ao ano, e ao executar o primeiro cálculo temos $120 \text{ mil} \times 7\%$, que dá R\$ 8,4 mil (esse é o valor que o dinheiro renderia ou então os juros que precisarão ser pagos). Considerando que o trator rode 800 horas anuais e tenho o limite de rodar 10 mil horas ao longo de sua vida, consegue-se descobrir que ele trabalhará 12,5 anos. Com isso, ao multiplicar o valor dos juros anuais (R\$ 8,4 mil) pela quantidade de anos, se consegue um montante que ao dividir pelo número de horas totais, se chega ao valor de R\$ 10,5 por hora trabalhada somente como custo de capital (nesse exemplo não foi considerado o juro acumulado).

Esse cálculo é um ótimo termômetro para o produtor planejar se vale a pena, por exemplo, tirar o dinheiro de uma aplicação para imobilizar o dinheiro em uma máquina, encontrar o teto de juros que ainda é eficiente pagar ao saber o quanto ele ganha por safra ou, mais ainda, saber se é melhor deixar o dinheiro investido e pegar um financiamento.

Operador

Com o alto grau de formalização para a contratação de um funcionário, o que acaba elevando consideravelmente o seu custo, o produtor precisa calcular e planejar muito



É preciso dividir os custos totais do operador por cada momento dos tratos culturais e outras atividades para conseguir identificar com exatidão quanto é a parte relacionada a determinada máquina

bem o perfil do profissional que vai contratar para operar a máquina adquirida.

Com certeza a experiência conta, até porque um profissional com maior conhecimento poderá gerar economia de combustível e manutenção, porém o avanço tecnológico permite buscar um operador mais jovem que vai ser mais econômico e também assimilar melhor as tecnologias.

Na hora de calcular o custo também é preciso dividir esse colaborador nas diversas atividades que ele irá desempenhar, por exemplo se ele dedicar uma pequena parte do dia para fazer serviços administrativos (como, por exemplo, apontamento de dados), trabalhar em outra cultura que há na propriedade, ou até mesmo operar outra máquina, ou seja, o tempo a ser lançado no cálculo de custo da hora máquina referente ao operador é somente a parte de seus custos (salários, tributos, auxílios, entre outros) que ele estiver trabalhando exclusivamente nela.

Um ponto que pode gerar economia para o produtor é a lei da terceirização, onde desde março do ano passado, se tornou possível a contratação de mão de obra para destinado fim. Com isso o fornecedor ganhou mais uma alternativa, a de poder investir na máquina e contratar a mão de obra terceirizada, o que, dependendo de sua realidade, poderá reduzir consideravelmente o custo da hora-máquina.

Além da terceirização, a nova lei trabalhista também permite a contratação de um operador como “intermitente”, ou seja, o trabalhador pode ser convocado apenas para aquele serviço específico e ganhará por

suas horas de trabalho. Vale lembrar que as regras de formalização e encargos permanecem as mesmas. Com isso, ao planejar o custo de operador, baseado na lei nova, é preciso solicitar uma assessoria para calcular os custos de férias proporcionais com acréscimo de um terço, décimo terceiro salário proporcional, repouso semanal remunerado, adicionais legais, a contribuição previdenciária e o FGTS.

Reparo, manutenção e seguro

Para o cálculo de custo de hora-máquina não se leva em conta as perdas com o tempo que determinada máquina fica parada na oficina, podendo prejudicar o planejamento de colheita e até mesmo a produtividade do canavial.

Sendo assim, é preciso levar em consideração esse fator na hora de decidir se vai investir em um produto novo (teoricamente terá menos problema) ou em um usado.

O cálculo do custo de manutenção de uma máquina agrícola é bem complexo, pois ele se divide em manutenção preventiva (componentes trocados a intervalos regulares como: filtro de ar, filtros de óleos lubrificantes, filtros de combustível, correias de polias, entre outros) e manutenção corretiva (relacionada a fatores de difícil controle como habilidade do operador, condições do terreno, entre outros). Sendo assim, centros de estudos desenvolveram tabelas que servem de referência ao produtor, principalmente na hora de tomar a decisão da compra.



A manutenção preventiva é essencial para evitar maiores gastos com oficina

Segundo tabela divulgada em trabalho publicado pelo Lamma (Laboratório de Máquinas e Mecanização Agrícola do campus de Jaboticabal da Unesp), o qual apresentava a porcentagem de custo de reparo e manutenção das máquinas agrícolas em relação ao seu preço de compra (considerando ao longo de toda a sua vida útil), pode-se considerar para um trator 100% do valor investido como custo de manutenção, pulverizadores correspondem a 80%, arados e subsoladores a 60%, e o implemento que menos demanda (segundo o estudo) são as grades, com 50%.

No evento realizado pelo Pecege foi apresentado dados referentes a uma colhedora de cana no qual ela atinge o custo de 100%, em relação ao seu valor de compra, com pouco mais de 10 mil horas de trabalho. Se levar em consideração essas informações, uma máquina com um pouco mais de 20 mil horas trabalhadas já consumiu recursos que dariam para comprar uma nova.

Tempo

Levantar o custo de hora-máquina apontará possíveis gargalos na operação mecanizada, porém é preciso olhar também fatores referentes as respectivas eficiências, e para isso o principal medidor é o cronometro.

De maneira quase instantânea é preciso saber o tempo trabalhado para identificar a sua velocidade. Tendo como referência as operações ao longo do dia é preciso cronometrar o tempo de manobra, abastecimento, descarga sem deslocamento, regulagem e desembuchamento.

Ao final da safra é preciso saber o tempo de deslocamento e retorno para o talhão, tempo diário de acoplamento e de preparo da máquina, tempo do operador, tempo dos reparos e o tempo perdido devido a condições inaceitáveis referentes ao clima, solo e cultura.

Com tudo isso, o fornecedor de cana, antes de investir na mecanização, precisará saber se terá tempo ou braço para realizar tais cálculos. 🌱



Calcular os custos da utilização de máquinas não é nada de outro mundo, mas o produtor precisa ter consciência que vai ter que dedicar certo tempo para isso



COPERCANA PREMIADA



28/12/17
15h00

5 GANHADORES
1 ANO
SUPERMERCADO
GRÁTIS
R\$ 400 POR MÊS

Juscelino da Silva
Barrinha
Cléria Gomes Passos
Pitangueiras
José H. Bortoleto
Jaboticabal
Andresa Ap. Costa da Silva
Pontal
Roberto Luiz B. Lima
Serrana

29/12/17
15h00

7 GANHADORES
1 ANO
DE COMBUSTÍVEL
GRÁTIS
R\$ 200 POR MÊS

Alna L. Carneiro Menassi
Dumont
Carlos Renato G. Badia
Sertãozinho
Rafael C. E. Souza
Pitangueiras
Jaime A. F. Junior
Jaboticabal
Pedro Henrique
Jaboticabal
Adilson José dos Santos
Pontal
Geraldo D. Traiotti
Santa Rosa

10 GANHADORES
TV 32"
28/12/17
15h00

Noemi Nayara - *Pontal*
Oscar Soares Júnior - *Pontal*
Rodrigo B. Marchiori - *Serrana*
Carlos Adriano Rocha - *Jaboticabal*
Egílnia Emília Ribeiro - *Jaboticabal*

Alessandra dos Santos - *Sertãozinho*
Isabela Angelica da Silva - *Serrana*
Neirson M. da Silva - *Ribeirão Preto*
Anderson Rodrigues Alves - *Pontal*
Alessandro J. Zampronio - *Sertãozinho*

5 GANHADORES
CRUZEIRO
COM DIREITO A
ACOMPANHANTE
10/01/18
15h00

Letícia Fazam Pestana - *Sertãozinho*
Adriano Júnior Gomes - *Sertãozinho*
Carlos Cesar Fabris Filho - *Sertãozinho*
Lorena Bianculli Borges - *Pontal*
Luiz Gonçalves C. - *Pitangueiras*

2
RENAULT KWID
0 KM
10/01/18
15h00

Aparecida Ancheschi
Sertãozinho
Elysio Vernillo Junior
Pitangueiras

Realização:



COPERCANA

(SUPERMERCADOS | MAGAZINES | PORTOS DE COMBUSTÍVEL)
(LOJAS DE FERRAGENS | AUTO CENTER)

www.copercana.com.br

Apoio:





OS CENÁRIOS

de cana, açúcar e etanol

Análises sobre o movimento dos mercados e os principais desafios e oportunidades para a próxima safra foram discutidos em Guariba

Fernanda Clariano



“Os novos cenários dos mercados de cana, açúcar e etanol no Brasil e no mundo” foi o tema do encontro realizado em dezembro na cidade de Guariba, SP, que reuniu renomados especialistas do setor sucroenergético

como o consultor da Canaplan, Nilceu Piffer Cardozo, o diretor de Controladoria e Relação com Usinas da Copersucar, Tomas Caetano Manzano, e o diretor da Bioagência, Tarcilo Ricardo Rodrigues. Na ocasião, foram apresentados para um

grupo de produtores, representantes de associações e usinas, os dados da safra 2017/18 e também as projeções para a safra 2018/19, com informações fundamentais para a tomada de decisão para os próximos anos.

Produção de cana, safra 2017/18 e perspectivas para 2018/19



Nilceu Piffer Cardozo - consultor da Canaplan

A safra canavieira termina em março de 2018 e a próxima safra se inicia em abril. De acordo com Cardozo, a safra atual deve ser finalizada com um volume ao redor de 590 milhões de toneladas, que pode aumentar um pouco em função daquilo que for colhido, mas já pertencente a safra seguinte. Atualmente algumas unidades iniciam a safra em março e consomem parte da safra posterior. Dessa forma, quanto maior for este consumo, menor será a próxima safra. Diante dessa possibilidade de envelhecimento dos canaviais, algo que é indiscutível na redução dos investimentos, a estimativa da Canaplan é que a próxima safra deva, na melhor das hipóteses, apresentar um volume em torno de 585 milhões de toneladas. Esse valor pode ser variado em função de alguma questão climática, chuvas além do esperado, podendo até aumentar esse volume, mas não de forma drástica.

“A perspectiva é que tenhamos uma oferta muito parecida a que aconteceu no ano de 2017. O grande fator que pode variar é a questão da qualidade, que foi

extraordinária, a safra 2017/18 foi a melhor dos últimos tempos. Se mantida e alcançarmos valores próximos ao que houve nesta, deverá ser uma safra de grande oferta de açúcar, isso dentro da usina. O que será feito desse açúcar, se será etanol ou açúcar, é outra questão, o mercado e o valor de mercado é quem vão ditar o rumo da safra 2018/19”, analisou Cardozo.

Mercado de açúcar



Tomas Caetano Manzano - o diretor de Controladoria e Relação com Usinas da Copersucar

Segundo Manzano, ao olharmos o histórico de preços do açúcar podemos observar bastante volatilidade nos últimos anos. O encerramento da safra 2017/18 aconteceu dentro do estimado, com uma tendência, talvez na safra que vem, um pouco menor, e perspectivas de estabilidade de preços em relação ao que se observa atualmente.

O balanço mundial de açúcar, sobre a situação dos principais países produtores como a China, a Índia, a Tailândia e também do Brasil foram apresentados pelo executivo da Copersucar. “A expectativa hoje, salvo algum evento climático mais relevante, é

que tenha um cenário de superavit de açúcar de excesso de estoque, o que deve pressionar um pouco os preços em curto prazo”, observou Manzano.

Índia

A produção total de açúcar já totaliza 3,9 milhões de toneladas, 40% acima do mesmo período de 2016; 443 usinas em operação em novembro vs 393 no mesmo período em 2016;

▶ MA 1,5 MMt, 59% acima YoY (Year over Year)

▶ UP 1,4 MMt, 60% acima YoY (Year over Year)

Tailândia

Após quebra de safra por seca, forte recuperação em 2017;

▶ 2015-16: 94 milhões de t

▶ 2016-17: 93 milhões de t

▶ 2017-18: 115 milhões de t

Além disso, houve aumento de área de 12,4% e o início de moagem em dezembro/17 começou com ATR alto e clima normal em novembro, assim como o esperado também para o mês de dezembro.

Centro-Sul do Brasil

Após dois anos de mix voltado para o açúcar, a safra 2018/19 deve priorizar a produção de etanol, além da expectativa de redução de mix para o açúcar em função de preços mais atrativos para o etanol na safra 2018/19. O Centro-Sul pode retirar de 2 a 4 milhões de toneladas de oferta de açúcar; apenas 25% da safra precificada e flexibilidade para produção.

Mercado sucroenergético - safra 2018/19

O clima desfavorável de janeiro a outubro de 2017 com chuvas

abaixo da média em grande parte do Centro-Sul causará impacto na produtividade da cana soca nos primeiros meses de 2018/19 e atraso no plantio. O aumento de renovação do canavial em 2017, porém ainda abaixo dos níveis desejados leva à uma expectativa de mais um ano de envelhecimento do canavial. A probabilidade do La Niña no mês de dezembro de 2017 poderá comprometer o desenvolvimento de cana.

Visão preliminar: menor disponibilidade de cana para 2018/19 no Centro-Sul

Como já mencionado, a mudança de mix de açúcar para etanol influenciado por paridades de preços mais atrativos ao etanol poderá levar o Centro-Sul a retirar a produção de 2 a 4 milhões de toneladas de açúcar na safra 2018/19. Além disso, prevê-se o aumento do Ciclo Otto no mercado doméstico potencializado pela expectativa de retomada econômica em 2018 e, o aumento do PIS/COFINS na gasolina poderá elevar a competitividade do etanol hidratado frente à gasolina e provável volatilidade cambial em função das eleições deste ano.

O diretor de Controladoria e Relação com Usinas da Copersucar ainda reforçou em suas projeções que a redução da produção de açúcar no Brasil na próxima safra terá baixo impacto na expectativa de superavit mundial; menor crescimento da demanda mundial de açúcar impulsionada por iniciativas de redução de consumo; expectativa de menor disponibilidade de cana na safra 2018/19 no Centro-Sul e migração de mix para etanol e cenário construtivo para o etanol no Brasil na safra 2018/19.

Mercado de etanol



Tarcilo Ricardo Rodrigues - diretor da Bioagência

A pressão para fazer caixa por parte das usinas fez com que o mercado de biocombustíveis não começasse o ano de forma positiva, segundo a visão do diretor da Bioagência. Ele explicou que os preços de gasolina ainda não haviam entrado na nova política da Petrobras, mas quando a companhia começou a aplicar os preços internacionais e houve um rearranjo tributário, que aumentou a competitividade do etanol na bomba, o biocombustível foi beneficiado. “O cenário mudou muito após estas mudanças. O etanol ganhou competitividade frente à gasolina e os preços se recuperaram, o que deverá se refletir em uma entressafra de bons preços para as usinas”, disse o executivo que ainda destacou: “A boa demanda e os preços do petróleo em patamares elevados deverá manter os preços da gasolina elevados nesta entressafra e no início da próxima safra, quando devemos ter uma safra bastante alcooleira. O crescimento da demanda favorecerá a mudança do mix e também trará um impacto positivo nas cotações de açúcar da próxima safra”, projetou Rodrigues. 



Um mundo de **oportunidades** te espera na **internet**



11 anos de experiência nos deram uma boa perspectiva

Vivemos da internet e conhecemos os caminhos que você precisa trilhar para gerar negócios online.

E como lembrar é viver separamos algumas conquistas desta caminhada:

Baldan | 90% melhor posicionado no Google que seus concorrentes

Drogacenter Online | Redução de 88% dos custos com materiais impressos

Clínica Basile | 22 palavras entre as 3 primeiras posições após 4 meses de otimização

Dr. André Venturelli | 64 palavras-chave em 1º lugar no Google (cirurgia plástica ribeirão preto)

Paso Ita | 32 palavras em 1º lugar no Google

Nossa Sagrada Família | Aumento de 262% nas vendas online em 3 meses

Agavic | Aumento de 500% nas vendas online



SEO | Website | Loja Virtual | Redes Sociais
Inbound Marketing | Google Marketing
www.rgbcomunicacao.com.br

Sertãozinho
(16) 3947-1343
Centro
Rua Barão do Rio Branco, 655

Ribeirão Preto
(16) 3234-9343
Edifício Office Tower
Ribeirão Shipping - Sala 2105



PRESIDENTE DO TRIBUNAL

de Justiça de São Paulo é “Cidadão Sertanezino”

O título ao desembargador Paulo Dimas de Bellis Mascaretti, foi proposto pela vereadora Maria Neli Mussa Toniello

Fernanda Clariano

Em sua última visita ao interior do Estado como presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo, o desembargador Paulo Dimas de Bellis Mascaretti esteve em Sertãozinho-SP, no mês de dezembro, e foi recepcionado no auditório da Canaoeste, onde recebeu o título de “Cidadão Sertanezino”.

Proposto pela vereadora Maria Neli Mussa Toniello, o título outorgado ao presidente do TJSP, por meio do Decreto Legislativo nº 11/17, foi aprovado pelos 17 vereadores por unanimidade.

A cerimônia foi conduzida pela presidente da Câmara de Sertãozinho, vereadora Márcia Moreira de Sousa Perassi, e contou com a presença do prefeito de Sertãozinho, José Alberto Gimenez, do vice-prefeito de Sertãozinho, Nilton César Teixeira, do presidente da Copercana, Antonio Eduardo Toniello, do presidente da Canaoeste, Manoel Ortolan, do assessor das diretorias do Sistema Copercana, Canaoeste e Sicoob Cocred, Manoel Sérgio Sicchieri, do assessor jurídico Clóvis Vanzella, do advogado da Canaoeste, Juliano Bortoloti, além de magistrados, vereadores, advogados, secretários municipais, servidores e cidadãos sertanezinos.

A autora do projeto que concedeu a honraria ao desembargador, a vereadora Neli Toniello, ao fazer uso da palavra, falou da satisfação por ter tido a aprovação. “É mais do que justo homenagearmos com tal honraria, é uma forma de reconhecermos toda a sua dedicação e capacidade à frente do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo e pelo que fez pela cidade de Sertãozinho. Agora mais do que nunca somos conterrâneos de coração”, disse a vereadora.

Cidadão Sertanezino

O desembargador Paulo Dimas disse que o momento era de agradecimento e de saudação às instituições. “Os dirigentes passam e as instituições são permanentes. Por isso, recebo a homenagem deste município forte, desta cidade bonita que é Sertãozinho, em nome de todo o nosso Judiciário.

Quero dividir com nossos juízes e servidores. Fico feliz que atendendo à proposta da vereadora Neli Toniello, os vereadores votaram unanimemente pela concessão do título, estou me sentindo lisonjeado e feliz”.



Antonio Eduardo Toniello; Manoel Ortolan; Juliano Bortoloti; Paulo Dimas de Bellis Mascaretti; Clóvis Vanzella e Manoel Sérgio Sicchieri



O desembargador Paulo Dimas de Bellis Mascaretti recebeu a homenagem das mãos da autora do projeto, vereadora Maria Neli Mussa Toniello

ESCOLHA

MKT



o melhor lugar para a sua



EMPRESA aparecer!



Revista
CANAVIEIROS

A força que movimenta o setor

 / rev_canavieiros  / RevistaCanavieiros  @canavieiros

comercial@revistacanavieiros.com.br

rodrigomoises@copercana.com.br

(16) 3946.3300 | ramal: 2305

Rodrigo Moisés



PROJEÇÕES

para 2018

O que o novo ano reserva para a economia brasileira

Diana Nascimento



Em 2017 tivemos uma safra recorde e a agricultura ajudou substancialmente no crescimento da economia do Brasil.

O trabalho da equipe econômica do Governo, capitaneado pelo ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, também foi notável: não só o PIB foi favorável, mas a queda da inflação também e há anos o Brasil não conseguia entregar os índices de

inflação dentro da meta. A redução da taxa Selic e o câmbio praticamente estável também foram ótimos coadjuvantes para o processo de retomada de nossa economia, ainda que a passos lentos.

Outros pontos positivos foram o aumento das vendas no varejo - puxado pelo crescimento da massa salarial - e o mercado de trabalho, que embora ainda apresente um

índice preocupante, teve um pequeno decréscimo.

Apesar das principais estatísticas econômicas terem fechado no azul no ano que se encerrou, a questão fiscal deixou a desejar, pois a dívida bruta do Governo cresceu. E é justamente esse ponto que falta para completar o ajuste e a nova trajetória de crescimento sustentável tão esperada pelos brasileiros.



Luiz Rabi - economista da
Serasa Experian

Fechado o ciclo 2017, começamos 2018 com um alerta: recentemente, a agência internacional de risco Standard & Poor's reduziu a nota de crédito soberano no Brasil de "BB" para "BB-".

O fato não foi surpresa diante das dificuldades do Governo para conseguir a aprovação da reforma da Previdência e de medidas fiscais que deem equilíbrio às contas públicas. Resumindo, a nota significa que o rating do país segue sem o selo de bom pagador e está três degraus abaixo do grau de investimento.

O curioso é que a nota foi dada após um ano melhor para a economia do Brasil, comparada ao ano de 2016 (como já mencionado) e a impressão sentida por muitos é a de que depois de um sopro de esperança, poderemos levar outro balde de água fria.

Além disso, o economista da Serasa Experian, Luiz Rabi, cita algumas situações que devem ser enfrentadas este ano: a batalha da reforma da Previdência (novamente), o resultado das eleições presidenciais e o setor agropecuário - um dos grandes protagonistas de nossa economia em 2017 - que não deve contribuir da mesma forma para o crescimento econômico.

Com esse cenário, a pergunta instigante do momento é: será que tudo isso, junto e misturado, poderá impedir que 2018 seja um ano

bom para a evolução da economia brasileira?

Segundo Rabi, as demais agências de classificação de risco também devem seguir o rastro e reduzir a nota do Brasil. Todavia, isso não deve afetar muito a nossa economia. "A nossa avaliação é que não deve mudar a tendência de recuperação da economia. Os fundamentos estarão atuantes em 2018", afirma.

Ele analisa que o consumo está em alta e, ao que tudo indica, não sofrerá abalo em 2018 devido à queda da inflação e a renda e emprego estarem aquecidos. Para ele, os índices de inflação ficarão entre 4% e 4,5%, o que permite que a taxa de juros fique estável, além de tranquilidade para o bolso do consumidor.

Por falar nele, o índice de confiança do consumidor também está em alta, o que estimula a busca por crédito no mercado.

Já o índice de inadimplência caiu para 40% e está longe do pico atingido no mês de maio de 2017. "Isso ajuda os bancos a abrirem a torneira do crédito para as pessoas físicas", explica Rabi.

Reformas da Previdência e Trabalhista

De acordo com o economista, o rebaixamento da agência internacional de risco tem a ver com o investimento. "O que está ligado ao consumo e às exportações andarão bem em 2018,

são esses pontos que conduzirão a economia neste ano", salienta.

Como estamos em um ano eleitoral, a questão fiscal pode ficar como herança para o próximo presidente eleito, assim como a reforma da Previdência.

Rabi observa que se a reforma não for realizada, será difícil a dívida pública entrar nos trilhos e sair de sua trajetória explosiva. "É importante sinalizarmos para os agentes e investidores econômicos que a trajetória de equilíbrio irá acontecer. Se não tivermos uma situação fiscal equilibrada, teremos calote ou hiperinflação (de 15% a 20%, o que corroerá a aposentadoria e o salário mínimo)", atenta.

Em relação ao emprego, o economista ressalta que o resultado da pior crise vivida pelo Brasil foi a alta taxa de desemprego. O índice dito como normal é entre 4% a 5%, e não 14% como chegamos em março de 2017. "Até o mês de novembro, a taxa caiu dois pontos percentuais. A situação está melhorando, mas levará entre três a quatro anos para voltarmos ao índice anterior à crise. Pelo menos a direção está correta", disse.

Sobre a flexibilização das leis do trabalho, Rabi pontua que isso faz com as empresas contratem mais rapidamente. "Não estamos perdendo empregos. A reforma torna o emprego mais aderente ao ciclo da economia", finaliza. 





INIMIGO

oculto

Como reconhecer e controlar populações de nematoides no solo e nas culturas

Diana Nascimento



Os nematoides tiram o sono do agricultor. Até mesmo para os pesquisadores da área são muitas as novidades e os problemas ainda não conhecidos. “A cada vez que conversamos com os produtores, a gente aprende

um pouco mais a respeito dos nematoides”, admitiu a professora e dra. em Fitopatologia da UEM (Universidade Estadual de Maringá), Cláudia Dias Arieira, durante apresentação no evento da Adama para jornalistas do

agronegócio intitulado “Encontro com o Presidente”, realizado em São Paulo.

Ela conta que quando terminou seu doutorado, há 15 anos, não se falava em nematoides. O problema existia, assim como as pesquisas,

mas o trabalho era mais focado dentro da universidade e não na demanda que existe hoje no campo.

Os nematoides são tratados como inimigos ocultos. Cláudia explica que há vários problemas na agricultura que são fáceis de notar no campo. “Se o produtor se depara com uma mancha foliar ou com uma praga na agricultura, rapidamente há aplicativos e técnicos que identificam o percevejo, a ferrugem. Com o nematoide isso não é possível porque ele vive no solo, não sendo possível visualizar onde ele está e o que vemos é o reflexo do que ele está fazendo no sistema radicular da planta. Por isso chamamos os nematoides de inimigos ocultos”, salienta.

O solo é um ambiente extremamente rico em nematoides, são bilhões em um hectare de terra. A maior parte deles é boa para a saúde do solo, são organismos que fazem parte da reciclagem de nutrientes e controlam outros organismos patogênicos. No entanto, uma pequena parte é composta de nematoides fitoparasitas que se alimentam das plantas.

Esses nematoides possuem em sua região encefálica uma estrutura chamada estilete. “É como se fosse uma agulha que perfura a raiz, tirando dela nutrientes necessários para o seu desenvolvimento. O interessante é que além de retirar substâncias da célula da planta, ele injeta uma série de toxinas e enzimas que irão ajudar na digestão desse alimento para posterior absorção. Daí a sua importância principal: a injeção de substâncias no interior da célula do vegetal. Com todas as substâncias que ele joga, irá levar a diferentes modificações no interior das células”, esclarece Cláudia.

Há também os nematoides migradores que ficam se

movimentando na raiz da planta o tempo todo e causam uma lesão traumática; os nematoides sedentários que ficam parados durante todo o ciclo de vida, jogando toxinas que mudam a planta, e os adaptativos, fazendo com que as próprias células da planta roubem nutrientes dela mesmo.

O Brasil é um país com múltiplos sistemas de cultivo com culturas curtas e perenes. Essa característica pede programas com tipos de manejos diferentes, o que acaba dificultando a vida do técnico e do produtor.

Prejuízos

Ao olhar para os grupos das culturas anuais, dos cereais, da horticultura e da cana - que demanda bastante investimento na lavoura -, e nos quatro nematoides mais importantes para o Brasil, vemos que para cada cultura há um problema e para cada problema é preciso trabalhar alternativas de manejo.

Cláudia lembra dos prejuízos que os nematoides causam: “Apesar de chamarmos de inimigo oculto e grande parte do prejuízo não ser contabilizada, ele é muito elevado. Acredita-se que hoje tenhamos um prejuízo próximo de R\$ 35 bilhões/ano por causa dos nematoides. R\$ 16 bilhões são perdidos somente na cultura da soja, temos R\$ 1,3 milhão na cultura do algodão, mais de R\$ 200 milhões de perdas na batata, mais de R\$ 100 milhões na cultura da cenoura, R\$ 4,5 bilhões na cultura do café e quase R\$ 13 bilhões na cultura da cana-de-açúcar. Na cultura do feijão, perde-se até 50% da produção por causa do nematoide. Estamos falando de números muito elevados para um alto investimento realizado na agricultura. Além da



Cláudia apresentou uma visão geral sobre a praga, comum em nossa agricultura

perda de produtividade, temos, em algumas hortaliças, a perda do valor comercial devido a aparência de algumas culturas”, enumera Cláudia.

Os dados acima se referem às culturas com informações disponíveis. Há várias culturas sem informações ou que ainda são pouco estudadas como a banana, por exemplo. Hoje se perde muito em produtividade da banana por causa das lesões nas raízes. Com a raiz fraca, o cacho de banana cai devido ao seu peso e acaba sendo perdido. “Não se trata de um problema de ordem econômica, mas social. O produtor de banana herdou a cultura de seus antepassados, tem amor pelo que faz. Não é fácil para ele sair da bananicultura e passar a produzir palmito, mas é isso que tem acontecido. Há todo um problema social quando o produtor sai de uma atividade que ele gosta e vai para outra onde não tem afinidade”, ressalta a especialista em nematoide.

O arroz também é uma cultura com pouquíssima pesquisa em manejo de nematoides. A praga dizima a plantação de arroz, fazendo com que a raiz pare de absorver água e nutrientes. Sabe-se que muito é perdido,

mas não há quantificação e como o arroz é uma cultura irrigada, a lâmina de água dificulta o manejo do nematoide.

Identificação do nematoide

Ao atacar o sistema radicular das plantas, como o nematoide é identificado no campo? “Identificá-lo pode não ser uma tarefa tão fácil, mas não é impossível porque existem alguns sintomas característicos.

observa-se uma espécie de pipoca, pontuações elevadas nos tubérculos, o que faz perder valor comercial. Quando a raiz não vai bem, o sintoma é manifestado na folha com o amarelecimento e subdesenvolvimento da mesma. Além disso, existem os nematoides que são mais destrutivos e causam sintomas mais drásticos, outros causam lesões que necrosam o sistema radicular devido a sua movimentação no interior da raiz.

O sintoma de lesão na raiz

cisto, tendo dois nematoides em uma mesma raiz”, lembra Cláudia.

A diagnose deve ser feita por um laboratório visto que se trata de uma doença que raramente alcança bons resultados quando adotada uma única estratégia de manejo, que precisa ser integrado e com uso de diferentes ferramentas (químico, biológico, cultural). “É muito difícil conseguir bons resultados usando apenas uma estratégia isoladamente. Quando a gente fala de manejo de nematoides é preciso eliminar plantas doentes. Alguns grãos de soja perdidos na colheita podem germinar e serem hospedeiros alternativos dos nematoides”, pontua a professora da UEM.

Outro caso são as diversas plantas com colheita em sua parte aérea como a alface e o repolho, por exemplo, onde as raízes permanecem no campo multiplicando os nematoides por algumas semanas.

“Temos ainda o problema da planta daninha que compete com a planta principal por espaço e luz, sendo também uma hospedeira de nematoides. Quem trabalha no setor de grãos encontra dificuldades em controlar o capim amargoso, uma planta daninha resistente ao glifosato, e que multiplica nematoides, perpetuando populações onde a praga ocorre”, conta Cláudia.



Nematoide ataca as raízes das plantas

O nematoide das galhas, o mais conhecido da agricultura, causa morosidade da raiz, que é o que a gente chama de galha. Começa com uma bolinha pequena e, quando não cuidado, torna o sistema radicular ineficiente em absorver água e nutrientes, atacando essa absorção”, explica Cláudia.

Em culturas como cenoura, mandioquinha-salsa e batata,

é facilmente confundido com fungos e sua diagnose não é fácil. Outro problema que dificulta é a presença de vários nematoides. “Raramente haverá uma área, seja de soja, banana ou de arroz, com uma única espécie de nematoide, geralmente há populações mistas de nematoides, vários nematoides habitando uma única área. Com isso, além da lesão pode haver um

Controle

Uma estratégia utilizada para o controle da praga e que é o carro-chefe no manejo de nematoides é a rotação de cultura. As três alternativas principais são utilizar plantas não hospedeiras, plantas más hospedeiras e plantas antagonistas. Uma planta não hospedeira faz com que o nematoide não goste dela. As

plantas más hospedeiras são aquelas onde o nematoide se multiplica muito pouco, não aumentando o nível populacional. Já as plantas antagonistas possuem uma substância nematicida que funciona como uma armadilha para o nematoide.

De acordo com Cláudia, a crotalária é a planta antagonista mais estudada contra os nematoides e age de diferentes formas: pode ser má hospedeira, produzir substâncias que funcionem como nematicida, alguns nematoides penetram nela mas não conseguem se reproduzir. “Há várias formas de ação que tornam essa planta a mais interessante para o manejo de nematoides”, explica.

Outra opção, principalmente para quem trabalha com grãos, são as braquiárias. Muitas vezes os produtores de grãos estão familiarizados com a pecuária e com a integração lavoura pecuária - uma atividade muito interessante para recuperar a saúde do solo. A braquiária é resistente a praticamente todos os nematoides, mas deve-se tomar cuidado nas áreas onde há o nematoide *Pratylenchus*.

Além disso, é importante lembrar que o país é rico em várias culturas que podem ser utilizadas nas entressafras entre um ano e outro para reduzir os nematoides. Como exemplo, temos o milho, o trigo mourisco - usado em algumas regiões do estado de Minas Gerais; a aveia que é uma boa opção para a região Sul, no inverno, para cobertura de solo; o nabo e o *stylosanthes* que vem sendo bastante. “São culturas que podem ser alternativas para a produção ao analisar a lucratividade, baixar a população de nematoides e recuperar a saúde do solo, que é o nosso bem maior na agricultura”, lembra Cláudia.

Outro ponto importante quando se fala em manejo de nematoide é a matéria orgânica, que melhora a biologia do solo. O solo é extremamente rico em organismos que são inimigos dos nematoides. Ao melhorar a biologia do solo, consegue-se reduzir a população de nematoides de forma indireta e a matéria orgânica pode agir de duas formas. Alguns materiais orgânicos, no processo de decomposição, liberam substâncias nematicidas, ácidos e compostos nitrogenados com efeito nematicida direto, melhorando a vida e a biologia do solo. “Temos várias fontes de matéria orgânica que pesquisamos como, por exemplo, a manipueira (água da mandioca, que controla o nematoide), cama de galinha, torta de filtro de usina, vinhaça, lodo de esgoto. Uma série de produtos que são resíduos de nossa agricultura, fáceis de adquirir e que podem controlar o nematoide”, cita.

Ela explica ainda que a matéria orgânica não precisa ser necessariamente trazida de outro lugar, o agricultor pode produzir a matéria orgânica em sua propriedade fazendo adubações verdes, principalmente na segunda safra, nas rotações e reformas de canaviais, por exemplo.

Ações como a calagem e a adubação também afetam os nematoides. Isso porque planta bem nutrida e solo com rotatividade fazem com que a planta suporte melhor o ataque da praga.

Sobre o controle biológico, Cláudia diz ser um mundo fabuloso e fantástico de micro-organismos que podem controlar os nematoides “Foi o setor que mais cresceu nos últimos anos e temos materiais muito bons para isso. Hoje o mercado tem vários materiais de controle biológico, principalmente para cultura da soja, algodão,

milho e cana-de-açúcar”, pontua.

Os inimigos usados no controle biológico podem ter múltiplas formas de ação. Alguns possuem ação mais restrita ou específica, outros têm modo de ação mais ampla com duas ou três formas diferentes.

O *Bacillus*, por exemplo, não é considerado como uma bactéria para controle direto do nematoide, mas ele age de forma indireta ao ser um indutor de resistência e ativar o mecanismo de defesa da planta.

O *Trichoderma* é um fungo com múltiplas formas de ação também, além de indutor de resistência e um potente enraizador.

Vale destacar, porém, que o efeito do controle biológico é protetor de raízes, nenhum método eliminará os nematoides.

Por sua vez, o controle químico apresenta alguns nematicidas conhecidos no mercado. Cláudia esclarece que geralmente são produtos classificados como organofosforados ou carbamados. Os produtos mais antigos agem no sistema nervoso central do nematoide, bloqueando-o e deixando-os desorientados, mas não os matam. “Sendo assim, quando o nematoide é afetado pelo produto, ele fica meio parado. Quando passa o residual do produto, em geral o nematoide volta à atividade normal. Enquanto o produto está agindo, há um escape bem bacana, a planta perfilha mais e enraiza bem, mas se fizer a análise populacional do nematoide antes de tratar e após seis meses, a população tratada e não tratada estará igual”, ressalta Cláudia.

Diante desse cenário, a necessidade de um produto com ação nematicida é importante e esses produtos são interessantes porque permitem a redução

de penetração e a atividade nos primeiros sessenta dias. O problema está no período residual do produto, que é curto, mas mesmo assim é possível ter uma proteção para que a raiz possa sair mais sadia.

Um dos grandes desafios é como integrar os métodos de controle, como fazer com que eles trabalhem juntos. Segundo Cláudia, cada caso tem que ser estudado particularmente para que o manejo seja integrado, pois é muito difícil apenas uma prática dar bons resultados.

“Para manejar os nematoides temos que saber qual o tipo está na área, pois é impossível controlá-los sem uma análise precisa. Além disso, é preciso conhecer a atividade do produtor e respeitar o que ele faz, saber as características da região e da cultura, conhecer os métodos culturais e as implicações em cada caso para fazer o manejo integrado e realizar o monitoramento periódico”, finaliza Cláudia.

Ideia do problema como um todo, Visão geral dos nematoides.

Inovação

A disseminação de nematoides pode ocorrer por área de irrigação, ventos fortes, mudas, implementos agrícolas e movimentos de animais e pessoas na área.

Para resolver esse problema, a Adama realizou vários testes, ensaios de campo e áreas demonstrativas até chegar na formulação ideal para, segundo a empresa, superar as expectativas dos agricultores.

O resultado disso é o Nimitz, o primeiro nematicida real, pois acaba de vez com os nematoides, sejam ovos, juvenis ou adultos.

A formulação inaugura um novo grupo químico que possui

perfil toxicológico e ambiental mais brando do que os demais nematicidas, aumentando a produtividade, longevidade da cultura e garantindo a qualidade dos alimentos para mais rentabilidade na cadeia produtiva.

Antes do Nimitz haviam nematicidas menos evoluídos no mercado. Vale lembrar que o uso de nematicida é mais uma alternativa também no tratamento de sementes, mas independente desse tratamento, as outras práticas culturais continuam sendo recomendadas, pois ao baixar a população de 10 mil nematoides na entressafra para 5 mil e bloquear essa população com o tratamento químico, é aí que estará a produtividade.

Para a Adama, a cultura da cana-de-açúcar é o segundo market share da empresa. “Temos inseticidas, herbicidas, fungicidas e bioestimulante para a cana-de-açúcar, que é um mercado extremamente interessante porque um dos grandes problemas da cana moderna é ter a população adequada e plantas fortes que resistam a todo o estresse causado pela colheita mecânica que afeta a cultura”, disse, durante o evento, o CEO Rodrigo Gutierrez.

O executivo adianta que uma tecnologia está sendo desenvolvida na linha de nutrição, mas não se trata de fertilizantes especificamente, mas sim algo para ajudar a gerenciar a nutrição da planta no momento do plantio. “Algo diferente que faz com que o consumo de fertilizante na lavoura seja mais racional e não lixiviado pela chuva, evitando a contaminação do lençol freático”, explica ao mencionar que o defensivo representa 3% do custo de produção da cana enquanto o fertilizante representa 10%. “Entendemos que precisamos



Segundo Gutierrez, o defensivo representa 3% do custo de produção da cana, enquanto o fertilizante representa 10%

trazer tecnologias que auxiliem na nutrição da cana”, enfatiza.

A empresa também trará uma linha de ferramentas digitais para ajudar as usinas a gerenciar equipamentos e trabalhar com a otimização, pois 60% do custo da cana-de-açúcar estão no corte, carregamento e transporte.

“Acreditamos muito na cultura da cana, pois é uma planta maravilhosa. Não existe nada que consiga transformar sol em carboidrato e em açúcar com tanta eficiência. Do ponto de vista biológico, é uma planta mágica”, conclui Gutierrez. 



RECI-CLE!

essa ideia não pode sair da sua cabeça



BIOCOOP

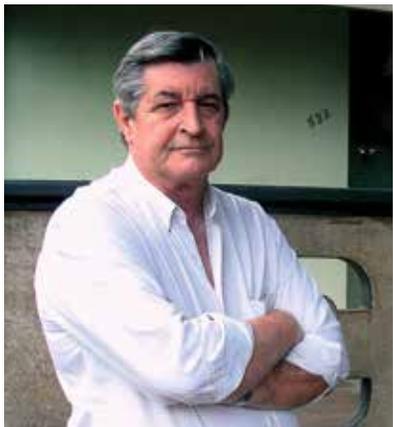
a **Natureza** agradece



Rua Expedicionário Lellis, 702
(16) 3946.3300 / ramal 2140
Sertãozinho/SP



*Oswaldo Alonso



CHUVAS DE DEZEMBRO DE 2017

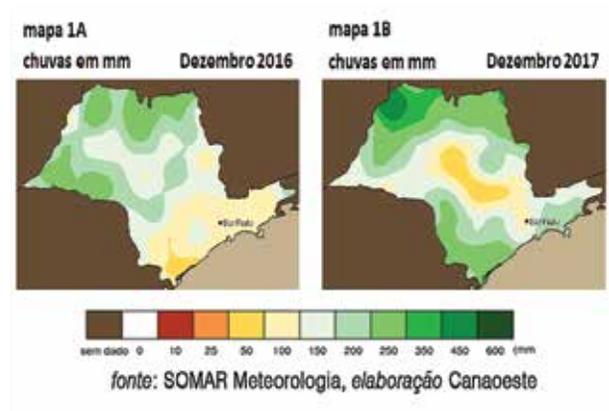
& previsões para janeiro a março

Quadro 1: Chuvas observadas durante o mês de dezembro de 2017

Locais	mm chuvas mês	mm normais climáticas
Açúcar Guarani-Unidades Cruz Alta e Severínia	269	226
AgroClimatologia UNESP-Jaboticabal-Automática	131	245
Algodoeira Donegá - Dumont	191	262
Andrade Açúcar e Álcool	251	235
Barretos - INMET/Automática e Ciiagro	290	247
BIOSEV-MB-Morro Agudo	147	227
BIOSEV-Santa Elisa	146	224
Cia Energética Moreno	174	243
CFM - Faz. Três Barras - Pitangueiras	269	243
COPERCANA - UNAME - Automática	133	247
DESCALVADO - IAC-Ciiagro	248	184
E E Citricultura - Bebedouro - Automática	262	236
FAFRAM - Ituverava - INMET-Automática	258	265
Faz Santa Rita - Terra Roxa	285	267
Faz Monte Verde - Cajobi/Severínia CTH	198	230
IAC-Centro Cana - Ribeirão Preto - Automática	193	255
IAC-Ciiagro - São Simão - Automática	166	223
Usina da Pedra-Automática	135	258
Usina Batatais	281	285
Usina São Francisco	135	230
Médias das chuvas	208	242

A média das chuvas de dezembro de 2017 (208 mm) foi 14% abaixo das normais climáticas do mês (242 mm) e quase igual as de dezembro de 2016 (206 mm). As chuvas menos volumosas ocorreram na Unesp Jaboticabal, Biosev MB, C.E.Moreno, Sta Elisa, Copercana-Uname, Usinas da Pedra e São Francisco.

Na área sucroenergética do Estado de São Paulo, os registros de chuvas durante dezembro de 2017- mapa 1B - podem ser consideradas como semelhantes as de dezembro de 2016 - mapa 1A -, salvo as de maiores volumes no extremo Noroeste e as de menores chuvas em 2017 numa “língua” central do Estado.



Continuam as anotações diárias de chuvas dos Escritórios Regionais e que estão sendo condensadas em Pitangueiras. Diariamente são disponibilizadas no site da Canaoste e, as suas médias mensais e respectivas normais climáticas, são aqui também mostradas no Quadro 2.

Quadro 2: Chuvas mensais de janeiro a dezembro de 2014 à 2017, anotadas pelos escritórios regionais e as respectivas médias mensais e históricas

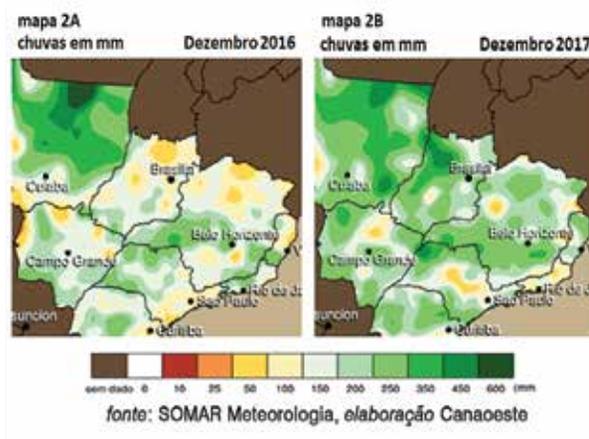
Localidades, meses e anos	outubro				novembro				dezembro				Acumulados de janeiro a dezembro de 2014 a 2017				
	2014	2015	2016	2017	2014	2015	2016	2017	2014	2015	2016	2017	2014	2015	2016	2017	
	Barretos																
INMET	1	24	75	56	89	138	196	137	289	175	229	249	290	894	1.255	1.339	1.195
Bebedouro																	
Escritório Canaoste		22	109	168	131	173	238	162	291	152	286	185	339	998	1.523	1.751	1.572
Est. Exp. Citricultura	2	47	43	110	96	163	197	131	271	123	133	152	262	830	1.137	1.355	1.233
Cravinhos																	
Esc. Antonio Anibal		41	101	220	127	227	357	189	216	225	211	298	221	1.007	1.375	1.831	1.216
Ituverava																	
FAFRAM / INMET	3	76	100	114	142	180	298	197	277	270	325	193	258	1.172	1.623	1.366	1.251
Morro Agudo																	
Faz. S Luiz e Biosev-MB	4	37	124	193	160	134	269	109	256	210	111	229	238	837	1.164	1.466	1.266
Pitangueiras																	
Copercana		48	72	165	82	135	228	96	215	280	146	171	259	939	1.254	1.322	1.254
CFM Fazenda 3 Barras	5	31	87	133	89	193	245	77	167	158	127	182	269	856	1.139	1.324	1.072
Pontal																	
Bazan, B. Vista e Carolo		54	53	94	89	173	253	125	226	158	189	262	231	928	1.155	1.318	1.188
Serrana																	
Fazenda da Pedra	6	42	94	234	72	222	194	196	166	288	360	170	135	1.062	1.234	1.668	1.047
Sertãozinho																	
I.Zootecnia-Cilagro	7	42	14	125	99	201	134	328	143	281	336	222	248	1.121	1.191	1.724	1.444
Destilaria Santa Inês		55	76	87	46	209	164	121	141	248	168	187	169	1.231	1.186	1.447	1.084
Uname	8	66	97	168	54	154	228	142	178	149	231	218	133	1.033	1.255	1.680	1.133
Severínia																	
Bulle Arruda e Ivan Aldar	9	40	59	90	84	147	192	129	303	259	186	279	225	1.071	1.075	1.659	1.252
Terra Roxa																	
Fazenda Sta Rita	10	15	135	112	102	157	224	248	235	233	335	354	285	1.055	1.620	1.791	1.477
Viradouro																	
Escritório Canaoste		24	46	91	118	148	226	116	180	192	183	212	246	993	1.218	1.320	1.216
Usina Viralcool		63	51	191	75	181	288	113	153	124	249	179	275	951	1.341	1.444	1.133
Centro de Cana IAC	11	37	76	99	83	111	210	251	155	240	221	176	193	1.012	1.276	1.482	1.033
Médias mensais		43	78	136	91	171	246	159	213	234	217	218	248	1.030	1.289	1.519	1.231
Normais climáticas		116	109	113	113	178	179	180	179	247	248	252	248	1.448	1.451	1.451	1.449

OBS: Médias mensais, nas últimas 4 colunas da penúltima linha em vermelho, correspondem às chuvas e suas somas anotadas durante os meses janeiro a dezembro de 2014 a 2017; enquanto que, as Normais Climáticas referem-se às médias históricas próximas ou mais de 20 anos dos locais assinalados em 1 a 11.

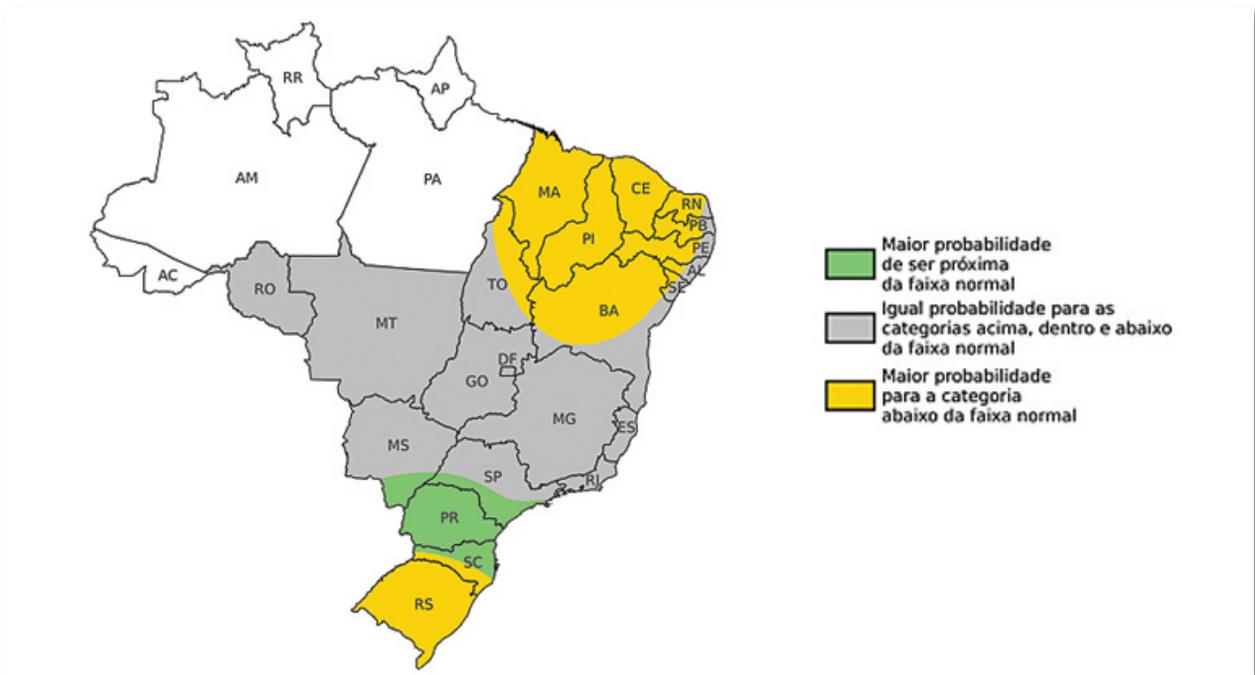
No Quadro 2, pode-se notar no destaque do canto inferior direito, que as diferenças observadas entre médias mensais de janeiro a dezembro de 2017 (1.231 mm) foram superiores apenas as de 2014 (1.030 mm). No mesmo período, destaca-se o maior volume de chuvas durante 2016 (1.519 mm). Nota-se, ainda, que estas chuvas de 2016 foram muito próximas as do mesmo período de 2013 (1.544 mm).

Ainda no Quadro 2, observando-se os fechamentos dos quatro anos, as Normais Climáticas entre 2014 à 2017 (negritadas e nas últimas quatro colunas da última linha) podem ser consideradas absolutamente iguais.

Na região Centro-Sul do Brasil, durante dezembro de 2017 (mapa 2B), as chuvas foram mais volumosas que as de dezembro de 2016 (mapa 2A) nos estados de Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e do Paraná, além do Triângulo Mineiro.



Mapa 3:- Elaboração Canaoeste sobre Prognóstico de Consenso entre INMET-INPE para (final) janeiro a março de 2018



Para planejamentos próximo-futuros, o prognóstico de consenso entre o INMET (Instituto Nacional de Meteorologia) e o INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) para os meses de (final) de janeiro a março de 2018, são os descritos a seguir e ilustrados no Mapa 3 acima:

- ▶ Neste período, as temperaturas tendem a ser próximas das respectivas normais climáticas para toda região Centro-Sul;
- ▶ Quanto às chuvas, em relação às médias históricas, poderão ocorrer dentro das três faixas para as regiões Centro-Oeste e Sudeste, exceto para o Estado do Paraná e as faixas Sul de Mato Grosso do Sul e São Paulo, onde se preveem chuvas ao redor das médias históricas;
- ▶ Referenciando-se com o Centro de Cana-IAC, as médias históricas de chuvas em Ribeirão Preto e municípios vizinhos, são de 275 mm em janeiro, 215 mm em fevereiro e 165 mm em março.

Análise do fenômeno La Niña

Simulações climáticas atualizadas em 11 de janeiro pela NOAA (Agência Americana de Meteorologia e Oceanografia), IRI (Universidade de Columbia) e interpretadas pela Somar Meteorologia apontam para moderado efeito de La Niña, que prosseguirá até o término do verão e início do outono (fim de março e abril). Deste modo, as projeções destes institutos sobre os efeitos no Brasil continuam para um verão de La Niña. Nas regiões Centro-Oeste e Sudeste, as chuvas ficarão próximas das respectivas médias climáticas, com tendência para acima

das normais no Centro-Oeste. Para o estado do Paraná, prevê-se verão com chuvas também dentro das médias, mas com possibilidade de distribuição irregular ao longo destes meses. No Nordeste, normalmente La Niña traz mais chuvas, entretanto, preveem-se precipitações inferiores às médias, uma vez que esta região do Brasil é, também, muito dependente da temperatura do Oceano Atlântico, que não estará favorável a chuvas frequentes e intensas, ou seja, típicas dos finais de safras desta região.

Para o Estado de São Paulo, a Somar Meteorologia assinala para:

Janeiro (segunda quinzena): poderá ser mais chuvosa que a primeira;

Fevereiro: possivelmente mais chuvosa na primeira quinzena,

Março: idem Fevereiro.

Com esta tendência climática, a Canaoeste recomenda aos associados que redobrem as atenções ao controle de ervas daninhas (que crescem e comem fertilizantes mais rápido que a cana) e com as cigarrinhas das raízes.

Estes prognósticos serão revisados nas edições seguintes da Revista Canavieiros. Fatos climáticos relevantes serão noticiados em www.canaoeste.com.br e www.revistacanaoeste.com.br.

Persistindo dúvidas, consultem os Técnicos mais próximos ou através do Fale Conosco Canaoeste. 

Engº Agrº Oswaldo Alonso
Consultor Canaoeste

Cuidado, a isoporização pode ameaçar a solidez do seu investimento.



Ethrel[®]

A isoporização é um problema sério que independe do florescimento para colocar em risco a produtividade do canavial. Por isso, é preciso estar atento em todos os momentos. Ethrel é o regulador de crescimento com tecnologia Bayer que controla a isoporização e proporciona a qualidade da cana.

Ethrel. Produtividade de peso e mais qualidade para a sua cana.



Se é Bayer, é bom

ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por crianças de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.





IAC FAZ O MAIOR

levantamento de intenção de plantio já realizado no Brasil

*Rubens L. do C. Braga Júnior

**Marcos G. A. Landell



O Instituto Agrônomo de Campinas realiza, há mais de 20 anos, o levantamento de intenção de plantio das variedades de cana-de-açúcar no Brasil. Na safra 2017/18, esse trabalho atingiu 148 produtores, totalizando a área de 712 mil hectares, o maior número já registrado para esse tipo de levantamento no país.

Esse trabalho é muito importante, pois possibilita aos produtores direcionar, de forma estratégica, a ampliação ou redução do plantio de suas variedades. O estudo se realiza de forma regionalizada, localizando as regiões onde determinadas variedades estão se expandindo de forma mais rápida.

Para uma melhor análise dos resultados, a região Centro-Sul do Brasil foi dividida em dez regiões produtoras:

1. Goiás e Tocantins
2. Minas Gerais e Espírito Santo
3. Mato Grosso do Sul e Mato Grosso
4. Paraná
5. Araçatuba
6. Assis
7. Jaú
8. Piracicaba
9. Ribeirão Preto
10. São José do Rio Preto

Os resultados obtidos mostraram que a diversificação no uso de variedades deve crescer nos próximos anos. A variedade RB867515 foi a mais indicada nas regiões de Goiás e Tocantins, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso e Paraná. Já a variedade RB966928 apareceu em primeiro lugar em Araçatuba, Assis, Jaú e Piracicaba, enquanto que a variedade CTC4 foi a mais

indicada em Minas Gerais e Espírito Santo, Ribeirão Preto e São José do Rio Preto.

A variedade RB867515 permanecerá como a mais plantada na região Centro-Sul na safra 2017/18 (Figura 1) com aproximadamente 18% da área de renovação. Num segundo patamar, com valores próximos a 13%, estarão as variedades RB966928 e CTC4. Num nível mais abaixo (por volta de 5% da área de plantio) podem ser encontradas as variedades RB92579, CTC9001 e RB855156. Entre as variedades IAC destacaram-se no levantamento as: IAC91-1099 e IACSP95-5094, 9ª e 12ª colocadas, respectivamente.

As alterações foram pequenas quando a informação foi separada por época de plantio (cana de inverno, cana de primavera e cana de verão). Nos três casos a RB867515 foi a mais citada, sendo que atingiu a maior proporção (39,4%) na cana de primavera. A variedade RB966928 apareceu como segunda colocada na cana de inverno (22,5%) e na cana de verão (16,1%), sendo ainda a segunda colocada no geral.

Na cana de primavera, a variedade CTC4 foi a segunda colocada com 19,8% de plantio, atingindo a terceira colocação para o plantio geral da região

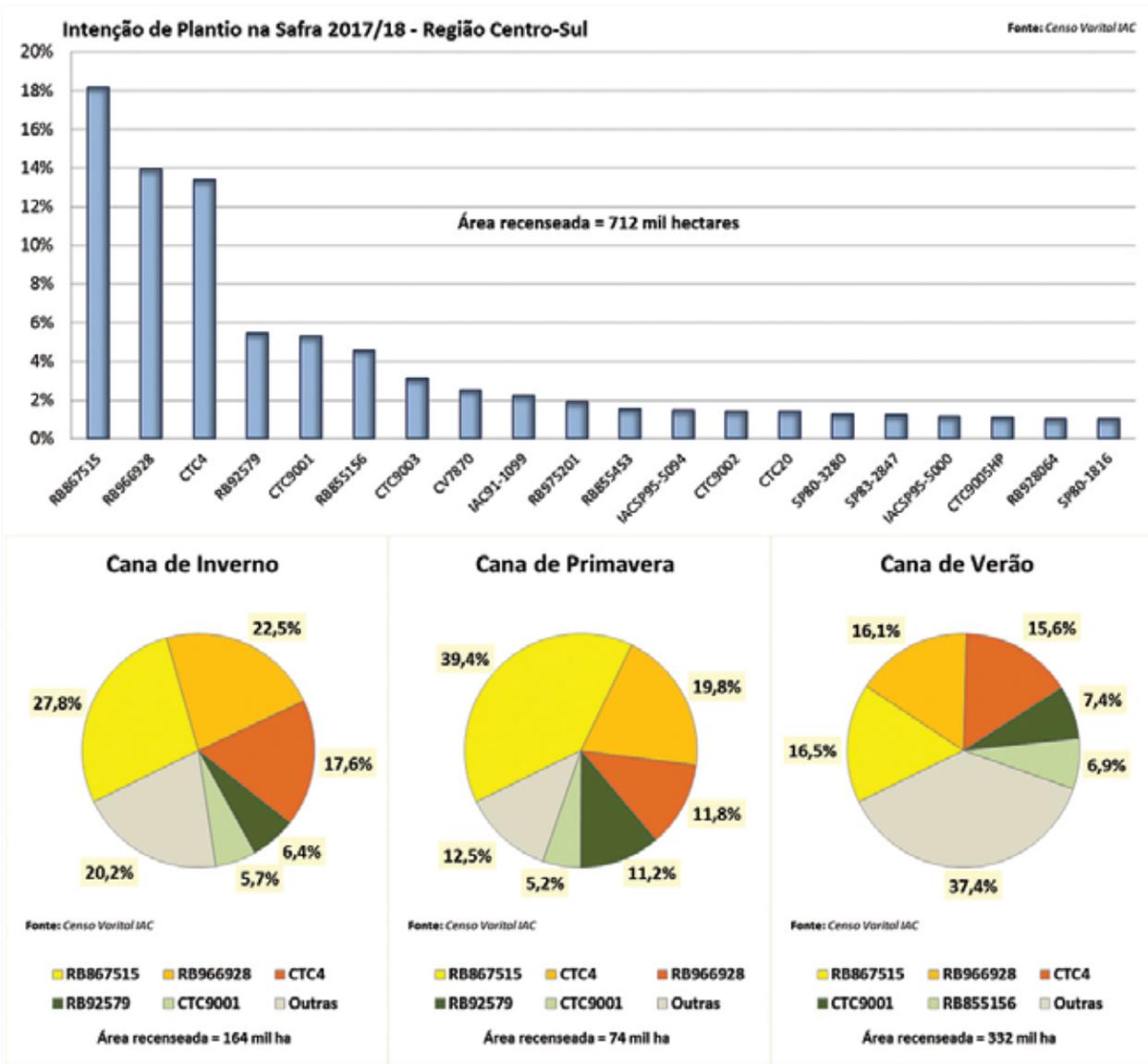


Figura 1 – Intenção de plantio na safra 2017/18 – Geral e por época de plantio

Centro-Sul. Além dessas variedades foram muito citadas as variedades RB92579 (nas canas de inverno e primavera), CTC9001 (nas três épocas de plantio) e RB855156 (na cana de verão).

A análise das 20 principais variedades citadas na intenção de plantio para a safra 2017/18 mostra que finalmente os produtores da região Centro-Sul

estão utilizando variedades mais modernas. Entre as 20 primeiras, seis (30%) foram cruzadas na década de 1980, nove (45%) na década de 1990 e cinco (25%) na década de 2000.

Se compararmos com as 20 primeiras variedades utilizadas no censo da área total cultivada na safra 2017/18 teremos 11 (55%) cruzadas na década de 1980 e nove (45%) na década de 1990,

o que mostra o maior uso de novas variedades para os futuros plantios, indicando a tendência de incorporação mais “aguda” de novas tecnologias varietais.

* Rubens L. do C. Braga Júnior é consultor em Planejamento Estratégico do IAC

** Marcos G. A. Landell é pesquisador e líder do Programa Cana do IAC.



VAMOS

conhecer?

E agora, como regular a semeadora?

*Profa. Dra. Carla S. Strini Paixão



Na semeadura mecanizada de grãos, vários fatores podem interferir no estande final da cultura e, conseqüentemente, na produtividade e nos lucros. Para garantir a semeadura na janela correta, alguns fatores são levados em consideração, entre eles, a evolução na genética das sementes, o aumento na utilização de cultivares mais precoces e a modernização das semeadoras.

Atualmente encontram-se disponíveis no mercado diversos sistemas dosadores de sementes, marcas e modelos. Quando regulados adequadamente e com a manutenção realizada periodicamente, a distribuição das sementes no solo e o funcionamento do equipamento são mais eficazes.

A regulagem apropriada da semeadora é de extrema importância para obter o sucesso na implantação da cultura. Fatores como uniformidade de distribuição aliado a profundidade de semeadura são essenciais, desde que a dosagem do adubo por hectare e a quantidade de semente por metro obedeça às recomendações e ainda que o espaçamento entre linhas seja uniforme. Para entender melhor, vamos aprender passo a passo essa regulagem.



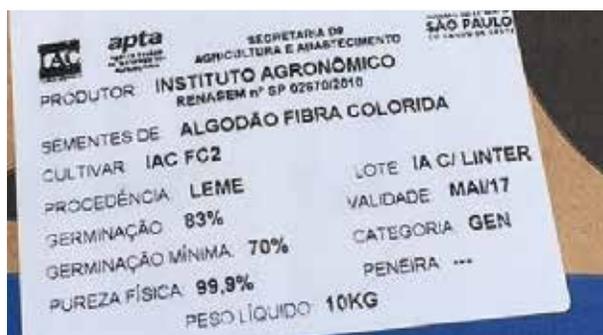
Então vamos ao exemplo: Um produtor deseja comprar uma semente de milho no qual a população desejada é de 50.000 plantas por hectare. Ele irá utilizar sua semeadora-adubadora no espaçamento de 0,9 metros entre as linhas de semeadura e uma dosagem de adubo de 450 kg por hectare. Como ele deve proceder para começar a regulagem?

Para a regulagem da quantidade de sementes e de adubos em uma semeadora de precisão devemos seguir os seguintes passos:

Passo 1: Determinar a quantidade de sementes e adubo por hectare

G = poder germinativo; P = pureza

Primeiramente devemos encontrar nos sacos de sementes a germinação e pureza para encontrar a população real a ser semeada, já que esses dois fatores irão influenciar na quantidade de sementes depositada, como observado no exemplo abaixo:



População de sementes: 50.000
 Germinação: 80%
 Pureza 90%
 Sendo assim:

$$50.000 \text{ plantas/ha} \div (0,8 \times 0,9) = 69.444 \text{ sem/ha}$$

No caso do adubo, a dosagem indicada foi de 450 kg/ha, devemos transformar a unidade Kg para gramas (g), assim:

$$\begin{array}{rcl} 1 \text{ Kg} & \text{-----} & 1000 \text{ g} \\ 450 \text{ Kg} & \text{-----} & x \end{array}$$

$$x = 450.000 \text{ g/ha}$$

Passo 2: Calcular o comprimento de sulco por hectare

• 1 hectare (ha) equivale a 10.000 m², assim devemos dividir este valor pelo espaçamento a ser utilizado para encontrar quantos metros de sulco será semeado.

$$10.000 \text{ m}^2 \div 0,90 \text{ metros de espaçamento} = 11.111 \text{ metros de sulco/ha}$$

Passo 3: Determinar a quantidade de sementes e adubo por metro.

• Neste passo devemos dividir o valor do passo 1 pelo passo 2

$$\bullet \text{ Semente: } 69.444 \text{ sem/ha} \div 11.111 \text{ metros de sulco/ha} = 6,25 \text{ sem/m}$$

$$\bullet \text{ Adubo: } 450.000 \text{ g/ha} \div 11.111 \text{ metros de sulco/ha} = 40,50 \text{ g/m}$$

Passo 4: Encontrar a medida da roda de tração semeadora com uma fita métrica ou trena (comprimento de um volta da roda motriz da semeadora).



- 1 volta = 1,57 m

Passo 5: Lembrar de considerar a patinagem do rodado, aumentando a distância real percorrida.

Supondo patinagem de 5% (e observando que o acréscimo do valor de patinagem é considerado para as semeadoras com acionamento do mecanismo dosador de sementes e adubos nas rodas motrizes do equipamento),

• Devemos utilizar $1,00 + 0,05$ ($5\% - 5 \div 100$)

$$1,57 \text{ m} \times 1,05 = 1,65 \text{ m}$$

Passo 6: Calcular a quantidade de semente e adubo que irá cair em 1 m, dividindo o total de semente pela distância real percorrida.

• **Semente:**

$$\begin{array}{rcl} 1 \text{ metro} & \text{-----} & 6,25 \text{ sementes/metro} \\ 1,65 \text{ metros (1 volta)} & \text{-----} & x \end{array}$$

$$x = 10,3 \text{ sementes/metro}$$

$$11 \text{ sementes/metro}$$

• **Adubo:**

$$\begin{array}{rcl} 1 \text{ metro} & \text{-----} & 40,50 \text{ gramas/metro} \\ 1,65 \text{ metros (1 volta)} & \text{-----} & x \end{array}$$

$$x = 66,8 \text{ gramas/metro}$$

Passo 7: Relação das engrenagens a ser utilizada



MOTORA = RELAÇÃO MOVIDA

Relação de engrenagens do exemplo:

12 18 20 22 26 28 30 34 38

Faça um teste com uma das relações como exemplo $34/30 = 1,13$ e conte a quantidade de sementes com essa combinação.

- Supondo que caíram 7 sementes

$$\begin{array}{rcl} 1,13 & \text{-----} & 7 \text{ sementes /ha} \\ \text{Nova relação} & \text{-----} & 10,3 \text{ sementes /ha} \\ & & x = 1,77 \end{array}$$

Faça a mesma coisa para o adubo, utilizando a relação 1,11 das engrenagens, colete com um saco plástico a quantidade, em gramas, de cada mangueira.



- Supondo que caíram 40,5 g de adubos por metro em cada mangueira

$$\begin{array}{rcl} 1,11 & \text{-----} & 39,5 \text{ g de adubo /ha} \\ \text{Nova relação} & \text{-----} & 66,8 \text{ g de adubo /ha} \\ & & x = 1,87 \end{array}$$

**Fazendo as contas de cada relação, encontramos que as engrenagens 34/20 e 38/20 terão uma relação de 1,7 e 1,87 para a regulagem adequada das sementes e adubos, respectivamente. Assim, colocar essas engrenagens e contabilizar as sementes e adubos para conferir.

Exemplo de cálculo com gasto de adubo:

Um produtor possui uma semeadora de 9 linhas, no espaçamento 0,90 m e utilizará 450 kg/ha de adubo no momento da semeadura de milho, entretanto ele possui uma área de 250 ha para semear, pergunta-se: Qual a quantidade de adubo que o produtor deve adquirir?

Sabendo-se que pela regulagem correta deve-se haver 66,8 g/volta da roda motriz de adubo, fica fácil fazer esse cálculo, observe:

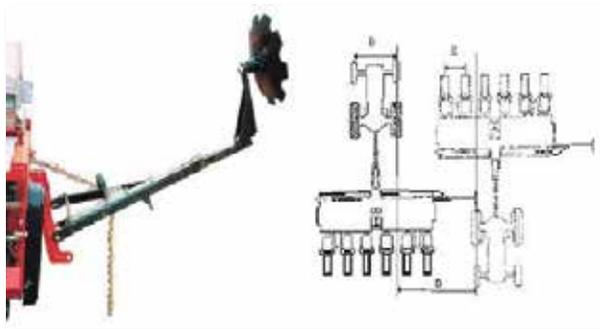
$$\begin{array}{rcl} 1 \text{ volta da roda} & \text{-----} & 66,8 \text{ g de adubo} \\ 9 \text{ linhas} & \text{-----} & x \\ & & x = 601,2 \text{ g de adubo} \end{array}$$

$$= (250.000 \text{ metros}^2 / 0,9 \text{ m}) \times 601,2 \text{ g de adubo} = 16,7 \text{ toneladas de adubo}$$

Supondo que o adubo a ser utilizado é a formulação 4-14-8 e seu valor de compra hipotético é de R\$ 200. Qual o valor gasto com adubo?

$$\begin{array}{rcl} 1 \text{ saco de 50 kg} & \text{-----} & \text{R\$ 200 reais} \\ 16.700 \text{ kg} & \text{-----} & x \\ & & x = \text{R\$ 66.800,00 (gasto com adubo)} \end{array}$$

Para a regulagem do marcador de linha, devemos utilizar a equação abaixo:



$$D = \frac{E(n+1) - B}{2}$$

Sendo:

- E= espaçamento;
- n= numero de linhas;
- B= bitola trator.

Exemplo:

- Espaçamento = 0,9 m;
- Máquina de 9 linhas;
- Bitola dianteira do trator = 1,45 m

$$D = \frac{0,90(9+1) - 1,45}{2} = 3,77 \text{ m}$$

A semeadora-adubadora é a principal máquina que interfere no potencial produtivo de uma cultura, sendo assim é preferível sacrificar algumas horas para regulagem e manutenção desta, do que correr possíveis riscos de danos e prejuízos futuros.

**Prof. dra. Carla S. Strini Paixão é engenheira agrônoma, doutora em Agronomia e professora do Centro Universitário Moura Lacerda, com linhas de pesquisas em Máquinas e Mecanização Agrícola*

Seminário de
MECANIZAÇÃO
e produção de cana

20 ANOS



Dias 21 e 22 de Março de 2018

Centro de Eventos Taiwan - Ribeirão Preto/SP

◆ **TEMÁRIO** ◆

- | | |
|---|---|
| <ul style="list-style-type: none">◆ Plantio mecanizado: um projeto de engenharia e qualidade.◆ A evolução do transporte canavieiro e seus custos.◆ Equipamentos agrícolas aprimorados com custos mais baixos.◆ Como obter e como usar o mapa de produtividade.◆ Aplicação prática da agricultura de precisão na mecanização da cultura canavieira.◆ Ganhos proporcionados pela escolha e uso correto de pneus.◆ Novos indicadores de uso de peças e itens de reposição.◆ Manutenção mecânica: resultados do SRS "Smart Repair System". | <ul style="list-style-type: none">◆ Como utilizar melhor as colhedoras para reduzir problemas de manutenção e melhorar a qualidade da matéria prima.◆ Novos equipamentos plantio, transbordo e pulverização.◆ Ferramentas de gestão de frota com uso de aplicativos e softwares de última geração.◆ CTT de alta performance na Usina Alta Mogiana.◆ Debates: arranquio de soqueiras e compactação de solos na colheita mecanizada.◆ Debates: espaçamentos reduzidos valem a pena?◆ Debates: modalidades de plantio de cana. |
|---|---|

◆ **Inscrições** ◆

www.ideaonline.com.br

◆ **Informações** ◆

16 3211 4770 | eventos@ideaonline.com.br

APOIO

CanaOnline



SIFAEG



(16) 99711-4770



/grupoidea.cana



@grupoidea.cana



@GrupoIDEA



/grupoideacana



Renata Carone Sborgia

CULTIVANDO A LÍNGUA PORTUGUESA

Esta coluna tem a intenção de maneira didática, esclarecer algumas dúvidas a respeito do português

**Formada em Direito e Letras. Mestra em Psicologia Social --USP, Especialista em Língua Portuguesa, Direito Público e Gestão Educacional. Membro fundadora da Academia de Belas Artes – BH, da Academia de Artes, Letras e Música de Salvador – BA, membro imortal na Academia Francesa de Letras: Divine Académie Française des Arts Lettres et Culture, Paris – França. Docente, escritora, revisora, colunista e consultora de Português. Livros publicados sobre a Língua Portuguesa, Literatura, Tabagismo e Enxaqueca.*

“...não se contente, amigo, com o pequeno. Amor pequeno. Alegria pequena. Vida pequena. Conter-se com o pequeno...é medir o sonho, o sentimento e a esperança. Contente és quem contenta-se com o que transborda a alma.”

Renata Carone Sborgia -
Direitos Autorais Reservados.

1) Maria disse para Pedro virar “**a direita**” e seguir em frente para encontrar o banheiro.

.... Pedro não encontrou o banheiro!!!

Por quê???

O correto é: **à direita**

Dica fácil: formas femininas que

indicam lugar, direção... recebem acento indicativo da crase (acento grave).

Ex.: à esquerda, à direita...

2) “**Em princípio**”, ele achou que não seria capaz.

... com a expressão incorreta: acertou!!!

O correto é: **a princípio**

Dica fácil:

“A princípio” equivale a “no início”.

Ex: A princípio, achei que não seria capaz.

“Em princípio” equivale a “em tese”.

Ex: Em princípio, todo homem é

igual perante a lei.

3) Cancelamos a reunião “**à medida que**” a negociação havia sido adiada.

....precisavam cancelar a reunião e cancelar o erro da expressão!!!

O correto é: **na medida em que**

Dica fácil:

“**Na medida em que**” equivale a

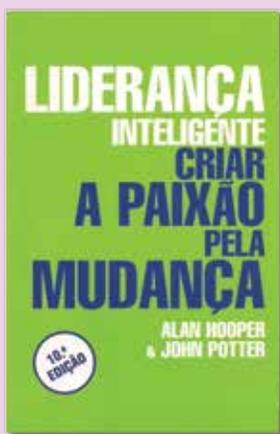
“porque”.

Ex: Cancelamos a reunião na medida em que a negociação havia sido adiada.

“**À medida que**”(**acento grave no À**) mostra relação de proporção.

Ex: A produtividade aumenta à medida que a equipe usa a ferramenta.

BIBLIOTECA “GENERAL ÁLVARO TAVARES CARMO”



“O tema da liderança está na ordem do dia e este livro aborda, de forma acessível, tendências dominantes do desempenho eficaz da gestão. Se para muitos a mudança é vista como uma ameaça, para outros representa um desafio e uma oportunidade de futuro. Saber liderar eficazmente em tempos de mudança, mais do que uma capacidade, resulta da experiência de vida e do desenvolvimento de competências adequadas para motivar e conquistar o empenho e compromisso de todos os colaboradores.”

(Trecho extraído da “orelha” do livro)

Referência:

HOOPER, Alan. **Liderança inteligente**: criar a paixão pela mudança. Alan Hooper, John Potter. 10ªed. Actual: Coimbra, 2016.

Os interessados em conhecer as sugestões de leitura da Revista Canavieiros podem procurar a Biblioteca da Canaeste.

biblioteca@canaoeste.com.br

www.facebook.com/BibliotecaCanaoeste

Fone: (16) 3524-2453

R: Frederico Ozanan, 842 - Sertãozinho/SP



Supermercado
COPERCANA

Uma grande família!

A cada 3 produtos selecionados, você ganha + 1 rasgadinha e a cada R\$ 50,00 em compras você também ganha 1 rasgadinha. Cadastre o código no site e pronto! Você já está concorrendo.

A SELEÇÃO DE
PRODUTOS QUE DÁ
**PRÊMIOS
TODO DIA**

+DE R\$ 1 MILHÃO
EM PRÊMIOS

**01
CASA***



**2.600
CAMISETAS**

**02
CARROS***



**128
CERVEJEIRAS***

**160
VALES-COMPRAS
R\$400,00***

**128
TVs 4K***



**ACESSE O SITE E VEJA A LOJA
PARTICIPANTE MAIS PRÓXIMA**
WWW.PROMOCAOMARCASCAMPEAS.COM.BR

*Imagens ilustrativas que correspondem à sugestão de uso dos prêmios beneficiado de curso e cartão presente em valor correspondente aos itens indicados. Participação válida para pessoas físicas, com CPF válida de 22/01/2018 a 15/04/2018 (período de compra) e de 26/01/2018 a 17/04/2018 (período de cadastro) em nosso site de Promoção. A promoção poderá ser encerrada antecipadamente, em qualquer dia da modalidade, em caso de esgotamento dos prêmios, instabilidade operacional ou das séries de número da sorte antes do término do respectivo período de participação. Consulte sempre condições, regras e regras participantes no regulamento no site. Certificação de Autorização SIAE nº 04/000190/2017 (atribuído) e 04/000192/2017 (você-brinde).



Classificados

VENDE-SE

- Trator New Holland TS6020, 110cv, ano 2010, 2300 horas trabalhada, com kit de lâmina/pá acoplado, Tatu PCA 1100, 2013, R\$ 82.000,00;
 - Tampador de cana, DMB, 2013, 2 duas com aplicador de inseticida, novíssimo! R\$ 11.000,00.
 Tratar com Janice Registro Câmara pelo telefone (16) 9 9628-5168

VENDE-SE

- Imóvel Rural com 37,6 hectares próximo a Usina Batatais (Sítio Santa Maria 2 – estrada velha Batatais a Franca-SP).
 Tratar com Anderson pelo telefone (16) 3946 3300 - ramal 2284.

VENDE-SE

- Apartamento na Zona Sul de Ribeirão Preto, empreendimento Les Alpes da Construtora Copema, área de 140m², sendo 3 suítes e duas vagas na garagem (paralelas), sombra no 10º andar; R\$ 700.000,00 – Tratar com Augusto (16) 9 8185-4889.

VENDE-SE

- Apartamento semimobiliado no Condomínio Praças do Golfe, em frente ao Shopping Iguatemi, em Ribeirão Preto, 4º andar, 104 m², 3 suítes, lavabo, cozinha, área de serviço, banheiro de empregada, 2 vagas na garagem e varanda com churrasqueira. Valor R\$ 570 mil. Tratar com Carla.

(16) 9 8114-7115 ou Maurício (16) 9 8121-1399.

VENDE-SE

- Aduadeira São Francisco DMB, 2007;
 - Sulcador DMB, 1996.
 Tratar com Carlos Lovato pelo telefone (16) 9 9708-0055

VENDE-SE

- Boca de colheitadeira 3640.
 Tratar com Lair Ribeiro pelos telefones (16) 3367 3322 ou (16) 9 9199-0890.

VENDE-SE

- Trator MF 65X, ano 74, R\$ 18.000,00;
 - Ford 6600, turbo, ano 82, R\$ 20.000,00;
 - Valmet, modelo 78, ano 91, R\$ 22.000,00.
 Tratar com Guilherme pelo telefone (16) 9 9961-1982.

VENDE-SE

- Silagem de milho ensacada (nutrição animal), sacos com 25 kg ou mais, sacos de 200 micras, armazenamento pode ser mantido por 8 meses, silagem com todas as espigas, com análise.
 Tratar com Luís Americano Dias pelo telefone (19) 9 9719-2093.

VENDE-SE

- Tríplex com sulcador, grade e

disco de corte - marca Feroldi, ano 2009;
 - Grade aradora de arrasto, 16x26, sem pistão, marca Tatu;
 - Chassis de arado, Iveco de 4 hastes, marca Ikeda;
 - Triturador de milho.
 Valor de R\$ 8.500,00 (todos os implementos).
 Tratar com Alceu pelo telefone (16) 9 9162-9175 (Claro) ou Robinho (16) 9 9162-9136 (Claro).

VENDE-SE

- Colheitadeira de milho, em perfeito estado de conservação.
 Pronta para o uso! Marca: Jumil, Tipo: Foguete com rosca para descarga (tipo granelero).
 Tratar com Mauro pelo telefone (16) 9 9961-4583.

VENDE-SE

- Apartamento Viva Bem Ribeirão da Trisul, em Ribeirão Preto, no bairro Lagoinha, com elevador, área comum com academia, salão de festa infantil e adulto, brinquedoteca, quiosque para churrasco, piscina adulta e infantil, Canindé e playground, 2 quartos, sala, cozinha com móveis planejados e banheiro com aquecedor a gás já instalado e Box. R\$ 159.500,00.
 Tratar com Lucas pelo telefone (16) 9 9269-0541.

VENDE-SE

- Máquina para Produção/Extração

de óleo de soja, algodão, amendoim ou mamona. Capacidade de 1.000 kg/hora com extração média de 87% farelo e 13% óleo na extração de soja, nova, utilizada apenas uma vez para teste e o projeto acabou parando por outros motivos. Boa condição para venda e pagamento.

Tratar com Carlos pelo telefone (16) 9 9632-3950.

VENDEM-SE

- Mitsubishi - L200 Triton, 4x4, automática, 2009, turbo diesel, 3.2, na cor prata, vidros e travas elétricas, ar-condicionado, direção hidráulica, completa. Aceita troca. 2º dono. Ótimo estado;

- Fazenda no município de Luís Eduardo Magalhães – BA, área total de 2127 hectares, área de plantio, casa sede e de colono, pivô de irrigação, tulha, barracão, maquinário. R\$ 39.000.000,00;

- Fazenda em Tapira – MG, 180 alqueirões, área agricultável (50%), APP e reserva (20%), pastagem (30%), nascente, córrego, outorga d'água, 2 pivots, topografia plana, semiplana e ondulada, casa sede, curral, barracão, cerca. Altitude: 1307 metros, R\$ 10.800.000,00;

- Loteamento no Distrito Industrial José Marincek II, em Jardinópolis – SP, lotes a partir de 1.000 m², direto com a incorporadora, em até 120 vezes, infraestrutura completa. Pronto para construir. Instale sua empresa já!;

- Loteamento residencial no Jardim Maria Regina, em Jardinópolis – SP, lotes a partir de 250 m², entrada parcelada e financiamento após seu término, direto com a loteadora, sem consulta ao SERASA e SCPC, terrenos a partir de R\$ 70.000,00. Pronto para construir!;

- Locação miniescavadeira, limpeza de terrenos, baldrame, piscina, brocas, alicerce. Jardinópolis, Ribeirão Preto e região.

Tratar com Paulo (16) 3663-4382;

(16) 99176-4819; (16) 98199-0201. Outra Imobiliária.

VENDEM-SE

- Trator Valtra A 750, 4x4, 1500h, 2014;

- Trator MF 265, 1988;

- Carreta com Guincho para Big Bag Agrobbras, 5 t;

- Cultivador de cana Dria, Ultra 507, 2 linhas;

- Cobridor e aplicador inseticida Dria;

- Adubadeira de hidráulico Lancer;

- Roçadeira Lateral, dupla, Kamak Ninja;

- Carreta de 4 rodas;

- Calcareadeira 2,5 t, Bundny;

- Grade aradora de 16 discos, Tatu;

- Lâmina de hidráulico Piccin;

- Pá de hidráulico;

- Pulverizador Jacto 600 litros com barras;

- Tanque com bomba para combustível;

- Tanque com bomba de 4000 litros;

- Motoserra Stihl.

Tratar com Flávio (17) 9 9101-5012.

VENDEM-SE

- Caminhão 1976 – 1113, truck prancha;

- Caminhão 1980 – 608, carroceria de madeira;

- Trator Valmet 88 - Série Prata;

- Trator Valmet 85;

- Pulverizador Jacto Columbia A17 - 2.000 litros com barras;

- Pulverizador Jacto Vortex A18 - 2.000 litros com barras;

- Plantadeira Marchesan Ultra 8 linhas, plantio direto;

- 02 Plantadeiras Marchesan PST2 9 linhas, plantio convencional;

- 02 Grades niveladoras Piccin 36 discos Mancal de atrito;

- Grade intermediária 20/28, controle remoto.

Tratar com Leorides pelos telefones (16) 3382-1755 – Horário comercial (16) 99767-0329.

VENDEM-SE

- Motoniveladora Huber-Warco 140, Dresser, 1980, motor Scania 112, toda revisada, motor, embreagem e bomba d'água nova, pneus seminovos, tander revisado, balança, Valor R\$ 45.000,00;

- Caminhão Mercedes Benz L 1113, 1978/1985, amarelo, carroceria basculante com fominha em metal (grade), com capacidade para transportar ate 500 caixas de laranja, todo revisado, documentação ok, Valor R\$ 35.000,00;

- Camionete GM-Chevrolet D20, LUXO, 1989/1990, branca, 5 lugares, cabine dupla, diesel, toda revisada, 4 pneus novos, direção antifurto, baixa quilometragem, documentação tudo ok, Valor R\$ 35.000,00;

- Carro importado Chrysler Stratus LE, 1996, com 183 mil km, todo original, único dono, branco, pneus novos, todo revisado, gasolina, Valor R\$ 14.000,00.

Tratar com Jorge Assad - whatsapp (17) 9 8114-0744 - cel (17) 9 8136-8078 - Barretos –SP.

VENDE-SE

- Área de 3,5 alqueires de mata nativa para reserva ambiental, em Cajuru-SP;

- Gleba 3 alqueires em Cajuru, terra vermelha e plana, a 14 km da cidade.

Tratar direto com proprietário pelo telefone (16) 9 9154-3864.

VENDEM-SE

- Mudas de abacate enxertadas.

Variiedades: Breda, Fortuna, Geadá, Quintal e Margarida.

Encomende já a sua! Mudas de origem da semente de abacate selvagem, selecionadas na enxertia para alta produção comercial. R\$15,00.

Tratar com Lidiane pelo telefone (16)9 8119-9788 ou lidiane_orioli@hotmail.com

VENDE-SE

- Carroceria plantio de cana-de-açúcar, truck,

valor - R\$ 12.000,00.

Tratar com Coelho pelo telefone (16) 3663-3850 ou (16) 9 8112-5585.

VENDE-SE

- Tanque de expansão para leite com capacidade de 2.500 litros, em perfeito estado. R\$ 10.400,00. Fazenda Aliada em Sales Oliveira.

Tratar com Fernando pelo telefone (16) 9 8149-2065.

VENDE-SE

- Saveiro CS Trend 1.6, ano 2012/13, prata, completa R\$ 28.000,00.

Tratar com Júnior pelo telefone (16) 9 9179-7585.

VENDEM-SE

- 11 vacas paridas, de primeira e segunda cria; grau de sangue 3/4 Holandês, inseminação de touro Europeu;

- 3 novilhas prenhas de inseminação e uma novilha para inseminar.

Tratar com José Gonçalo da Freiria pelo telefone: (16) 9 9996-7262.

VENDEM-SE

- Carreta reboque (Julieta) de 02 eixos, com tanque de Fibra para Vinhaça de 20.000 litros;

- Carreta reboque (Julieta) de 03 eixos, para cana inteira.

Tratar com Roberto no fone (16) 9 9172-8705.

VENDE-SE

- Uma novilha SENEPOL P.O, embriões vitrificadas de renomados plantéis.

Tratar: com Henrique Serrana-SP, pelos telefones (63)9 9916-4015 ou (63) 9 9206-7445.

VENDE-SE

- Chácara de 2.7 ha na cidade de Descalvado, a 1 km da cidade. Possui uma casa sede muito boa, barracão para festa com área de churrasqueira para 100 pessoas, quiosque, tanque de peixes, cocheiras para cavalos,

estábulo para gado, pocilgas, pomar de frutas já formado e piquete de cana-de-açúcar para trato do gado.

Tratar com João Souza pelo telefone (19) 9 9434-0750.

VENDE-SE

- Área de 12.902,00 m2, sendo aproximadamente 800m2 de construção, de frente para a Rodovia Armando de Salles Oliveira, em Sertãozinho-SP, com estacionamento asfaltado, escritório com recepção, 8 salas, 4 banheiros, cozinha, barracão e lavador com rampa para veículos. Ótimas condições de pagamento.

Tratar com Júnior pelo telefone (16) 9 9179 7585.

VENDEM-SE

- Fábrica de ração para grande confinamento de bovinos e/ou de vacas leiteiras, em regular estado de funcionamento, R\$ 22.500,00;

- Transformador trifásico de 15 kva, R\$ 2.200,00;

- Forrageira com motor elétrico em bom estado de conservação e funcionamento, R\$ 2.000,00.

Tratar com Ademar Ferreira de Paula pelo telefone (16) 9 9203-2115 ou a_fpaula@yahoo.com.br.

VENDEM-SE

- 22 hectares de reserva cerrado pronto para averbação, com cadastro ambiental rural, laudo do bioma cerrado, terminando o gel, localização Cajuru - SP, R\$ 16.000,00 por hectare;

- Sítio de 11,5 alqueires, localização Cajuru-SP/Cássia dos Coqueiros-SP, topografia plana, montado casa, curral, energia, rica em água, 3 represas, ordenha montada, pronto para pecuária, R\$ 1.100.000,00.

Tratar com Paulo ou Murilo pelo telefone (16) 9 9139-6207.

VENDEM-SE

- Moto Honda, Falcon NX400, 2008;
- Ensiladeira Menta modelo Robust Quattro, 2004;

- Plantadeira Jumil, J2s, 1992, com 3 linhas.

Aceito troca por gado de leite.

Tratar com Alex pelo telefone (16) 99136-6858.

VENDE-SE

- Plantadora de grãos Jumil 2800, 8 linhas, plantio convencional, R\$ 6.000,00.

Tratar com André pelo telefone (16) 9 9614-4488.

VENDEM-SE

-Varredura de adubo (08-10-10), excelente qualidade e com menos impurezas, produto + frete, pagamento à vista. Aplica-se com esparrameira;

- Prédio comercial em área nobre, Av. Independência, Alto da Boa Vista, Ribeirão Preto, alugado para comércio, 700 m² AC, R\$ 3.850.000,00, aceita-se imóveis como permuta. Particular para particular. Descartam-se corretores.

Tratar com Paulo (16) 9 9609-4546 ou 9 9395-1262.

VENDE-SE

- Ford Ranger, 2010, modelo XL, diesel, cabine dupla, branca em bom estado de conservação e 93.000 km, R\$ 46.000,00.

Tratar com Gilberto Bonacin pelos telefones: (16) 3954-1633 ou (16) 9 8155-8381.

VENDE-SE

- Silverado 6cc, diesel, preta, ar-condicionado, direção hidráulica, trava elétrica e alarme, acompanha dois jogos de rodas, sendo um aro 20 e outro aro 15. Documentos de 2016 pagos.

Tratar com Waldemar ou Ciro, pelos telefones



(17) 9 8102-1947 ou (17) 9 9143-8385, e e-mail ciroadame@gmail.com

VENDE-SE

- Apartamento no empreendimento Les Alpes da construtora Copema, em Ribeirão Preto, no bairro Saint Gerárd. Área de 140 m², 3 suítes e 2 vagas na garagem.

Tratar pelo telefone (16) 9 9630-1148 com Tatiana.

VENDE-SE

- Área de mata fechada, três alqueires e uma quarta, Estado de Minas Gerais, entre São Tomás de Aquino e Capetinga, bairro dos Pereiras. Valor a combinar.

Tratar Janaína Oliveira Andrade (35) 3543-2007 ou José Antônio Oliveira (35) 9 9833-8727.

VENDEM-SE

- Ovinos, liquidação de Plantel, criador há 15 anos: ovelhas, borregas, filhotes e reprodutores.

Tratar com Paulo Geraldo Pimenta pelos telefones (16) 3818-2410 (escritório) ou (16) 9 8131-5959.

VENDEM-SE

- Fazenda com 5.400 hectares, sendo 2.800 hectares plantados em eucaliptos com altitude de 900 metros, localizada em Arcos-MG;

- Fazenda com 1.122 hectares, sendo 750 hectares plantados em eucaliptos, localizada em Itapeva-SP;

- Fazenda com 664 hectares, sendo 535 hectares plantados em eucaliptos, localizada em Itapeva-SP.

Tratar com Arnaldo pelo telefone (16) 9 9351-1818.

VENDEM-SE

- Conjunto completo de equipamento para combate a

incêndio, R\$ 35.000,00;

- Patrol - máquina moto niveladora, marca Dresser, modelo 205-c, 1988, revisada, pneus novos, motor novo cummins, em bom estado, R\$ 80.000,00;

- Caminhão Volks 31260, 2006, com carroceria e carreta reboque Facchini de 2 eixos para cana inteira, em bom estado.

Tratar com Marcos Aurélio Pinatti pelos telefones (17) 3275-3693 ou (17) 9 9123-1061.

VENDEM-SE

- Sítio de 14 alqueires, com APP e Reserva Legal formadas, excelente para gado (leite e corte) e piscicultura (2 minas com 1 milhão de litros/dia, rio ao fundo e um córrego em um dos lados), em Descalvado/SP;

- Caminhonete C-10, ano 71, bom estado de conservação, gasolina.

Tratar com Luciano pelo telefone (19) 9 9828-3088.

VENDEM-SE

- Tanque de Expansão de 1.200 litros;

- Ordenhadeira, 4 conjuntos;

- Lasca de Aroeira.

Tratar com Milton Garcia Alves pelos telefones (16) 3761-2078 ou (16) 9 9127-8649.

VENDE-SE

- Terreno de 2.000 metros em excelente localização. Ótimo para chácara.

Tratar com Antonio Celso Magro pelo telefone: (16) 9 9211-1916.

VENDEM-SE

- 01 bazuca com capacidade de 6.000 Kg, Maschietto - R\$ 5.000,00;

- 01 Pá-carregadeira, modelo 938 GII, ano 2006, série 0938 GERTB, em bom estado de conservação- R\$ 120.000,00;

- 01 conjunto de irrigação completo com fertirrigação, filtro de areia e gotejador Uniram Flex 2,31 x 0,70m com +/- 30 mil metros, sem uso - R\$ 52.000,00;

- 01 lote grande de aroeira com diversas bitolas e comprimentos - R\$ 35.000,00;

- 01 Compressor, modelo ACC115, motor 115 HP/84KW, pressão de trabalho 06 BAR, Fad 350 pés cúbicos por minuto, peso 1950 Kg, acoplado com carreta - R\$ 95.000,00.

Tratar com Furtunato pelos telefones (16) 3242-8540 – 9 9703-3491 ou furtunatomagalhaes@hotmail.com - Prazo a combinar.

VENDEM-SE

- Pá carregadeira Case W20E, ano 2010, no valor de R\$ 150.000,00;

- Motoniveladora Caterpillar 140K, ano 2011, com 7.900 horas, no valor de R\$ 320.000,00;

- Arado 4 bacias - R\$ 1.000,00;

- Arado 3 bacias, reversível - R\$ 1.000,00;

- Vagão forrageiro;

- Ensiladeira Menta 3000.

Tratar com Wilson – (17) 9 9739-2000 - Viradouro -SP

VENDEM-SE

- Fazenda no município de Buritizeiro com área de 715 hectares, toda cercada, 200 ha para desmate, 300 ha formados, 2 córregos e uma barragem, casa, curral, energia elétrica a 400 metros (aguardando instalação), propriedade a 6 km de Buritizeiro (Rio São Francisco). Valor R\$ 4.500.000,00;

- Sítio em Buritizeiro com área de 76,68 hectares, formado, casa e curral, energia elétrica, cercada a 18 km de Buritizeiro (Rio São Francisco). Valor R\$ 250.000,00.

Tratar com Sérgio pelos telefones (16) 9 9323-9643 (Claro), (38) 9 9849-3140 (Vivo) e (16) 3761-5490.

VENDEM-SE

- Fazenda localizada no município de São Roque de Minas, com área de 82,7 hectares, contendo: Casa antiga grande, energia elétrica, queijeira, curral coberto, aproximadamente 20.000 pés de café em produção, água



por gravidade, 3 cachoeiras dentro da propriedade, vista panorâmica do parque da serra da canastra;

- Eliminador de soqueira usado e em bom estado.

Tratar com José Antônio pelo telefone (16) 9 9177-0129.

VENDEM-SE

- Palanques de Aroeira;
- Madeiramento, Vigas, Pranchas, Tábuas, Porteiros, Moirões e Costaneiras até 3 metros.

Tratar com Edvaldo pelos telefones (16) 9 9172-4419 (16) 3954-5934 ou madeireiraruralista@hotmail.com

VENDEM-SE

- Kombi/09, branca, flex, STD, 9 passageiros, único dono 135.000 km, perfeito estado de conservação;
- Camioneta Silverado 97/98, prata, banco de couro, diesel, único dono, bom estado de conservação;

Tratar com Mauro Bueno pelos telefones (16) 3729-2790 ou (16) 9 8124-1333.

VENDE-SE

- Chácara com 2.242 m², na região de Ribeirão Preto, casa com 3 quartos, 1 sala de estar e 1 sala de jantar, cozinha, 1 banheiro interno e 1 externo, área externa com piscina, murada e com pomar.

Tratar com Alcides ou Patrícia pelos telefones (16) 9 9123-5702 ou 9 9631-8879.

VENDE-SE

- Sítio em Cajuru, 3 alqueires formados em pasto, 2 casas, represa e outras benfeitorias.

Tratar com Carlos pelo telefone (16) 9 9264-4470.

VENDE-SE

- Sítio com 13 alqueires, localizado na Vicinal Vitor Gaia Puoli - Km 2, em Descalvado-SP, em área de expansão urbana, com nascente, rio, energia elétrica, rede de esgoto e asfalto.

Tratar com o proprietário - Gustavo F. Mantovani pelos telefones (19) 3583-4173 e (19) 9 9767-3990.

VENDEM-SE

- Carroceria cana picada Galego, tombamento esquerdo;

- Carroceria aberta para transporte e plantio de cana inteira, de ferro, 8 metros, Galego;

- 2 rodas (aro e disco) 18-4-38 seminovos;

- 2 rodas (aro e disco) 14-9-28 seminovas;

- Aduadeira e Calcareadeira modelo Komander 3.6, Kamaq;

- Cultivador Civemasa completo Modelo CATP 2L, CATPY AR 2

L, com sulcador, haste subsoladora, disco de corte de palha, carrinho de cultivador, quebrador de terrão que vai atrás do carrinho e marcador de sulcação e banquetas;

- Grade Niveladora dobrável Hidráulica, Tatu, modelo GNDH 56 discos de 22 polegadas;

- Chevrolet S10 LTZ 2.8, turbo, diesel, 4x4, automática, 2015/2016, Km: 30 mil km, preta, 4 pneus BF goodrich novos.

Tratar com Marcus ou Nelson pelos telefones (17) 3281-5120, (17) 9 8158-1010 ou (17) 9 8158-0999.

VENDEM-SE

- F 250 XLT L, 2006, prata CS;

- Strada adventure locker, 2010, preta CE;

- Montana Conquest 1.4 2009 completa;

- Corolla GLI, automático, 2014, prata;

- Focus S, 2014, prata;

- D 20, 1987;

- Trator MF 275, 2002.

Tratar com: Diogo (19) 9 9213-6928, Daniel (19) 9 9208-3676 e Pedro (19) 9 9280-9392.

VENDEM-SE

- Caminhão VW 26310, ano 2004 - canavieiro 6x4, cana picada -

Rodoviária;

- Carreta de dois eixos, cana picada - Rondon.

Tratar com João pelos telefones: (17) 3281-1359 ou (17) 9 9736-3118.

VENDE-SE

- Gleba de terras sem benfeitorias (30 alqueires), boas águas, arrendamento de cana com Usina ABENGOA (Pirassununga). Localizada no município de Tambaú-SP (Fazenda família Sobreira).

Tratar com proprietário em Ribeirão Preto pelos telefones: (16) 3630-2281 ou (16) 3635-5440.

VENDEM-SE

- Sítio Arlindo - município de Olímpia, área de 12 alqueires, casa de sede, área de churrasco (100 m²), casa de funcionário reformada, pomar e árvores ao redor da sede, 4 alqueires de mata nativa de médio/grande porte, terras de "bacuri" (indicador de terras muito férteis). Rede elétrica nova, divisa com fazenda Baculerê, distância de 25 Km de Olímpia;

- Carreta tipo Been, cor laranja, para 8 toneladas, muito prática e resistente, se autocarrega e descarrega em caminhões. Tempo de descarregamento 23 minutos, trabalha com baixa velocidade na esteira, mas grande eficiência.

Tratar com David pelo telefone: (17) 9 8115-6239.

VENDEM-SE

- Fazenda com 48 alqueirões, no município de Carneirinho

- MG, localizada muito próxima da rodovia asfaltada. Ótimo aproveitamento para plantio de cana, seringueira e/ou pastagens.

Preço: R\$ 70.000,00/



alqueirão;

- Imóvel sobradado em Ribeirão Preto - SP, localizado na Av. Plínio de Castro Prado, com salão e WC privativos, sacada, 03 dormitórios, sendo uma suíte, armários embutidos, banheiro social, sala, sala de jantar, jardim de inverno, cozinha com armários, área de serviço, quarto com estante em alvenaria, WC, despensa, varanda coberta, ótima área externa.

Excelente ponto comercial. Área construída: 270 m².

Tratar com Marina e Ailton pelos telefones (17) 9 9656-3637 e (16) 99134-8033 – Marina ou (17) 9 9656-2210 – Ailton.

VENDEM-SE

- Fazenda em São Roque de Minas-MG, área com 380 hectares, casa sede, casa de caseiro, curral, cercas novas, represa, varias nascentes, cachoeira, divisa com a Serra da canastra, 28 km de estrada de terra de Tapira-MG, Valor R\$ 3.800.000,00;

- Fazenda em Campina Verde-MG, área com 242 hectares, casa sede nova, casa de caseiro, curral, barracão, 9 divisões de pasto/cerca nova, 10 km de cerca de choque, 3 nascentes, represa, 11 km do asfalto, 15 km da cidade sendo 11km de terra e 4km de asfalto, terra vermelha sem cascalho, topografia plana, documentação: CAR/GEO/RESERVA LEGAL OK. Estuda permuta;

- Fazenda em Andrelândia-MG, área com 320 hectares, casa sede, casa de caseiro, curral, tronco e balança Coimma, 3 galpões de implemento, área para cultivo de café, com estrutura para manuseio, 5 divisões de pasto com bebedouro e cocho, 2 represas, 3 lagoas naturais, 6 minas D'água, 1,5 hectare de eucalipto, 1 hectare de capim e cana, 20%

reserva;

- Fazenda

em Castelo dos Sonhos-PA, área - 2.600 alqueires, área aberta - 1.400 alqueires, casa sede, 3 casa de caseiro, 2 currais com brete e balança, 1 barracão de 10x30, 2 transformadores, telefone, represas naturais nos pastos, Rio Curuá no fundo, várias divisões de pasto com corredor, cerca 5 fios de arame liso, cocho coberto em todos os pastos, topografia plana, solo vermelho e misto, beira do asfalto BR-163, 20 km da cidade, 300 km do frigorífico Redentor-MT, 200 km do frigorífico Redentor-PA, Estuda permuta;

- Fazenda em Cajuru-SP, área com 30 alqueires, 20 alqueires em cana, casa de caseiro, curral, 10 km de Cajuru sendo 4 km de terra, 6 de asfalto;

- Fazenda em Cajuru-SP, área com 113 alqueires, 86 alqueires em cana, arrendamento 4.200 toneladas ano, casa sede, casas de caseiro, curral 12 km de Cajuru;

- Fazenda em Cravinhos-SP, área com 50 alqueires, 42 alqueires em cana, arrendamento 65 toneladas por alqueire, 10 km da Usina, R\$ 135.000,00 por alqueire;

- Fazenda em Carmo da Cachoeira-MG, área com 464 hectares, área de café 222 hectares, 870 mil pés de café (altura referente ao nível do mar: mínima de 980 metros e máxima de 1.050 metros), certificada por Certifica Minas-Licenciada e autorizada pela R.F.U como exportadora de café, casa sede, casa de administrador, 7 casas de colono, 5 barracões de armazenamento, 2 barracões de implemento, 1 galpão de beneficio e rebeneficio 450m², 1 oficina completa, posto de abastecimento (Diesel), 1 reservatório de água de 1 milhão de litros, 2 lavadores.

Tratar com Paulo Sordi, Fábio Valente e Miguel Lima pelos telefones (16) 99290-0243, 3911-9970, (16) 99184-7050, (16) 99312-1441.

VENDEM-SE

- Trator 4283, 4x4, 2016, 0 hora;

- Trator 292, 4x4, 2009, 2 mil horas;

- Caminhão Mercedes 1113 truck, graneleiro, 73, vermelho;

- Colhedora de grãos MF 3640, 1990, revisada;

- Plataforma de soja 14 pés, flexível;

- Plataforma de milho 5 linhas;

- Bazuca com capacidade de 6 mil kg;

- Bazuca com capacidade de 8 mil kg;

- Distribuidor de adubo, 4 caixas, com disco TATU;

- Distribuidor de adubo, 4 caixas, com disco Baldan;

- Grade niveladora 3620, com controle remoto Baldan;

- Terraceador 18 discos, com controle remoto TATU.

Tratar com Saulo Gomes pelo telefone (17) 9 9117-0767.

VENDEM-SE

- VW 13190/13 worker 4x2 chassi;

- VW 26260/12 pipa bombeiro;

- VW 26260/12 transbordo;

- VW 26260/12 calda pronta;

- VW 26260/11 munk prancha;

- VW 31320/10 pipa bombeiro;

- VW 15180/11 const.4x2 chassi;

- VW 15180/11 baú oficina;

- VW 15180/08 boiadeiro;

- VW 15180/02 baú oficina;

- MB 2729/14 betoneira;

- MB 1718/12 4x2 chassi;

- MB 1725/09 4x4 abastecimento;

- MB 1725/06 4x4 comboio;

- MB 1725/06 4x4 chassi;

- MB 2423/04 pipa bombeiro;

- MB 2318/99 6x4 chassi;

- MB 2318/96 6x4 chassi;

- MB 1418/96 4x4 chassi;

- MB 2325/92 pipa bombeiro;

- MB 2314/91 pipa bombeiro;

- MB 2217/90 munk carrocera;

- MB 2220/88 pipa bombeiro;

- MB 2013/83 poly guindastes;

- MB 1513/76 4x2 chassi;

- MB 1113/69 4x2 chassi;

- F Cargo 1719/13 4x2 chassi;

- F12000/95 pipa bombeiro;

- Prancha 3 eixos/08;

- Hincol 43, 2012;

- Argos 20.5, 2010;
 - TKA 21.7, 2011;
 - Masal 12.5, 2007;
 - Caçamba truck 10m³;
 - Caçamba toco 5m³;
 - Tanque de Fibra 15.000 litros;
 - Caixa de transferência MB 2217/2318;
 - Baú 7.60;
 - Baú oficina 4.60;
 - Baú oficina 6.00, novo.
- Tratar com Alexandre pelos telefones: (16) 3945-1250 / 9 9766-9243 (Oi) / 9 9240-2323 Claro, whatsApp.

VENDEM-SE

- Trator Valtra BM, 100, 4x4, 2004;
 - Trator Valtra BH, 180, 4x4;
 - Trator Valtra BM, 110, 4x4;
 - Trator Massey Ferguson, 265, 4x2;
 - Trator Massey Ferguson, 290, 4x2;
 - Trator Ford, 4610, 4x2;
 - Trator Ford, 6610, 4x2;
 - Tanque de chapa para água de 3.500 litros;
 - Caminhão D-60, 77, motor Perkins, com direção hidráulica e carroceria de madeira;
 - Plantadeira Semeato, 3 linhas;
 - Chorumeira de 4 mil litros, Fertilance;
 - Arado Aiveca, 4 hastes;
 - Arado 3 bacias;
 - Grade niveladora, 20x20 de arrasto;
 - Grade intermediária, Tatu, 18x28, espessura 270mm;
 - Enleirador de palha DMB;
 - Kit's de amendoim;
 - Sulcador DMB.
- Tratar com Waldemar pelos telefones (16) 9 9326-0920.

VENDEM-SE OU TROCAM-SE

- Ford Ranger 3.0, Diesel, 2011, CD. 4x4 vende-se ou troca-se por trator de médio porte, com opção de

voltar a diferença;

- Trator New holland TT 4030, ano 2012, com 3600 horas (ou troca-se por trator de médio porte ou cabinado);

Tratar com Raul pelos telefones (34) 9 9972-3073 CTBC, (34) 9 9935-7184 Vivo, (34) 9 8408-0328 Claro.

VENDEM-SE ou PERMUTAM-SE

- Bezerros, crias de inseminação artificial, filhos de touros como Wildman THOR (3/4-Alta), GARIMPO Boss (3/4-Alta), CHARMOSO Wildman Tannus (3/4-Alta), IMPERADOR BAXTER (5/8-Alta), AXXOR Avalon (5/8-Alta), Gillette JORDAN (Ho/Semex), Gillette JERRICK (Ho/Semex), Willsey KESWICK (Ho/Semex), STEADY (Ho/Semex), ARISTEU (3/4-Semex), para serem, quando adultos, reprodutores em gados leiteiros.

Em caso de permuta, aceitamos novilhas e/ou vacas.

Tratar com Marina e Ailton pelos telefones: (17) 9 9656-3637 e (16) 99134-8033 - Marina ou (17) 9 9656-2210 - Ailton.

ALUGA-SE

- Estrutura de confinamento com capacidade para 650 cabeças com: 1 vagão forrageiro + 1 carreta 4 rodas + 1 carreta 2 rodas, 1 ensiladeira JF90, 1 trator 292 + 1 trator Ford 5610, 1 misturador de ração, 3 silos trincheiras de porte médio, sendo uma grande possibilidade de área para produção de silagem com irrigação ao redor de 30 ha, Jaboticabal-SP, a 2 km da cidade.

Tratar com Luiz Hamilton Montans pelo telefone (16) 9 8125-0184.

ARRENDAM-SE

- Terras e, se for necessário, há a

possibilidade de residir na propriedade.

Tratar com Patrícia da Silva Custodio de Viradouro-SP, pelo telefone (17) 9 9116-3185.

ARRENDA-SE

- Propriedade com 55 hectares, toda plantada em cana de açúcar, 2º corte, próximo de usina, na região de Frutal-MG, terra de primeira qualidade.

Tratar com Marcus ou Nelson pelos telefones (17) 3281-5120, (17) 9 8158-1010 ou (17) 9 8158-0999.

PROCURAM-SE

- Glebas de Cerrado em pé, no Estado de São Paulo, para reposição ambiental. Não pode ser mata. Área total da procura: Cinco mil hectares, podendo ser composta por várias áreas menores. Documentação atualizada, com: CCIR/CAR/Certificação de (Georreferenciamento), mapa do perímetro da área em KMZ e Autocad/Bioma/vegetação.

Valor por hectare, condição de pagamento e opção de venda.

Tratar com Ricardo Pereira pelo e-mail e telefone - ricardo@fabricacivil.com.br - (16) 9 8121-1298.

VENDE-SE OU PERMUTA-SE

- Fazenda 2.105 hectares, Bonópolis - GO (toda formada) Geo/Car em dia, 1600 hectares próprio para agricultura, plaina, boa de água, 4 km margem GO 443, vários secadores/recepção de grãos (50 km). A região é nova na agricultura (1 milhão de sacas de soja), mas está em plena expansão e é própria para integração lavoura/pecuária.

Tratar/fotos com Maria José (16) 9 9776-1763 - Whats (16) 9 8220-9761.



- A Revista Canavieiros não se responsabiliza pelos anúncios constantes em nosso Classificados, que são de responsabilidade exclusiva de cada anunciante. Cabe ao consumidor assegurar-se de que o negócio é idôneo antes de realizar qualquer transação. - A Revista Canavieiros não realiza intermediação das vendas e compras, trocas ou qualquer tipo de transação feita pelos leitores, tratando-se de serviço exclusivamente de disponibilização de mídia para divulgação. A transação é feita diretamente entre as partes interessadas.

INOVAÇÃO

Programa MOVER® + CURAVIAL®

MAIS CANA E ENERGIA
NO SEU CANAVIAL.

+10.8 t/ha

Ganhos expressivos
de produtividade



+9.5 kg de ATR/t de cana

Ganhos expressivos de ATR



Ganhos expressivos de
ATR e de produtividade



Alta velocidade de resposta
nos ganhos de ATR, com
baixo período de carência.



Melhora na brotação
de soqueira



Melhora na qualidade de
matéria prima com ganhos
logísticos, agrícolas
e industriais



STIMULATE

MOVER

DuPont
Curavial
maturador



Curavial® – produto perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. Consulte sempre um engenheiro agrônomo. Venda sob receituário agrônomico. Produto de uso agrícola. Faça o Manejo Integrado de Pragas. Descarte corretamente as embalagens e restos do produto. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Stimulate® – produto pouco tóxico (Classe IV) e pouco perigoso ao Meio Ambiente (Classe IV). O aumento da produtividade e rentabilidade foram observados em campos experimentais, onde foram utilizados os produtos mencionados seguindo corretamente as informações de dosagem e aplicação. O aumento de produtividade e rentabilidade depende também de outros fatores: como: condições de clima, solo, manejo e estabilidade do mercado, entre outros. Dados de pesquisa realizada pelo professor Carlos Alexandre Crusiol, da UNESP de Botucatu-SP. TeleDuPont Agrícola: 0800 707 55 17 - www.dupontagricola.com.br. EMERGÊNCIA: Stoller do Brasil Ltda. (19) 3872-8285 - info@stoller.com.br - www.stoller.com.br.

As marcas com ®, ™ ou ® são marcas da DuPont ou de afiliadas. © 2017 DuPont. Mover® é fertilizante da Stoller.

CAMPANHA

SAFRA DA PESADA

BAYER

Chegou o momento de fazer o melhor negócio!
Procure o seu representante Bayer e conheça as condições que preparamos especialmente para você.

Participe e conte com a gente para atingir a máxima produtividade do seu canavial!



 Converse Bayer
0800 011 5560
conversebayer@bayer.com

acesse agro.bayer.com.br



Se é Bayer, é bom